



PRIMEIRO MÊS

Sala Lilás acolhe mais de 50 vítimas de violência no estado

Serviço pioneiro oferece atendimento especializado a mulheres e crianças que sofrem agressão. *Página 7*

Foto: Evandro Pereira



Avançam obras do Boulevard dos Ipês

Porta de entrada para o Polo Turístico Cabo Branco, espaço será inaugurado no dia 5 de agosto. *Página 5*

Pais aderem a produtos bancários para ensinar finanças aos filhos

Conta-corrente, poupança, cartão de crédito e Pix já fazem parte da vida dos jovens, que aprendem desde cedo a lidar com o dinheiro

Página 17

Foto: Alessandra Tavares



■ “Tinha do Piauí um clarão forte que me encandeou ao chegar à porta do avião naquele desembarque há mais de 50 anos”.

Gonzaga Rodrigues

Página 2

■ “Gosto de falar a gente moça, a adolescentes irrequietenos, àqueles que ainda sabem tão pouco dos mistérios”.

Hildeberto Barbosa Filho

Página 11



Correio das Artes

O suplemento promove um resgate da vida e da obra de dois grandes artistas paraibanos: Glorinha Gadelha e Cassiano. Ambos serão homenageados na 8ª edição do Festival de Música da Paraíba e representam o que há de melhor na cultura nordestina.

Iniciativa promove a ressocialização por meio do estímulo à leitura

Desenvolvido pelo Governo do Estado, programa A Leitura Liberta oferece conhecimento a pessoas privadas de liberdade.

Página 6



Adaptação de “O Eternauta” estreia na Netflix

Série baseada na história em quadrinhos de ficção científica, criada por Héctor G. Oesterheld, traz o argentino Ricardo Darín como o protagonista Juan Salvo.

Página 9

Botafogo-PB joga, hoje, contra o Guarani-SP, pela 4ª rodada da Série C

Belo busca sua segunda vitória na competição, a primeira fora de casa, enquanto o adversário segue na lanterna do torneio.

Página 21

O bem maior

O expressivo número de acidentes que continuam sendo registrados cotidia-namente nas vias e rodovias do país tornou-se uma preocupação constante da so-ciedade brasileira. Daí a importância da adesão do Governo da Paraíba, por meio do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB), ao Movimento Maio Ama-relo. É mais um esforço concentrado para tentar retroagir as estatísticas relacio-nadas a esses sinistros.

Com o tema local “Desacelere. Seu bem maior é a vida!” — escolhido por meio de enquête promovida pela Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran) —, a cam-panha do Maio Amarelo começa amanhã, em escala mundial, e tem como obje-tivo ampliar a consciência das pessoas, sejam pedestres, sejam motoristas, acerca da necessidade urgente de evitarem se transformar, de alguma maneira, em pro-tagonistas de acidentes de trânsito.

Há 12 anos que governos e segmentos da sociedade civil organizada realizam ações coordenadas que dão vida ao Movimento Maio Amarelo, cujo sentido soberano é envolver um grande número de pessoas, empresas e instituições em estratégias já consolidadas ou em novos processos destinados a reforçar a segurança no trânsito. Isso porque aumenta, a cada dia, a quantidade de veículos nas ruas e rodovias, potencializando os riscos.

O Movimento Maio Amarelo eclodiu após a Assembleia Geral da Organiza-ção das Nações Unidas (AGNU) de 2010, realizada em Nova Iorque, nos Estados Unidos, e logo ganhou força pelo mundo afora, mas só foi lançado no Brasil, em 2013. Durante a campanha, a questão da segurança viária é discutida nos mais diversos segmentos, a exemplo de órgãos governamentais, empresas, entidades de classe, associações, federações e sociedade civil.

E não é para menos. Os acidentes envolvendo motocicletas, que lideram as es-tatísticas relacionadas a essa modalidade de sinistro, são responsáveis por encar-gos sociais muito altos para o Brasil, representados tanto por vidas perdidas (o ônus maior) quanto em gastos públicos. Sobrecarregam o Sistema Único de Saú-de (SUS), além de causar impactos negativos, embora indiretos, tanto na econo-mia como na Previdência Social.

Foi constatado, por meio de pesquisas, que acidentes de trânsito consomem de 3% e 5% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro. Tais ocorrências, além dos prejuízos financeiros, resultam em dramas imensuráveis, vivenciados por fami-liares e amigos, diante, por exemplo, da perda de vidas jovens, no caso dos sinis-tros com motocicletas, das quais se ressentem, também, embora em plano secundário ou terciário, o mercado de trabalho.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

A liberdade de imprensa

Muita gente confunde liberdade de im-prensa com liberdade de expressão. Talvez porque a Constituição de 1988 elegeu essas liberdades como direitos individuais e co-letivos num mesmo artigo — o 5º, incisos IV, IX e XIV. A primeira representa o po-der de difundir o pensamento de todos; a segunda, o poder de dizer o que se pensa. Porém, nada é absoluto num Estado Demo-crático de Direito. O exercício da liberdade de imprensa não permite que maus profis-sionais destruam a honra de cidadãos sob a concepção equivocada de que essa liber-dade é ilimitada.

Se a nossa Carta Magna garante a li-vre manifestação do pensamento, a liber-dade de imprensa, necessariamente, exi-ge responsabilidade pelo que se propaga no âmbito jornalístico. Desde 1789, com a proclamação da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, já estava estabe-lecido que:

“A livre emissão das opiniões e dos pa-receres é um dos direitos mais preciosos do homem; portanto, todo e qualquer cidadão pode falar, escrever e imprimir livremen-te, salvo nos casos em que o abuso desta li-berdade implique uma responsabilidade determinada pela lei”.

Esse princípio foi reafirmado na Decla-ração Universal dos Direitos do Homem, em 1948.

A liberdade de expressão, quando uti-lizada para fazer mal a outros sujeitos, é o exercício dessa faculdade de maneira dis-torcida e deturpada. Se assim se manifes-ta na atividade profissional do jornalismo — na qual devem ser cumpridos princí-pios éticos e técnicos —, entra em confron-to com o legítimo exercício da liberdade de imprensa.

Depreende-se, portanto, que a liberdade de expressão, quando atenta contra a hon-ra de cidadãos, configura infração constitu-cional e ato criminoso tipificado no Direito Penal. Por isso, faz-se necessária uma ur-gente regulação da mídia, de forma a con-ter abusos e desrespeitos aos direitos e obri-gações definidos legalmente. O controle social da mídia não pode ser compreendi-do como ato de censura, uma vez que seu objetivo principal é de inibir práticas que violem os princípios do Estado Democrá-

tico de Direito. Até porque, na história re-cente do Brasil, experimentamos os males causados pela censura, quando nosso país esteve sob um regime ditatorial militar que nos privou da liberdade de imprensa por longos 21 anos, a partir do Golpe de 1964.

O problema é que o oligopólio da mí-dia brasileira insiste em não corresponder ao direito que todo cidadão tem de se co-municar e de receber informações, num ambiente livre, aberto e plural. O Estado de Direito impõe uma imprensa indepen-dente e imparcial, que respeite os princí-pios consagrados na Constituição, assegu-rando a inviolabilidade da intimidade, da vida privada, da honra e da imagem das pessoas — além da devida indenização por danos materiais ou morais decorren-tes de sua violação.

Ontem, 3 de maio, foi celebrado o Dia Mundial da Liberdade de Imprensa, insti-tuído pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 1993. No Brasil, a data é come-morada, nacionalmente, em 7 de junho. É, portanto, uma oportunidade para refletir-mos sobre a importância da liberdade de imprensa na construção de uma socieda-de democrática e o momento de combater a violência contra jornalistas — incluindo agressões físicas e verbais, intimidações e processos judiciais.

“

A liberdade de expressão, quando utilizada para fazer mal a outros sujeitos, é o exercício dessa faculdade de maneira distorcida e deturpada

Rui Leitão

Foto Legenda

Carlos Rodrigo



A vida em nossas mãos

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Entro afinal no Piauí

Sem ser muito de sair de casa, salvo por obrigação, restava o Piauí com sua Teresina, na minha querença mais íntima pelo Nordeste. De volta de uma viagem a São Luís, o velho DC-3 desceu para abastecer em Teresina. Pela primeira vez, enfrentei um sol mais su-focante que o de Santa Luzia, da nossa Paraí-ba. Pouco depois, em 1973, voltando pela BR da mesma São Luís, vi-me perdido entre os picos e esculturas fenomenais do Parque das Sete Cidades.

E agora me chega de graça, ainda por cima premiando-me, o Piauí na sua linguagem afe-tiva, no seu espírito, que é o Piauí da crônica de Rogério Newton. Afundo-me na leitura e, à medida que leio, vou me achando ao lado des-se escritor de apurada leveza de escrita, nada forçado, numa depuração espontânea de res-peito ao leitor comum e a todos os níveis de leitura que não sei onde encontrar, hoje, via jornal, nas matrizes que modelavam e dava a palavra final às letras brasileiras.

A crônica foi feita para isso. Não impor-ta se é gênero menor ou se não chega a ser literatura. É o que melhor e mais acessível se presta, como leitura de bom gosto, a revelar o humano que cada vez mais se esconde por trás do celular. Há 25 anos morando no mes-mo prédio, 150 vizinhos com passagem obri-gatória por dois elevadores, é raro o dia em que nos entreolhamos. Mais rara ainda a gra-ça de um bom-dia. Todos nas regiões etéreas da internet.

Sempre fui um atado fora do meu terrei-ro. O Rio que comecei a gostar foi o que an-dei pisando na crônica de Rubem Braga e Ge-nolino Amado, republicados no jornal que eu revisava. Genolino, um escritor que a biblio-grafia crítica da literatura brasileira omite ou desconhece.

Um dia tive que enfrentar a manhã fria numa fila de hospital, em São Paulo, tiritan-do a pé por entre os penhascos encimentados que me levavam até lá. Voltando ao ho-tel, apanho na banca um “ Um homem sem profissão”, livro de fim de carreira de Oswald de Andrade, e termino com outro ânimo sob o domínio da mamãe, numa casa de varan-das, todo um vergel renascido ou replantado na leitura de uma memória com alo de crôni-

“

A crônica foi feita pra isso. Não importa se é gênero menor ou se não chega a ser literatura

Gonzaga Rodrigues

ca, como “As Florestas” de Augusto Schmidt.

Tinha do Piauí um clarão forte que me en-candeou ao chegar à porta do avião naquele desembarque há mais de 50 anos. Nas minhas contas, o piauiense tem custado a descobrir João Pessoa. Quando a descobre, torna-se pa-raibano como o inesquecível Machado Biten-court, nascido em Piracuruca, tendo feito do cenário nordestino um dos mais preciosos fo-tojornalismos da paisagem regional. Deixou acervo que a arte ou a comunicação brasileira segue em dívida com a sua preservação. Par-te foi confiscada pela ditadura, outra parte se mantém na Funesec, como consta em verbete do Dicionário de Artes Visuais de Dyógenes Chaves. Outro piauiense das minhas amiza-des é Bené Siqueira, professor emérito de ma-temática; mas o mestre Bené é ocupadíssimo, ainda tem idade para isso, e conversamos de passagens. Deles todos havia de surgir quem viesse lá de dentro, do corredor, dos quartos, da cozinha; quem abrisse as portas, a jane-la e arrastasse a cadeira até a calçada da Eli-seu Martins, “rua de Terezina para República brasileira nenhuma botar defeito” e me fazer sentir na Rua da Saudade, aqui no Tambiá, ou rezando com esse “pescador de leitores” que me abraça aquele belíssimo “Evangelho dos mortos do cemitério da Praia de Barra Gran-de”, elegia que dá título ao livro.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)
ASSINATURAS: Anual R\$385,00 / Semestral R\$192,50 / Número Atrasado R\$3,30

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br / ouvidoria@epc.pb.gpv.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

ANDANÇAS DO PATRIMÔNIO

Paraíba é destaque em projeto criado pelo Iphan

Programa tem o objetivo de elaborar o Plano Nacional do Patrimônio Cultural

A Paraíba é uma das principais protagonistas do projeto criado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para construir uma política de preservação do patrimônio cultural brasileiro. Trata-se do Andanças do Patrimônio, que se baseia num conjunto de atividades de escuta ativa cujo principal objetivo é sistematizar contribuições para a elaboração do 1º Plano Nacional Setorial do Patrimônio Cultural (PNSPC) e do Marco Regulatório do Sistema Nacional de Patrimônio Cultural (SNPC). Os documentos são considerados estratégicos para orientar a atuação governamental e promover mais transparência e participação social na gestão do patrimônio cultural.

“Essa é uma ação prioritária, cujo objetivo é fortalecer a política de patrimônio no país inteiro. A ideia é olhar para o que já está sendo feito nos estados e municípios e, a partir dessa inspiração, desses *cases*, construir esse importante legado da gestão, que será o desenho do SNPC constituído”, afirmou o presidente do Iphan, Leandro Grass. Percorrendo o território nacional, o Andanças do Patrimônio vai realizar diagnósticos, mobilizar atores, firmar acordos, discutir as competências e a divisão de responsabilidades para a gestão e preservação do patrimônio cultural, culminando na formulação participativa e democrática.

O local escolhido para o lançamento do projeto é justamente a capital paraibana. João Pessoa foi a primeira das 27 unidades federativas a receber as oficinas do projeto, nos dias 24, 25 e 26 do último mês de abril, dentro da programação do II Encontro Nacional de Gestores de



Foto: Divulgação/Iphan

João Pessoa foi a primeira das 27 unidades federativas a receber as oficinas do Andanças

Mobilização

O projeto vai realizar diagnósticos, mobilizar atores, firmar acordos, discutir as competências e a divisão de responsabilidades para a gestão e preservação do patrimônio cultural

Cultura (ENGEcult). Durante esses três dias, aconteceram reuniões com os gestores de patrimônio no estado, audiências com a sociedade civil para debater o plano setorial, oficinas para elaboração de projetos e para difusão da política de educação patrimonial.

No primeiro dia do ENGEcult, ocorreu a Oficina de Escuta Participativa, no Centro Cultural São Francisco, que deu largada no cronograma de ações do projeto Andanças do Patrimônio. Durante todo o dia, estiveram reunidos diversos segmentos ligados à preservação cultural, incluindo detentores de bens, conselheiros locais de cultura, membros do Comitê de Fomento e Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, pesquisadores, acadêmicos, empresários, técnicos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep), representantes do Poder Legislativo municipal, da Secretaria de Cultura e da Comissão de Cultural, Patrimônio e Turismo da Ordem dos Advogados do Brasil – Seccional Paraíba (OAB-PB).

Foram levantadas propostas como a criação de indica-

dores para avaliar a vulnerabilidade de bens culturais e o desenvolvimento de mecanismos para aprimorar a comunicação entre órgãos responsáveis pela preservação patrimonial. A diretora do Departamento de Articulação e Fomento (Dafe) do Iphan, Marcia Lucena, destacou que a primeira etapa do projeto ampliou o diálogo com a sociedade civil, permitindo a consolidação de contribuições fundamentais para estruturar o Sistema Nacional de Patrimônio Cultural.

■ Foram levantadas propostas como a criação de indicadores para avaliar a vulnerabilidade de bens culturais

Oficinas capacitam na elaboração de projetos

No último dia 26, a programação contou com a Oficina de Elaboração de Projetos Culturais de Preservação e Salvaguarda do Patrimônio, que são encontros importantes e muito valorizados pela sociedade civil, apontou a coordenadora-geral de Fomento e Economia do Patrimônio do Departamento de Articulação, Fomento e Educação (Dafe). “É uma das principais demandas que chegam ao Iphan, algo que

■ Programação contou com a Oficina de Elaboração de Projetos Culturais de Preservação e Salvaguarda do Patrimônio

aparece frequentemente nos planos de salvaguarda. Especialmente neste contexto de recursos limitados, os detentores, moradores de centros históricos e outros trabalhadores ligados ao patrimônio têm expressado grande interesse em se capacitar. Eles buscam autonomia para elaborar e propor seus próprios projetos, sem depender de grandes produtores ou intermediários, acessando diretamente os recursos disponíveis”, afirmou Laís.

Esta é uma iniciativa que faz parte de um ciclo de oficinas que têm o objetivo de capacitar atores da sociedade civil para a captação de recursos e execução de projetos relevantes para a preservação e salvaguarda do patrimônio cultural brasileiro, por meio de editais públicos e privados (nacionais, estaduais e municipais), leis de incentivo, da Política Nacional Aldir Blanc (Pnab), entre outras oportunidades de fomento.

UN Informe DA REDAÇÃO

GOVERNO DA PARAÍBA ABRE CAMPANHA MAIO AMARELO, AMANHÃ, EM JOÃO PESSOA

“Desacelere. Seu bem maior é a vida!” é o tema da campanha do Movimento Maio Amarelo deste ano, escolhido por meio de enquete promovida pela Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran). Amanhã, o Governo da Paraíba, por meio do Departamento Estadual de Trânsito (Detran-PB), abre a campanha, em solenidade que será realizada às 9h, no auditório da Academia de Ensino da Polícia Civil (Acadepol), em João Pessoa. O evento vai contar com a presença de autoridades, dando início à campanha mundial, que tem como finalidade alertar sobre o grande número de vítimas de sinistros nas vias e rodovias. Neste ano, o movimento completa 12 anos de criação e, assim como nas edições anteriores, o objetivo é envolver a sociedade em ações sobre segurança no trânsito. O Movimento Maio Amarelo surgiu após Assembleia Geral das Nações Unidas, realizada em março de 2010, mas só foi lançado no Brasil em 2013. Na quarta-feira, a Prefeitura de João Pessoa realizou evento idêntico no âmbito municipal, em solenidade realizada no Mangabeira Shopping, comandada pelo superintendente da Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de João Pessoa (Semob-JP), Marcílio do HBE, que ressaltou a importância da educação como ferramenta principal para mudar comportamentos no trânsito. “A Semob-JP tem um compromisso firme com a formação de cidadãos mais conscientes e responsáveis no trânsito. Por isso, investimos constantemente em ações educativas, especialmente junto a crianças e jovens, que são multiplicadores desse conhecimento”, pontuou.



Foto: Divulgação/CMPJ

CONSCIENTIZAÇÃO

A Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB) realizou, na última semana, sessão especial em alusão ao Dia Mundial de Conscientização sobre o Autismo. O evento, presidido pelo deputado Michel Henrique, apresentou à população paraibana a Coletânea das Legislações Estaduais referentes ao TEA e a instalação da Sala de Estabilização Sensorial, espaço destinado ao atendimento a pessoas com autismo.

MUTIRÃO DO PROCON-PB (1)

O Procon Estadual realiza, a partir de amanhã até sexta-feira (9), em Campina Grande, o 92º Mutirão de Renegociação de Dívidas, oferecendo aos consumidores campinenses a oportunidade de regularizar seus débitos com condições facilitadas. A ação será realizada, das 8h às 16h, no Centro Artístico e Cultural da UEPB, localizado na Avenida Presidente Getúlio Vargas, no Centro da cidade.

MUTIRÃO DO PROCON-PB (2)

A iniciativa visa promover a recuperação do poder de compra dos consumidores e fomentar a economia local, oferecendo alternativas reais de negociação para quem enfrenta dificuldades financeiras. Durante os cinco dias de atendimento, representantes de diversas empresas e instituições financeiras estarão presentes para negociar diretamente com os consumidores.

INDICADORES DE PRODUTIVIDADE

A Secretaria Judiciária do Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba tem feito um monitoramento minucioso dos indicadores de produtividade da Justiça Eleitoral paraibana. O objetivo é cumprir as metas do Conselho Nacional de Justiça até o fim do ano e participar do Prêmio CNJ de Qualidade. Os indicadores da premiação são auferidos até o dia 31 de julho e impactam no cumprimento das metas até o final do ano.

SERVIÇOS MAIS CÉLERES

As metas nacionais do Poder Judiciário representam o compromisso dos tribunais brasileiros com o aperfeiçoamento da prestação jurisdicional, buscando proporcionar à sociedade serviço mais célere, com maior eficiência e qualidade. Segundo o secretário judiciário do TRE-PB, Marinaldo Júnior, o tribunal faz esse monitoramento no 2º Grau, de olho nos indicadores de processos antigos, taxa de congestionamento, entre outros.

EXPOSIÇÃO FAZ HOMENAGEM ÀS MÃES A PARTIR DE 9 DE MAIO

Já está quase tudo pronto para mais uma exposição em homenagem às mães, reunindo pinturas e poesias no restaurante Canoa dos Camarões. A abertura oficial acontecerá no dia 9 de maio e, até lá, a galeria se despede da coletiva “Feminino Plural”, aberta em março. A nova edição do Pinturas e Poesias vai reunir poetas e artistas plásticos.

Rogério Roberto Abreu

Juiz federal

“A definição de normas claras sobre o assédio está no topo das boas práticas organizacionais”



Segundo o magistrado da JFPB, o combate ao assédio e à discriminação deve incluir, ainda, canais fáceis de denúncia e atendimento

João Pedro Ramalho
joanopramalhom@gmail.com

A proteção à dignidade humana é a meta que norteia as políticas de combate ao assédio moral, ao assédio sexual e à discriminação no ambiente de trabalho. Para discutir essas políticas no âmbito do Poder Judiciário, o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) estabeleceu um evento anual: a Semana de Combate ao Assédio e à Discriminação. Na 5ª Região da Justiça Federal, que abrange os estados entre Sergipe e Ceará, o evento inclui o II Encontro Regional das Comissões de Prevenção ao Assédio, que será realizado nas próximas quinta e sexta-feira, na sede da Justiça Federal da Paraíba (JFPB), em João Pessoa. A iniciativa foi proposta pelo juiz federal Rogério Roberto Abreu, presidente da Comissão de Enfrentamento ao Assédio e à Discriminação da Seção Judiciária da Paraíba (CPEAMAS/JFPB). Em entrevista ao Jornal **A União**, o magistrado explicou em que consistem essas práticas abusivas, orientou como denunciá-las e comentou o trabalho feito pela comissão que preside.

Entrevista

■ *O que pode ser caracterizado como assédio moral?*

O assédio moral é uma reiteração de condutas que transformam o local de trabalho em um ambiente inóspito, insalubre; ou seja, no inferno. Não é um ato isolado. Se, por exemplo, o chefe chega de “cabeça virada” e é grosseiro com seu subordinado, mas em um fato que nunca aconteceu antes nem depois, isso não é assédio moral. Pode até ser dano moral, se ele tiver ofendido ou violado a dignidade, a intimidade ou um direito inerente à personalidade. Mas o assédio realmente precisa de um intervalo relevante de tempo em que, por atos pontuais e por uma conduta específica ou multivariada, a vida do trabalhador é transformada em um inferno.

■ *É possível dizer que o dano moral é algo isolado, enquanto o assédio é reiterado?*

Não necessariamente. O dano moral é uma ofensa que pode se caracterizar de forma isolada ou não, tanto que o assédio moral pode resultar num dano moral. Mas um único fato isolado pode configurar dano moral e não configura assédio, porque um dos requisitos para o assédio moral é uma continuação, em um processo que leva mais tempo. E isso tem repercussões na saúde e no comportamento do trabalhador. É uma pessoa que, a olhos nus, a gente percebe como mais isolada e entristecida; às vezes, é alguém que assume condições de saúde ruins. A pessoa adoece, busca o isolamento e a saúde mental dela se deteriora muito. Esses são sinais claros de que uma pessoa vem sofrendo assédio moral. Ainda há outros sinais verificáveis, como a queda de produtividade. Se uma pessoa que tem um nível de produtividade muito bom, mas, de repente, começa a ter um déficit na sua capacidade de produção, isso pode ser o reflexo de uma prática de assédio moral, sexual ou discriminação que afetou sua saúde mental. Outros “sintomas” incluem o pedido de demissão, pedidos de mudança de setor, a necessidade de nunca ficar sozinho no ambiente de trabalho, insegurança, medo e afastamentos por problemas de saúde, com a reincidência de atestados médicos por causas psicológicas.

■ *De quais formas o assédio sexual pode acontecer no ambiente de trabalho?*

O assédio sexual tem uma composição mais óbvia: precisa haver uma conotação sexual. E tanto faz o gênero, se é o gênero masculino em face do feminino, masculino-masculino, feminino-feminino... No ambiente de trabalho, ele ocorre se há uma aproximação com a conotação sexual não autorizada, fora do que seria o contexto normal do trabalho, que se transforma em uma situação vexatória e opressiva. E existem diferentes formas de assédio sexual. Tem o assédio sexual por intimidação ou chantagem, em que o chefe impõe à pessoa que ceda ao assédio como forma de evitar uma punição, obter uma promoção ou uma vantagem. Existe também o assédio ambiental, que é aquela piadinha de cunho sexual ou uma foto publicada com conteúdo erotizado. Isso também deprecia a vida daquele trabalhador ou trabalhadora. A pessoa pode até ser obrigada a pedir demissão ou a buscar um tratamento psicológico por força das consequências depreciativas para a saúde.

■ *Todo assédio precisa de uma relação desigual de poder ou ele pode acontecer de uma forma horizontal?*

O assédio não depende, para sua configuração, de uma relação desigual de poder. Ele pode ser vertical no sentido descendente, que é o mais comum, quando o superior assedia um subordinado. Pode ser vertical ascendente, em que os subordinados assediam o chefe — o que acontece, por exemplo, quando um grupo de trabalho quer sabotar o trabalho do chefe e passa a adotar meios que prejudicam a imagem dele nos ciclos superiores da empresa. Tem ainda o assédio horizontal, em que colegas em igualdade de condições, na hierarquia do ambiente de trabalho, prejudicam um ao outro. Há assédios mistos também, e até pessoas de fora da organização — como um cliente ou consumidor — podem assediar um trabalhador.

■ *Que outras formas de discriminação podem acontecer no trabalho e que não se configuram como assédio moral ou sexual?*

A discriminação se caracteriza por uma violação da isonomia no ambiente de trabalho. Vale dizer que a discriminação pode ser posi-

va. Quando você estabelece que uma pessoa com deficiência tenha um trabalho compatível com a deficiência dela, isso é positivo, porque você leva em conta as desigualdades e reage em conformidade a elas para dar iguais oportunidades para todos. Já a discriminação negativa ocorre quando se distinguem pessoas, na mesma situação, por um critério ruim. Por exemplo, quando se entregam trabalhos de forma desigual em razão do gênero, sendo que esses servidores e servidoras têm a mesma qualificação e são capacitados para o mesmo trabalho. Às vezes, a discriminação é por força da origem: pessoas que são da cidade recebem um trabalho mais favorável do que os oferecidos àquelas de fora da cidade, do estado ou que moram no interior. Enfim, todos os critérios desautorizados, como origem, orientação sexual, etnia, gênero e idade, levam a discriminações negativas.

■ *Como a pessoa deve proceder se for vítima de assédio ou discriminação?*

Para quem está em um órgão público, eu vou usar como exemplo a nossa casa, que é a JFPB. Nós temos uma comissão, da qual eu sou o atual presidente, encarregada das medidas de prevenção e enfrentamento do assédio moral, do assédio sexual e da discriminação. A gente recebe quaisquer denúncias, declarações ou comunicados sobre a prática de assédio e discriminação. No nosso caso, temos o cuidado de entregar, nas mãos da pessoa que informa, o controle da iniciativa da comissão. Às vezes, a pessoa só quer ser ouvida, em vez de abrir um procedimento para que algo aconteça depois. Ela pode, inclusive, escolher o membro da comissão com quem conversar, que é aquele com quem ela tem maior aproximação, empatia ou identificação. Esse integrante vai acolher a pessoa, sem julgamentos, e deixá-la à vontade para contar sua história. Depois, a comissão pergunta: “Você deseja que nós façamos o registro do seu relato e abramos um procedimento?”. Se a pessoa disser que não, tudo se encerra ali. Já se a pessoa disser que quer levar à frente, a comissão pode chamar o funcionário apontado como o assediador, pode chamar o chefe imediato de todos e pode também abrir um procedimento. Porém, nós não temos função de punição, porque o foco no fato e no ofensor seria de uma comissão processante. Já o nosso foco é na vítima e no ambiente de trabalho. Então, o objetivo está em acolher a vítima, resolver o problema dela e evitar que tenha um dano emocional e psicossocial. Também buscamos recuperar o ambiente de trabalho e restaurar as condições que davam à vítima segurança e tranquilidade para estar naquele lugar, de modo que ela possa voltar se quiser continuar no local. Até porque ser obrigado a sair do ambiente de trabalho seria uma nova forma de vitimização.

■ *Essa comissão atua somente na JFPB?*
Isso, mas cada órgão público pode ter a sua comissão, assim como as grandes empresas — o que, no setor privado, tem mais a ver com o *compliance*, baseado na ideia de con-

formidade do comportamento do empregado às normas da empresa. Inclusive, a definição de normas claras sobre a proteção contra o assédio e a discriminação é um dos instrumentos mais poderosos de *compliance*, de você dizer ao seu empregado o que ele pode e o que não pode fazer. Assim, ele vai saber que a prática de assédio é algo absolutamente reprimido naquela empresa, podendo ocasionar uma demissão por justa causa.

■ *Se a empresa não tem compliance, ou se o empregado não encontrou uma solução ali, que outros canais ele tem para denunciar?*

No setor privado, você tem o acesso ao Ministério Público do Trabalho. Os procuradores do Trabalho têm canais de atendimento para a escuta do trabalhador que é vítima de assédio moral, sexual e de discriminação. A Delegacia Regional do Trabalho também tem um canal de atendimento. No setor público, tanto o Ministério Público Federal como o Ministério Público Estadual possuem canais de recebimento dessa denúncia, acerca de casos de assédio que não se tenham resolvido nos âmbitos internos. Pensando em uma coisa mais global, existe uma modalidade de assédio moral chamada assédio organizacional, na qual não é uma pessoa que assedia outras, mas toda uma cultura da empresa implica em práticas que geram assédio moral. Nesse caso, não existe um setor de *compliance* que vá apurar atos de uma pessoa, porque toda a cultura organizacional gira em torno de práticas assediadoras. Então, a solução seria fora da empresa, na Delegacia Regional do Trabalho ou, principalmente, no Ministério Público do Trabalho.

■ *Nesse processo de denúncia, qual a melhor forma de o empregado reunir provas?*

O assédio nem sempre é fácil de detectar e é mais difícil ainda de provar. Se a pessoa sofre algo que interprete como assédio moral uma vez, ela precisa se atentar para o fato de que a configuração do assédio moral depende de uma reiteração. Então, ficando esperta em relação a isso, ela passa a colecionar provas. Por exemplo, digamos que, em um caso de assédio sexual, a pessoa anota: “Fui abordada por fulano de tal, no setor do cafezinho, na hora tal, dia tal”. Ela começa a se documentar em relação aos dias, horários, locais, pessoas, formas e monta um conjunto de provas que pode ajudá-la, no futuro, a provar que sofreu assédio ou discriminação.

■ *E o que serve como prova?*

A pessoa pode ter testemunhas, se o fato for presenciado por alguém. Ou não necessariamente o fato em si, mas, às vezes, ela sai transtornada e abalada emocionalmente do lugar em que acabou de acontecer o assédio, e um colega presencia aquilo. Esse é um testemunho interessante para a comprovação do caso. Quanto a mensagens de WhatsApp, há, hoje, uma discussão muito grande e delicada sobre o poder probatório de documentos digitais. Nós já temos decisões que dizem que *prints* de

WhatsApp não servem como prova. Eu diria que uma coletânea de documentos digitais pode ser feita de forma fácil e, ainda que um documento isolado não sirva como prova definitiva, um conjunto de vários documentos — que podem, inclusive, contar com formas de certificação — deve ajudar na apuração. E, se houver imagens, isso também pode servir; por exemplo, caso a abordagem tenha sido gravada no circuito interno de TV e as imagens foram mantidas e solicitadas para serem preservadas.

■ *Uma pessoa pode gravar uma reunião na qual ela esteja presente?*

Essa pergunta não tem como ser respondida com “sim” ou “não”, porque as situações são infinitas. Imagine uma reunião de uma indústria, na qual se está tratando de uma fórmula que é segredo industrial. Simplesmente não é possível gravar uma reunião dessas. Se a pessoa gravou e praticou-se um assédio, eu não tenho como dizer se um juiz, tomando conhecimento disso, diria que a gravação é válida. Porque, apesar de não ter conexão com o segredo industrial, foi feita em um lugar onde seria proibido gravar. Agora, pensando no extremo oposto, já existem decisões que autorizam a gravação de uma audiência judicial, por exemplo, se o processo for público. Digamos que, nesse contexto, houve a prática de assédio ou discriminação. Também não tenho como afirmar o que um juiz diria nessa situação, mas não me parece que haja uma violação de norma que impossibilite o uso da gravação como prova.

■ *Quais práticas institucionais devem ser adotadas para evitar os casos de assédio e discriminação? E qual o papel dos gestores nisso?*

O primeiro papel do gestor chama-se autoconsciência. Porque, às vezes, a pessoa interessada em aumentar os níveis de produtividade de seu setor apresenta metas muito duras ou até impossíveis ou um regime de trabalho opressor. Ela, talvez, até não quisesse assediar ninguém, mas deseja tanto e de forma tão agressiva aqueles ganhos de produtividade que se torna um assediador. Então, a consciência do que é o assédio e de como ele se configura é a primeira tarefa de cada gestor. Por isso, devem ser feitos os trabalhos de conscientização. Hoje em dia, a definição de normas claras sobre o que configura assédio, como evitá-lo e reprimi-lo, está no topo das boas práticas organizacionais. Além disso, é preciso definir canais muito fáceis e acessíveis de comunicação com os órgãos, setores e comissões que lidam com assédio. A terceira prática necessária é uma constante atuação da comissão, entidade ou órgão capacitado, sempre em diálogo com a sociedade, para criar-se uma cultura de respeito no trabalho. Porque, na hora que essa cultura de respeito no trabalho for algo absolutamente respektado, as próprias comissões deixam de ter serventia. Seria uma utopia, mas o ideal é que o respeito no trabalho fosse tão presente que a função da comissão continuaria sendo só manter essa cultura.

CABO BRANCO

Boulevard dos Ipês no Polo Turístico

Próximo ao Centro de Convenções, a via tem cerca de 800 m de extensão, 33 m de largura e mais de 20 mil m² de área

João Pedro Ramalho
joaopramalho@gmail.com

Em um futuro próximo, quem desejar conhecer o Polo Turístico Cabo Branco, maior complexo turístico planejado em execução no Brasil, terá como porta de entrada o Boulevard dos Ipês. A via está situada em frente ao Centro de Convenções de João Pessoa, na PB-008, e tem cerca de 800 m de extensão, 33 m de largura e mais de 20 mil m² de área. A construção é conduzida pelo Governo do Estado da Paraíba, por meio da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep), e conta com um investimento de R\$ 21,6 milhões. Atualmente, 80% das obras estão concluídas, o que inclui pavimentação, sistema de drenagem e iluminação. Os trabalhos avançam para a instalação dos equipamentos que atenderão os turistas e pessoenses que frequentarem o local.

A entrega da primeira etapa está prevista para 5 de agosto, aniversário da capital paraibana. O diretor-presidente da Cinep, Rômulo Polari Filho, conta que o Boulevard teve inspiração em outros locais turísticos, como as ruas principais de Pipa, no Rio Grande do Norte, e Porto de Galinhas, em Pernambuco, mas foi pensado para superá-los em grandiosidade. “Idealizamos o Boulevard com o objetivo de impulsionar o turismo, fortalecer a economia e criar novas opções de lazer. Adicionalmente, essa grande via atuará como uma ligação entre outros empreendimentos privados, que também oferecerão opções de lazer e gastronomia modernas e variadas. Com um ambiente arborizado e agradável, ela tem o potencial de se tornar um novo cartão-postal da Paraíba, reforçando a imagem de João Pessoa como uma cidade acolhedora, cultural, segura e familiar”, informa.

Logo na entrada da via, ficará o monumento “A Pedra do Rei-



“

O Boulevard tem o objetivo de impulsionar o turismo, fortalecer a economia e criar novas opções de lazer

Rômulo Polari Filho

no”, que homenageia o romance clássico de Ariano Suassuna. A instalação consiste em duas estruturas de aço, de 7 m e 8 m de altura, cobertas por pedras graníticas e abraçadas por uma tela. Segundo Polari Filho, a escolha por reverenciar Suassuna não se deu apenas por sua naturalidade pessoense e paraibana, mas baseia-se em sua importância para a literatura nacional. “Ele retratou com maestria o folclore, os costumes e a nossa linguagem e fundou também o Movimento Armorial, reunindo elementos da literatura de cordel, da música, da dança e das artes plásticas da região. Sua obra continua inspirando, educando e fortalecendo a identidade cultural paraibana”, defende.

A reportagem do Jornal A União visitou o canteiro de obras do Boulevard, acompanhada de Henrique Candeia e Rômulo Pastor, respectivamente, diretor de Operações e engenheiro agrimensor da Cinep. Conforme explicaram os profissionais, a rua é dividida em três partes e foi pensada para priorizar os pedestres — o que se reflete na ausência de vagas de estacionamento. A primeira parte terá uma ampla faixa para caminhantes e ciclistas e uma faixa estreita para veículos, que circularão em sentido único e em baixa velocidade. No meio do trajeto, haverá um trecho de transição, no qual carros, ônibus e caminhões poderão trafegar, cruzando a rua

perpendicularmente. Por fim, o percurso final, mais próximo da falésia, será exclusivamente pedonal.

Próximo a este setor, está sendo construído um Centro de Apoio ao Turista, considerado o cartão de visitas do Boulevard. O espaço abrigará pequenas exposições, além de servir como apresentação da Paraíba para quem visita o estado. Na sequência, haverá um bicicletário, uma área sombreada por pétalas metálicas e um playground, construído com o piso emborrachado Impact Soft, que garante mais segurança para a diversão das crianças.

Ainda no trecho inicial, os frequentadores poderão descansar em um redário e estimular os sentidos em um jardim sensorial. Aqueles que levarem seus animais de estimação para o passeio, também terão a opção de deixá-los no Espaço Pet, projetado para disponibilizar água, comedouro e equipamentos para os animais brincarem. Outra instalação presente é um anfiteatro, formado por um palco e uma arquibancada de quatro andares, que permanecerá aberto para moradores e turistas realizarem apresentações artísticas.

Passada a segunda parte da via, chega-se ao trecho final do Boulevard. Nele, o



No mirante, haverá uma tirolesa para quem quiser se aventurar

destaque é o mirante, uma estrutura metálica que se erguerá à altura de 20 m. “Quem subir nele [o mirante], vai enxergar tudo o que está aqui: a área de vegetação, os equipamentos turísticos, os hotéis e todo o Boulevard, em uma visão mais privilegiada. Imagine, então, a vista que você vai ter para o mar. Dependendo da maré, será possível contemplar até as piscinas natu-

rais”, comentou Henrique.

Do mirante, sairá uma tirolesa, e quem desejar se jogar na atividade esportiva percorrerá 100 m até a torre de chegada, localizada na entrada da terceira seção do Boulevard. Também são atrações do local um posto do Programa de Artesanato Paraibano (PAP), outro playground e um segundo jardim sensorial, que se estende por 42 m até os limites da falésia.



Diretor-presidente da Cinep, Rômulo Polari Filho: Boulevard pode se tornar novo cartão-postal

Amarelo, branco, roxo e rosa darão o colorido à alameda

As espécies vegetais que dão nome ao Boulevard pintarão a paisagem em amarelo, roxo, branco e rosa. Ao todo, a via terá 81 ipês, que são cultivados por empresas contratadas pela Cinep e serão transplantados em aproximadamente 30 dias.

As árvores medem, em média, 6,5 m de altura e 30 cm

de diâmetro e estão em idade madura, de 15 a 20 anos; portanto, aptas para a floração. Em condições normais, esse fenômeno acontece no segundo semestre do ano, porém, como as plantas passarão por um processo de mudança de habitat, é possível que leve um tempo maior para a floração se regularizar.

Por isso, o contrato de fornecimento exige que as empresas cuidem dos ipês por dois anos, antes de passar a responsabilidade para a Prefeitura de João Pessoa. “Mais do que o fornecimento da árvore, precisamos da garantia de que ela floresça, tenha vida e saúde para se manter. Então, a gente entende que

um prazo de dois anos é mais do que suficiente para garantir a adubação, as podas e os fungicidas compatíveis com a planta”, explica Henrique Candeia.

A rua também será arborizada com palmeiras, gramineas e outras árvores, distribuídas por diversos canteiros e jardins. O local

ainda é cercado pela natureza, já que as faixas de 100 m a partir da falésia, nas laterais da via, consistem em Área de Proteção Permanente, sendo parte do Corredor de Biodiversidade da Mata Atlântica do Nordeste. Em meio à diversidade vegetal, o destaque aos ipês tem justificativa, já que a árvore é considerada

um símbolo pessoense e nacional. “Ela está presente em vários locais de João Pessoa, como o Parque Solon de Lucena, avenidas e praças. E, no Brasil, historicamente, quando se fala de árvores, tem-se o pau-brasil, quando o tema é a madeira, e o ipê, quando se pensa em flores”, ressalta Polari Filho.

Oportunidade

Leitura liberta e dá sentido à vida

Projeto desenvolvido pelo Governo Estadual reduz o tempo de reclusão e oferece reabilitação e conhecimento

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Marina Oliveira chegou à Penitenciária de Recuperação Feminina Maria Júlia Maranhão, em 2019, com o peito carregado de culpas, mas também de esperança. Lá dentro, não foi o tempo que curou suas feridas — foram as palavras. “A leitura traz paz”, conta Marina, ao descobrir que a chave para a sua liberdade podia caber em uma página, literalmente. Foram cinco anos vividos ali dentro, preenchidos com muita leitura e dias a menos na cela, graças ao programa A Leitura Liberta.

Inserido no Plano Estadual de Educação para Pessoas Privadas de Liberdade do Governo da Paraíba, o programa A Leitura Liberta é uma ação de ressocialização executada pela Secretaria de Estado da Administração Penitenciária (Seap), nas 65 unidades prisionais do estado. O programa baseia-se na Resolução nº391/2021 do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que reconhece a remição de pena por meio de práticas sociais educativas, como a leitura. A cada livro lido e avaliado, a pessoa pode remir até quatro dias de pena, com o limite de 12 livros por ano, o que representa até 48 dias de redução anual.

Etapas
O processo segue um protocolo bem estruturado: o reeducando registra o empréstimo da obra na biblioteca da unidade e tem de 21 a 30 dias para realizar a lei-



Foto: Arquivo Pessoal

Tive a ajuda de pessoas e a honra de lançar fora da prisão. Foi o maior presente que recebi do governador João Azevêdo

Marina Oliveira

tura. Em até 10 dias após esse prazo, deve apresentar um relatório de leitura, que é avaliado por uma Comissão de Validação, instituída pela Vara de Execuções Penais (VEP), e reconhecido pelo Tribunal de Justiça. No curso do programa, o reeducando inicia sua trajetória com a leitura de um livro de menor complexidade e segue uma sequência didática até o 12º título. Cada etapa é acompanhada com atenção ao nível de letramento, à organização textual, à clareza do conteúdo e à autoria do texto, valorizando o esforço individual de cada leitor ou leitora. “Esse projeto dá vida às unidades prisionais da Paraíba, dando oportunidade a todos”, reforça Marina.



Foto: Roberto Guedes

“Catarse Literária”, feito pela Editora A União, foi o primeiro livro do Nordeste publicado por uma mulher privada de liberdade

Segundo João Rosas, gerente de Ressocialização da Seap, a proposta é abrangente e inclusiva. “Temos fomentado essa prática, com estruturação de bibliotecas e incentivo à leitura. Qualquer reeducando pode participar e os livros podem ser levados para as celas”, explica.

Escrita
Durante sua participação no programa, Marina ultrapassou, e muito, a meta anual. Foram mais de 100 livros lidos ao longo de sua pena. Ela não se lembra exatamente qual foi o primeiro

título, mas guarda com carinho aquele que mais a marcou: “O Futuro da Humanidade”, de Augusto Cury. “Li diversas vezes buscando força naquela história. Todos deveriam lê-lo”, afirma. O impacto das leituras foi tão profundo, que ela decidiu ultrapassar a fronteira e começar a escrever sua própria história. Com palavras tiradas da dor, da saúde e da esperança, nasceu “Catarse Literária”, da editora A União, primeiro livro publicado por uma mulher dentro de uma unidade prisional no Nordeste. “Foi todo manuscrito. Tive aju-

da de pessoas para finalizar e a honra de lançar fora da prisão. Foi o maior presente que recebi do governador João Azevêdo”, detalha. Para João Rosas, o programa vai muito além da redução da pena. Ele representa uma oportunidade real de recomeço, de formação de identidade, de autoconhecimento. “A leitura permite que cada pessoa descubra ou redescubra sua voz. E isso transforma. É a ressocialização acontecendo de verdade, com dignidade”, frisa o gerente. Hoje, em liberdade, Marina é a comprovação real

das palavras de João Rosas; a prova viva de que uma biblioteca pode ser a porta para um novo destino. Com letras, páginas e coragem, ela encontrou um caminho de volta para si — e para o mundo. “Escrever foi a maneira que encontrei de transformar dor em poesia, relatar meu cotidiano e pautas importantes. Minha vida mudou. A leitura traz conhecimento e liberta em vários aspectos, até mesmo quem está atrás das grades”, afirma Marina, que agora trilha um novo capítulo de sua trajetória, como vendedora da loja Novo Tempo.

Novo tempo: oportunidade de reintegração

Inaugurada em 9 de junho de 2024, a loja Novo Tempo está localizada no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, no bairro de Tambauzinho, em João Pessoa. O espaço, com 45 metros quadrados, expõe e comercializa produtos confeccionados por reeducandos de todas as unidades prisionais da Paraíba. Entre os destaques, está o Castelo de Bonecas, projeto mais conhecido desenvolvido na Penitenciária Feminina Maria Júlia Maranhão.

A loja foi inteiramente construída com mão de obra carcerária, desde os painéis em gesso 3D às luminárias produzidas no Presídio de Areia. “Desde a inauguração, estou aqui. Logo, fará um ano. É gratificante ver o olhar de crianças, idosos e clientes ao saber que, dentro das unidades prisionais da Paraíba, existem pessoas capacitadas, que estão privadas de liberdade por delitos, mas nunca excluídas de seus direitos”, ressalta Marina. A escritora destaca ainda que seu livro está à venda na loja, ao lado de outras produções de internos e egressos. “Com a ajuda do Dr. João Rosas e de sua equipe, um mês após minha saída, fui contratada. O recomeço é difícil, mas é muito válido”, destaca, com o sorriso de quem sabe que fez a escolha certa.

Além da leitura
O programa já beneficiou

cerca de três mil apenas em processo de remição de pena. Em cada unidade prisional, foi criado um espaço dedicado à leitura, com bibliotecas equipadas com acervos de livros novos e usados. Atualmente, o programa conta com cerca de 40 mil obras catalogadas e outras milhares em fase de organização. É um número expressivo de doações feitas, informalmente, por pessoas físicas que ajudaram a incrementar a biblioteca com mais de 100 mil títulos, nas 65 unidades prisionais da Paraíba. Cada unidade prisional conta com um espaço dedicado à leitura, proporcionando aos reeducandos não apenas a chance de reduzir a pena, mas também de enriquecer sua formação intelectual. Para ampliar ainda mais o alcance do programa, a Gerência Executiva de Ressocialização criou uma biblioteca voltada às pessoas em regimes semiaberto e aberto. O espaço, localizado no bairro de Cruz das Armas, em João Pessoa, tem como finalidade garantir que os reeducandos, em regimes mais flexíveis, e os egressos também possam acessar livros e recursos educacionais. “O A Leitura Liberta é uma das iniciativas mais transformadoras que implementamos no sistema penitenciário. Ele não só oferece



Foto: Roberto Guedes

Tanto a loja quanto a A Literatura Liberta têm resultados sociais positivos



Foto: Divulgação/Seap

uma alternativa de remição de pena, mas, sobretudo, abre portas para a educação e para a reintegração de pessoas que, muitas vezes, se veem afastadas do acesso ao conhecimento. Essa é uma das formas de quebrar o ciclo de violência e de criminalidade, oferecendo aos apenas ferramentas para uma nova vida”, afirma o Secretário de Estado da Administração Penitenciária, João Alves. Lançado oficialmente em 2021, o programa encontra suas raízes em uma prática de leitura que já vinha sendo cultivada desde 2014 no sistema prisional do estado. No contexto da Paraíba, as ações do programa têm sido particularmente robustas, contribuindo de forma significativa para erradicar, também, o

analfabetismo entre os apenas e melhorar o acesso à educação, por meio da parceria com o Instituto Brasileiro de Educação e Meio Ambiente (Ibreaema). “O programa não só promove a remição de pena, mas também investe na educação real dos reeducandos. A parceria com o Ibreaema é estratégica, pois eles trazem expertise para a alfabetização e qualificação dos apenas, garantindo que esse processo de aprendizagem seja contínuo e de qualidade”, afirma João Rosas.

A educação como ação libertadora na prática

Um dos maiores reflexos desse impacto é o aumento significativo no número de aprovações de reeducandos em exames educacionais, com 980 aprovações registradas no Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja PPL) de 2024. O número representa uma elevação de 11,4% em comparação ao ano anterior, quando 879 reeducandos foram aprovados. A adesão ao programa de leitura e a participação em atividades educacionais têm sido determinantes para essa evolução. Em 2020, apenas 146 reeducandos foram aprovados, número que saltou para 732 em 2022, destacando um avanço expressivo ao longo

dos anos. A cada edição do Encceja, o número de aprovações cresce, refletindo a eficácia do projeto em promover a alfabetização e o aprendizado no sistema prisional. Além das aprovações no Encceja, a Paraíba também registrou um aumento no número de inscritos no Exame Nacional do Ensino Médio para Pessoas em Privação de Liberdade (Enem PPL). Em 2024, foram 1.635 inscrições, um acréscimo de 90 candidatos em relação a 2023. Esse crescimento indica um interesse crescente dos reeducandos pelo Ensino Superior, um objetivo facilitado pela plataforma de acesso ao Sisu, Prouni e Fies, políticas públicas que possibilitam o ingresso no ensino universitário.



Foto: Arquivo Pessoal

João Rosas reforça a relevância das bibliotecas prisionais

SALA LILÁS

Novo espaço já acolheu 52 vítimas

Aberto há um mês, serviço pioneiro tem oferecido atendimento especializado a mulheres que sofrem agressão

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Foi com delicadeza e firmeza que nasceu, em João Pessoa, a primeira Sala Lilás do Brasil, inaugurada, em 21 de março, como resposta concreta à urgência de proteger mulheres, adolescentes e meninas vítimas da violência de gênero. Em um espaço especialmente decorado e reservado no Instituto de Polícia Científica (IPC), no bairro Cristo Redentor, a Sala Lilás já acolheu, em apenas um mês, 52 mulheres, crianças e jovens — vidas marcadas pela dor, mas também pela coragem de pôr fim a uma realidade cruel de violência.

Em meio a uma realidade alarmante, a criação da Sala Lilás é uma iniciativa necessária. Só de janeiro a março de 2025, 12 mulheres foram assassinadas, na Paraíba, por seus companheiros ou ex-companheiros — o dobro do registrado no mesmo período de 2024. Com isso, o estado saltou da 20ª para a 10ª posição nacional em feminicídios, ocupando o quarto lugar no Nordeste. A violência sexual também assusta: foram 316 casos de estupro em três meses — o maior índice da última década —, com um aumento de 35% em relação ao ano passado. Isso representa quatro vítimas por dia no estado.

Diante desse cenário, a Sala Lilás não é apenas uma



Fotos: Evandro Pereira

Situado no IPC, local conta com o engajamento de profissionais como a assistente social Carolina Lira e a psicóloga Christina Lacerda

política pública — é um ato de resistência, um espaço onde se planta o cuidado antes que o pior aconteça. A unidade, a propósito, é a primeira do Brasil a funcionar sob o programa nacional Antes que Aconteça, do Governo Federal, voltado à

prevenção e ao combate à violência de gênero. Idealizado pela senadora Daniella Ribeiro (PP-PB) e coordenado, na Paraíba, pela advogada e segunda-dama Camila Mariz Ribeiro, o projeto busca romper o ciclo da violência

antes que ele se consolide. Entre suas diretrizes, o Antes que Aconteça propõe a ampliação dos direitos das mulheres, modernização de delegacias, capacitação de profissionais da saúde, cursos de defesa pessoal e o uso de tecnologia para o moni-

toramento eletrônico de vítimas. Mas, na prática, é no acolhimento que essa política encontra sua força. Na Sala Lilás de João Pessoa, uma equipe formada por cinco psicólogas e cinco assistentes sociais, todas mulheres, reveza-se diaria-

■ Além da unidade na capital, outras 52 Salas Lilás ainda serão abertas na Paraíba, como parte de programa nacional

mente, das 8h às 20h, em regime de plantão. “Muitas mulheres chegam aqui em estado de choque, com medo e vergonha. Nosso papel é devolver a elas, ainda que pouco a pouco, a sensação de dignidade e segurança”, destaca a psicóloga Christina Martha Lacerda. “O cuidado precisa ser imediato, para que ela sinta força e coragem de romper com esse ciclo”, complementa.

A assistente social Carolina Lira reforça que o atendimento vai além da escuta: “Aqui, as mulheres sabem que não estão sozinhas, e isso muda tudo. Também encaminhamos para a rede de proteção: apoio jurídico, serviços de saúde, segurança pública — sempre respeitando o desejo da vítima”.

Além da unidade na capital, está prevista a abertura de outras 52 Salas Lilás na Paraíba.

Estrutura humanizada e confortável transmite confiança e segurança

A Sala Lilás representa um avanço significativo na forma como o Estado acolhe mulheres e meninas vítimas de violência. Criada para tornar menos difícil o processo de denúncia, a estrutura do espaço foi cuidadosamente pensada para garantir segurança, acolhimento e privacidade durante o atendimento. A iniciativa busca, acima de tudo, evitar a revitimização e proporcionar conforto e segurança em um momento extremamente delicado.

Carolina Lira destaca que muitas vítimas evitavam procurar ajuda nas delegacias por medo ou desconforto, já que frequentemente eram obrigadas a dividir o ambiente com outros homens — inclusive, os próprios agressores. “A Sala Lilás surgiu justamente da necessidade de criar um espaço onde essas mulheres possam se sentir protegidas e seguras para denunciar e buscar atendimento”, defende a assistente social.

O espaço está dividido em duas áreas principais: uma sala de acolhimento e outra voltada à realização dos exames periciais. O ambiente de acolhimento possui sofá, decoração leve, brinquedos e um clima de tranquilidade. Ao chegar, a vítima é levada para esse espaço reservado, onde recebe atenção psicológica e social personalizada. Se es-



“**O primeiro passo é ajudá-las a entender que são vítimas e que não têm culpa. Só depois disso é que seguimos com os procedimentos. Cada caso exige sensibilidade e escuta**”

Carolina Lira

tiver acompanhada de filhos, a psicóloga interage com as crianças e as incentiva a escolher brinquedos que podem levar para casa. “Isso ajuda a aliviar a tensão do momento. Às vezes, até a própria mulher pede um brinquedo para si, como uma forma de segurança emocional”, conta a psicó-

ga Christina Lacerda.

Além do acolhimento emocional, a Sala Lilás oferece kits com toalha e sabonete para mulheres que chegam ao local após fugirem de casa, sentindo-se sujas ou culpadas. “O primeiro passo é ajudá-las a entender que são vítimas e que não têm culpa. Só depois disso é que orientamos e seguimos com os procedimentos. Por isso, não há tempo fixo de atendimento. Cada caso exige sensibilidade e escuta”, complementa Christina.

A segunda sala é destinada aos exames médicos e periciais, realizados em um ambiente igualmente reservado e acolhedor. Essa etapa é fundamental para garantir a coleta de provas que materializem a violência sofrida, como explica a diretora-geral do IPC, Raquel Azevedo: “Muitas mulheres só querem voltar para casa o mais rápido possível, mas esse espaço permite que elas sintam acolhidas, para que possamos preservar a prova material e garantir o acesso à Justiça”.

Outro ponto importante da Sala Lilás é a garantia de que não haverá contato entre vítimas, testemunhas e agressores. Os ambientes são planejados para manter total sigilo e evitar qualquer exposição ou constrangimento, assegurando a privacidade e a proteção de quem busca ajuda.

Relatos evidenciam padrão comum entre ciclos de violência doméstica

Por trás da porta discreta da Sala Lilás, histórias de dor, coragem e reconstrução são acolhidas diariamente. O que surpreende, no entanto, é o perfil das mulheres que procuram o local: muitas são ativas profissionalmente, financeiramente independentes, e, mesmo assim, veem-se presas em ciclos de violência que começam de maneira quase invisível.

“Diferentemente do que muitos pensam, não são mulheres frágeis ou dependentes. São mulheres fortes, muitas vezes, chefes de família, que só percebem a violência quando já abriram mão de tudo que eram antes”, explica a assistente social Carolina Lira, apontando um padrão preocupante nos relatos que chegam à Sala Lilás: a agressão manifesta-se sutilmente e torna-se constante, até que a vítima não reconhece mais a si mesma. “A violência psicológica começa de forma tão sutil que a mulher não percebe. Às vezes, a vítima já mudou tanto, abriu mão de tanta coisa, que só se dá conta quando acontece a agressão física”, relata a psicóloga Christina Lacerda. Segundo ela, essa percepção tardia torna o acolhimento ainda mais essencial. “Nossa missão é proporcionar conforto, mas também coragem para que essas mulheres retomem sua vida. Às vezes, é aqui que evitamos um feminicídio”, enfatiza.

Marcantes

Duas histórias recentes marcaram profundamente a equipe da Sala Lilás. Em uma delas, uma mulher chegou ao local depois de anos em um relacionamento abusivo. Machucada e sem forças, ao lado da filha de 11 anos, ela relatou a violência física e sexual



“**Nossa missão é proporcionar conforto, mas também coragem para que essas mulheres retomem sua vida. Às vezes, é aqui que evitamos um feminicídio**”

Christina Lacerda

do companheiro, voltada tanto a ela quanto à filha. “É um homem cruel que, para atingi-la, obrigava-a a tirar a roupa da própria filha, para que ele pudesse abusar da menor”, conta Carolina. O atendimento oferecido pela Sala Lilás foi essencial para que a mulher compreendesse a gravidade da situação e comesasse a reconstruir sua autonomia emocional.

Em outro caso, uma adolescente de 16 anos procurou o serviço após sofrer abuso sexual e estupro, por três anos, de um funcionário e um professor da escola em que estudava. “Os pais foram muito importantes nessa situação. Eles sabiam que havia alguma coisa errada, mas ela não conseguia falar. Então, eles a levaram para uma psicóloga e, após um bom tempo de terapia, ela teve coragem de contar tudo. No mesmo dia, veio acompanhada dos pais para acabar com esse ciclo de violência”, diz a assistente social.

Esses relatos mudaram a rotina das profissionais, não só pelo impacto emocional, mas por reforçarem a importância do trabalho preventivo e de escuta atenta. “Cada mulher que chega aqui traz um mundo inteiro dentro de si, muitas vezes, em ruínas. O que a gente faz é tentar ajudar a recolher os pedaços e mostrar que ela pode reconstruir tudo, com dignidade e segurança”, reforça Christina.

EM SERRARIA

Projeto promove o artesanato local

Com lançamento no próximo dia 24, iniciativa busca divulgar obras e fomentar o desenvolvimento da atividade

Lilian Viana
lilian.vianacananea@gmail.com

Na cidade de Serraria, localizada a 110 km de João Pessoa, a beleza e a riqueza do artesanato local nunca foram tão valorizadas. No dia 24 de maio, será realizado o lançamento do projeto Mãos que Fazem a Diferença, uma iniciativa que promete transformar o cenário cultural e turístico da cidade, reunindo as mãos talentosas de artesãos locais em um espaço que celebra tanto a cultura popular quanto a história de um dos filhos ilustres de Serraria — o jornalista Wellington Farias, falecido em 2023.

O evento, gratuito e aberto ao público em geral, será realizado a partir das 18h, na Casa de Wellington Farias, no Ponto de Cultura Roberto Luna e na Escola de Música Geraldo Cunha Lins, e terá como principal objetivo dar visibilidade ao trabalho dos artesãos e criar um ponto de venda e de exposição permanente de suas obras. A ação também visa integrar turistas e moradores ao universo artesanal do município, no Brejo paraibano, promovendo a troca de experiências e de conhecimento com guias turísticos locais.

O lançamento contará com uma programação diversificada, que vai além de uma simples exposição de produtos para compra. A ideia é criar uma verdadeira imersão na cultura serra-

Abertura

O evento de inauguração, gratuito e aberto ao público, ocorrerá na Casa de Wellington Farias, contando com apresentações musicais e gastronomia

riense, de acordo com a secretária-adjunta de Cultura e Turismo da cidade, Chaline Carvalho. “Nós começamos com um grupo de WhatsApp, em que os artesãos começaram a se organizar. A Casa de Wellington Farias, com sua história e importância para a cidade, foi o local ideal para dar visibilidade a esse trabalho. No próximo dia 24, vamos apresentar o projeto aos guias turísticos e ao público em geral, e o espaço ficará aberto, durante os fins de semana, para que todos possam conhecer o trabalho das nossas talentosas artesãs”, destaca a secretária.

Além da exposição de artesanato, os visitantes poderão, ainda, degustar produtos típicos da região, como a famosa cocada de café, produzida por Preta, uma das artesãs atuantes no município. “Os turistas adoram



Fotos: Preta/Arquivo pessoal

Além de criar uma exposição permanente, empreitada visa integrar visitantes e moradores da cidade em torno do ofício dos artesãos

a minha cocada de café. Eu comecei a vender para eles, no Engenho Baixa Verde, e percebi o quanto gostavam do meu trabalho. Agora, com o apoio da Casa de Wellington Farias, teremos

um espaço perfeito para oferecer nossos produtos e, também, para contar a história de Wellington Farias, que foi um grande ícone da nossa cidade”, comemora Preta. Chaline reforça, por sua

vez, que a iniciativa servirá de plataforma para os artesãos locais conectarem-se com turistas e os próprios habitantes de Serraria, criando uma rede de apoio mútuo e crescimento. “Que-

remos que os turistas levem não só uma peça de artesanato, mas uma verdadeira lembrança da nossa cultura e da nossa história”, finaliza a representante da gestão municipal.

Espaço sediará cursos e workshops para os homenageados

Segundo a jornalista Eloíse Elane, viúva e administradora da Casa de Wellington Farias, o projeto nasce da união de esforços entre artesãos, gestores culturais e o setor de turismo da cidade. “Há muito tempo, os artesãos de Serraria vinham reclamando da falta de um espaço adequado para produzir, expor e vender seus trabalhos. Quando conversei com Wellington

sobre essa necessidade, ele foi uma das primeiras pessoas a apoiar a ideia. A Casa de Wellington Farias surgiu como a melhor alternativa para atender a essa demanda”, aponta Eloíse.

A Casa será, dessa forma, um palco, onde os artesãos poderão não apenas expor suas peças, mas também aprimorar seu ofício, com cursos e *workshops* que ocorrerão no local. “Enquan-

to não temos pronto o Mercado Central, que será o futuro espaço de vendas, a Casa estará aberta para recebê-los e proporcionar um ambiente de trabalho livre e criativo”, ressalta a jornalista.

Tributo

O projeto Mãos que Fazem a Diferença também representa um merecido reconhecimento às mãos que, ao longo dos anos, têm produ-

zido, com carinho e dedicação, as mais variadas peças de artesanato. Rosa Fialho, uma das idealizadoras da iniciativa, é artesã com vasta experiência e relembra como sua jornada no ofício teve

início. “Minha atuação começou em 2012, quando fiz um curso de bordado ofertado pelo Cras [Centro de Referência de Assistência Social]. Depois disso, eu me apaixonei pelo artesanato e

busquei me aprofundar em outras técnicas. Agora, com a Casa de Wellington Farias nos apoiando, posso finalmente ver nosso trabalho sendo reconhecido e valorizado”, celebra Rosa.

Programação

Confira as atividades e atrações previstas para a inauguração do projeto, no dia 24 de maio:

18h — Abertura do evento, com Eloíse Elane;

18h15 — Apresentação musical de

Raissa Fernandes e Maria Eduarda (alunas de violão da Escola de Música Genaldo Cunha Lins);

18h30 — Discursos de Chaline Carvalho (secretária-adjunta de Cultura e Turismo de Serraria), Rosa

Fialho (artesã) e Preta (artesã e produtora de cocada);

19h — Apresentação musical de Antônio Cleiton (trompete) e Miguel Ângelo (violão);

19h40 — Degustação e lanche.

Quem foi?

Com uma carreira de mais de 40 anos dedicada ao jornalismo, Wellington Farias foi um dos mais respeitados profissionais da imprensa na Paraíba, com passagens por meios como O Norte e Correio da Paraíba, além do Jornal A União e da Rádio Tabajara, onde começou sua trajetória como repórter.

O intelectual serrariense não era conhecido somente como autor de reportagens e de comentários políticos de impacto, mas por sua atuação entusiasmada em defesa das tradições artísticas regionais. Amante da música, Wellington tocava diversos instrumentos, como violão clássico, saxofone e trompete. Sua dedicação às notas e às melodias, combinada a uma preocupação social, inspirou-o a fundar, em sua cidade natal, a Casa de Wellington Farias — onde, como professor, ele passou a ensinar música gratuitamente, acolhendo jovens moradores de Serraria, por meio da educação e da cultura. O espaço segue ativo, sob a gestão da viúva de seu fundador, a também jornalista Eloíse Elane.

Vítima de um câncer, Wellington Farias faleceu em outubro de 2023, aos 67 anos de idade, deixando três filhos e uma neta.

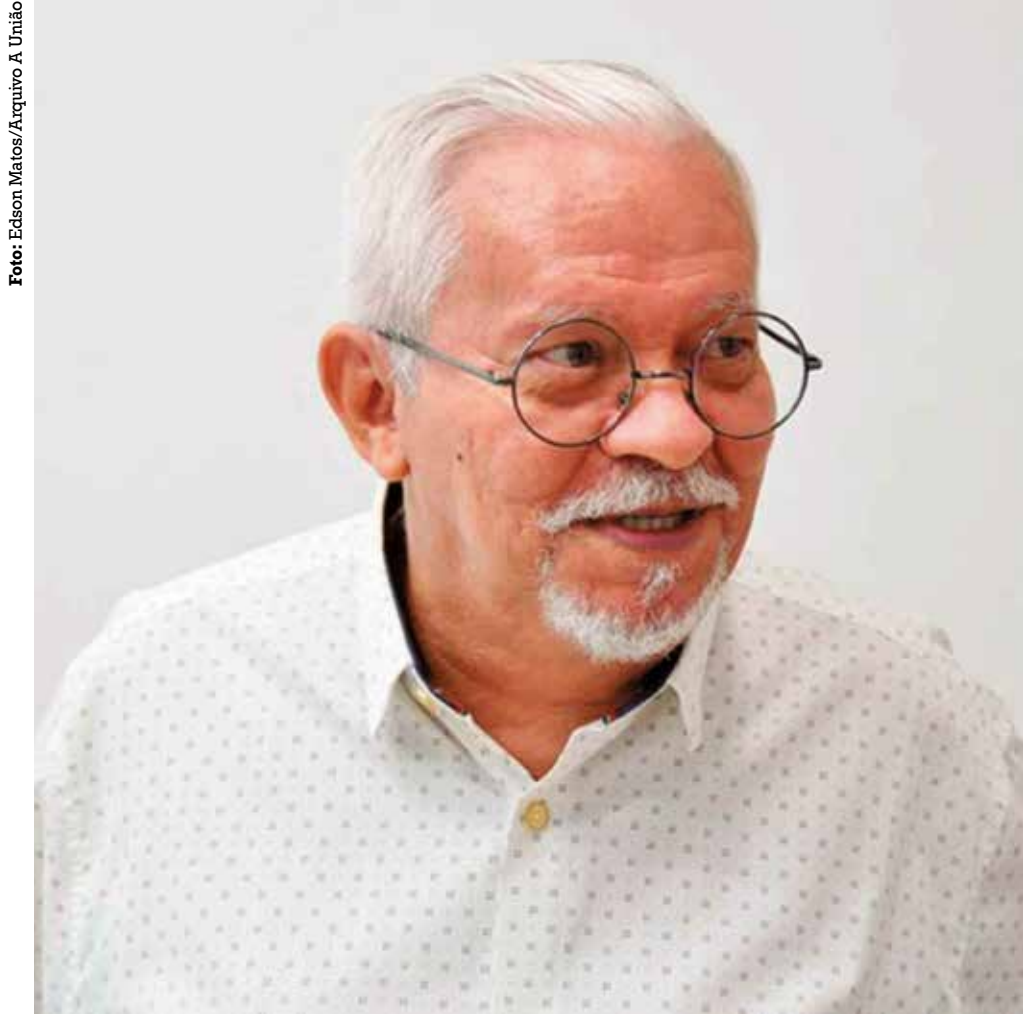


Foto: Edson Matos/Arquivo A União

Fundado por Wellington Farias, local mantém atividades de incentivo à arte e à cultura

“O ETERNAUTA”

Mutilação da humanidade

Com o lançamento da série em “streaming”, conheça a saga por trás de uma das maiores histórias em quadrinhos que a América Latina já concebeu

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

Não é apenas uma história sobre invasões alienígenas. É uma história sobre mutilações. Não aquelas mutilações “comuns”, mas as mutilações da alma. Como bem disse a viúva de um dos maiores escritores que a América Latina já teve, Héctor Germán Oesterheld, autor de *O Eternauta*.

Em entrevista para o jornalista e escritor paulistano Paulo Ramos, autor de *Bienvenido — um passeio pelos quadrinhos argentinos* (2010, Zarabatana Books), Elsa Sánchez de Oesterheld usou o termo “mutilação” para resumir tudo o que aconteceu: nos anos 1970, em plena Ditadura Militar argentina, o seu marido desapareceu com quatro de suas filhas — duas delas grávidas.

“Aos 85 anos, com uma lucidez invejável, ela detalhou o momento em que o marido decidiu sair de casa para aderir à luta contra a ditadura, a opção das filhas de seguirem o pai e como soube dos assassinatos de cada um deles”, relembrou Paulo Ramos para o Jornal A União.

O Eternauta se inicia com uma nevasca mortal em Buenos Aires. Quem tiver o mínimo contato com ela, morre. Para saber o que está acontecendo lá fora, Juan Salvo elabora, de forma improvisada, uma roupa protetora, adaptando um traje de mergulho escanteado na sua garagem (a imagem mais emblemática de toda a série) e se aventura pelas desoladas ruas para descobrir que eles estão diante de uma invasão alienígena.

A importância da obra — que conta com desenhos de Francisco Solano López — é tamanha que estreou na última dia quarta-feira (30) uma série homônima via *streaming*, com a chancela da Netflix, protagonizada por um dos mais conhecidos atores argentinos da atualidade, Ricardo Darín.

“Há diferentes camadas de leitura em *O Eternauta*. A mais evidente é que ela representava a Argentina, mais especificamente Buenos Aires, do final da década de 1950, quando foi publicada pela primeira vez. O leitor se enxergava naquela invasão à Argentina, criava-se um ambiente para que ele se reconhecesse na história”, resume Paulo Ramos. “Num nível mais profundo, a trama buscava representar a dominação de um país em desenvolvimento — ou subdesenvolvido — por nações mais poderosas. Isso ficava mais explícito na continuação da história, publicada na década de 1970. Arriscaria dizer que, de 2020 para cá, a história adquiriu um novo viés por conta da pandemia. Assim como mostrado em *O Eternauta*, as pessoas precisaram se isolar para não serem contaminadas”.

Na ciência do autor de *Bienvenido*, a saga criada por Oesterheld e López teve fama desde que foi publicada pela primeira vez, no final da década de 1950. “Ela sempre esteve em evidência de algum modo. Foi refeita na década seguinte e ganhou duas continuações nos anos 1970 e 80. A partir de então, ela era mais mencionada do que reeditada. No fim do século passado, chegou a circular uma versão pirata dela, vendida na Argentina em bancas de jornal. Mas foi somente no começo deste século que a família retomou os direitos de publicação e passou a coordenar sistemáticas reedições. Para uma nova geração, foi a redescoberta de algo que, até então, era apenas mencionado por outros



Um dos maiores astros da atualidade no seu país, o argentino Ricardo Darín dá vida a Juan Salvo, o protagonista da série produzida pela Netflix

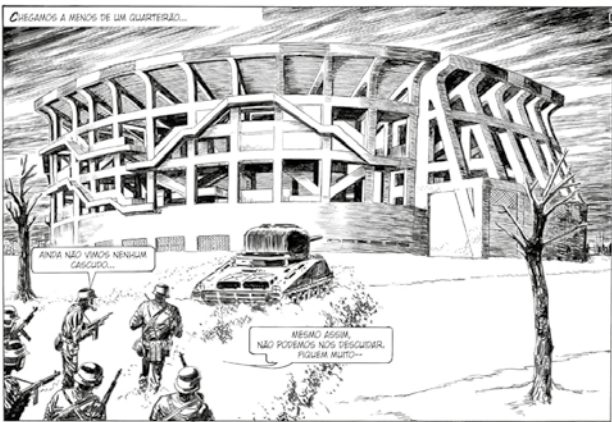
Foto: Divulgação/Netflix

Fotos: Divulgação/Netflix



Imagens: Divulgação/PN

Arte detalhada de Francisco Solano López, na versão remasterizada da Editora Pipoca e Nanquim, lançada no fim do ano passado; a história adquiriu um novo viés por conta da recente crise sanitária mundial



como uma obra referencial. Isso gerou a atualidade de *O Eternauta*, que culminou na adaptação da série pela Netflix”.

Em termos de narrativa, é notório a sofisticação que Héctor Germán Oesterheld oferece por conta da sua escrita refinada. Basta comparar com outros quadrinhos da época, verborrágicos e pedantes. Algo que ele herdou de ser um leitor de literatura. “Seguramente isso impactou de algum modo em seus roteiros”, concorda Ramos. “Mas o ponto que se destaca nos escritos dele é o diálogo com a aventura, seja ela de que gênero for. Essa, aliás, é uma marca dos quadrinhos argentinos, que Oesterheld ajudou a consolidar e que é seguida até hoje. O jornalista e também escritor de quadrinhos Juan Sasturain chamou essa forma de produção de ‘domicílio da aventura’. Expressão precisa”.

Sabendo disso, por que, então, Oesterheld não ganhou um maior reconhecimento, a ponto de romper as barreiras da língua e ser mais reverenciado além das fronteiras? Paulo Ramos aponta que o roteirista argentino teve histórias publicadas na Europa ainda em vida, o que ajudou na difusão do nome dele, mas o jornalista e pesquisador tem outra explicação: “Talvez tenha sido a participação dele na luta contra a Ditadura Militar argentina, iniciada em 1976, que contribuiu de forma trágica para consolidar a reputação dele. O assassinato dele — e das quatro filhas, duas delas grávidas — lançou luzes sobre o autor e, por consequência, a obra dele. A vida real ajudou a dar destaque aos trabalhos ficcionais dele, dentro e fora do país”.

Invasão platina no Brasil

Ainda na esteira das invasões, em 2010, quando o livro de Paulo Ramos foi lançado no Brasil depois de uma extensa pesquisa — inclusive de campo, visitando a Argentina —, era bastante tímida as obras platinas que vinham do país vizinho. Apenas alguns anos depois é que houve uma enxurrada de HQs “hermanas” publicadas por aqui, principalmente com o surgimento de editoras com foco nos gibis.

O Eternauta, por exemplo, só veio no começo de 2012, em uma edição bastante “desconfortável” pela Martins Fontes (a obra é “deitada”, no formato *widescreen*, o que dificulta a leitura com uma capa cartonada para o volume de páginas). Um ano depois, a mesma editora trouxe o segundo volume. Foi só no final do ano passado que a obra teve uma edição à altura, pela Pipoca e Nanquim, em capa dura, luva protetora e em versão com a arte de Solano López remasterizada.

De lá para cá, houve muitas obras assinadas por Oesterheld que ganharam publicação no Brasil (*Ernie Pike*, *Sherlock Time*, *Mort Cinder*, *Che*, “*Loco*” *Sexton*, inclusive a versão “mais politizada” de *O Eternauta*, lançada no final dos anos 1960).

Falando em “fronteiras”, a obra de Oesterheld foi além de um mero entretenimento, o que também contribuiu para uma luta que custou a sua própria vida. “Em uma entrevista sobre a história, Oesterheld mencionou que o povo era o verdadeiro protagonista da trama, e não Juan Salvo. Ele já tinha a ideia de que se tratava de uma representação do processo de submissão dos países subdesenvolvidos a interesses externos e que caberia às pessoas, e não aos governos, lutar contra esse estado”, explicou Paulo Ramos.



Artigo

Os clássicos da sociologia e a educação

As sociedades, por mais diferentes que sejam, criam formas de educar os seus membros. Há várias maneiras de entendermos como o fenômeno educativo acontece. Os sociólogos Émile Durkheim, Max Weber, Karl Marx, fundadores da sociologia, também conhecidos como os três porquinhos, deram uma importante contribuição para estudos nessa área.

Durkheim é quem tem o trabalho mais direcionado para o tema, sendo por isso considerado o pai da sociologia da educação. Ele foi a primeira pessoa a lecionar uma disciplina de sociologia em uma universidade. A maneira como concebe o processo educativo tem tudo a ver com sua forma de entender a sociedade. Para Durkheim, a sociedade é uma realidade objetiva que independe do indivíduo, cuja existência o antecede. Ela funciona analogamente como um organismo, sua complexidade envolve a existência de diferentes partes que se articulam e que podem funcionar de maneira saudável ou não. Pertencer a uma sociedade significaria compartilhar dos mesmos códigos morais, o que só é possível através da socialização, ou seja, da educação. A educação teria, portanto, uma finalidade integradora, os laços sociais dependeriam do reconhecimento mútuo desses valores, sem ela a ordem social seria impossível. As gerações anteriores transmitem ainda para as mais novas conhecimentos especializados que serão úteis para o trabalho intelectual e manual.

As modernas sociedades industriais criaram uma divisão social do trabalho muito complexa que precipitou no-

vas formas de individualidade e uma crescente fragmentação social. Durkheim via de maneira ambígua: se de um lado os indivíduos ganhavam em maior reflexividade, do outro, laços sociais poderiam enfraquecer a tal ponto que geraria um colapso. A educação escolar universal e obrigatória, na visão de Durkheim, poderia ajudar na reafirmação de valores gerais que fortaleceriam a unidade coletiva.

Max Weber viu na modernidade uma tendência à racionalização da vida social. Ao contrário do seu colega francês, a sociologia não seria uma ciência dos grupos sociais, mas dos indivíduos agindo socialmente. A moderna sociedade capitalista precisa de previsibilidade, controle e planejamento para funcionar. O estado moderno, por exemplo, tem a burocracia como forma de organização. O que garante racionalidade aos processos administrativos e uma maior impessoalidade. Outro fator importante é ascensão da ciência que ajudou a diminuir o peso das explicações mágicas do mundo, oferecendo uma visão mais descritiva do que normativa da realidade. Isso levou ao declínio de disciplinas como filosofia e teologia, como a valorização de áreas técnicas, da engenharia e do pensamento pragmático. A organização do conhecimento se tornaria mais especializada. O mundo moderno é o mundo dos especialistas, da técnica e do cálculo. De tal modo, as escolas e os currículos passaram a incorporar características e necessidades do tempo e da economia capitalista.

As ideias de Karl Marx nos permite observar na escola uma instituição fun-

damental para a reprodução das condições e relações de produção. Ela faz parte do que Marx definiu como superestrutura social, isto é, a dimensão cultural e institucional de uma sociedade que, em última instância, é determinada pelas relações sociais de produção. A sociedade capitalista repousa numa cisão fundamental entre a classe burguesa, dona dos meios de produção, e a classe dos trabalhadores responsável por vender a sua força de trabalho. A escola moderna tem muitas semelhanças com as fábricas, que podem ser vistas no sistema disciplinar implementado: o controle do tempo, o uso de fardamentos etc. Além disso, as escolas capacitam os indivíduos para a vida no trabalho e impõem uma seleção social. Como garante a formação de indivíduos capazes de criar as condições para desenvolvimento tecnológico, vital para o desenvolvimento das forças produtivas.

A escola é aparato fundamental para a reprodução das ideologias dominantes. Praticamente todas as pessoas passam pela escola, que tem abrangência enorme. Para existir, o capitalismo precisa criar os meios de justificação e ocultamento das relações de exploração. As relações de propriedade estão na base das desigualdades sociais e são naturalizadas pela ideologia. A consciência está ligada às condições materiais de vida; a distorção ideológica é um empecilho à mudança social. Toda educação tem um conteúdo de classe. É por isso que uma educação libertadora deve romper com a alienação e a ideologia burguesas. O que só me parece plenamente possível numa sociedade sem classes sociais.

Estevam Dedalus

Sociólogo | Colaborador

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

O rio de Francis Hine

Na conversa que tive com o cantor e compositor Francis Hime, na última terça-feira (29) — sobre seu disco novo *Não navego para chegar* (Biscoito Fino) —, o cara com 85 anos era um menino, do outro lado do vídeo, bem feliz. São 60 anos de música e 60 anos de amor com sua mulher, Olivia Hime, que assina várias canções nesse álbum e canta também.

A quarta faixa, “Um Rio”, é uma canção linda. Aliás, todas são, mas eu disse ao artista que navego para chegar e ele rindo, disse: “Cheguei”. O rio de Francis, caudaloso, na interpretação de Dori Caymmi, de uma beleza ao expressar, alongando o leito dos versos, algo tão forte como o rio da Olivia (mulher de Francis), declamando um texto dela. A letra também é dela. “Rio nascente, dolente destino, aflora da terra, em águas sem fim. Rio que segue seu leito agonía e a flores bordadas, nas margens, silente cortejo”, esses versos iniciais são belos, mas nem tudo é rio.

O rio de Paulinho da Viola, que ainda passa na vida da gente; talvez sim, talvez não, mas nem tudo é rio. Por que maltratamos tanto os nossos rios, sem nenhum consenso do significado da palavra “rio”?

A médio e curto prazo, os rios serão só palavras. Já não serão rios quando estamos falando das correntezas, das águas, da vida que vem que se vai, do peixe, do milagre. Nem tudo é rio e não estamos nos referindo à obra da escritora mineira Carla Madera — o livro dela, *Tudo é rio*, é uma cena de cinema. O rio aqui é outro.

O rio em mim não para, mesmo atacado pela miséria e brutalidade dos homens. O nosso Rio Jaguaribe resiste entre os paradoxos, vivo apenas em alguns trechos onde ele ainda é rio, com seus habitantes jacarés, cobras e capivaras — o rio que vejo todos os dias, que passa aqui, atrás no muro da nossa casa.

O rio não é como nós, animais e diabinhos que temos medo de tudo, de algo que acontece de forma repentina e incompreensivelmente planejada. Gritamos com os outros, passamos na frente dos outros, brigamos no trânsito, falamos alto nos lugares e o rio passa, mas nem tudo é rio.

Lembrei de “Rio Vermelho”, outra canção de Francis Hime que ele gravou no disco *Pau Brasil* (1982) e falei com ele sobre essa canção — “Rio vermelho um saveiro, dois ou três palmos de praia, barra de mar e de saia, rabo de galo e de arraia, só você vendo morena, como a distância me acena”.

São notáveis os homens da música e da poesia que fazem um rio continuar em nós, digo, em mim. Vamos imaginar que somos rios, e não somos, somos despreocupados em direção a um lugar que nunca vimos, mas não somos rios, somos pessoas duplicadas.

Não importa se está ensolarado e eu adoro o sol, até quando ele vai embora ou quando o sol não quer o dia e chuva alivia nossa esperança. Se eu pudesse, mergulharia novamente nos rios da minha vida, na chuva, nas barragens sangrando, nos abraços de meu pai, de manhã cedo, quando eu chegava para passar as férias no Sertão. Hoje, vivo montado no meu paletó italiano e sou um fulano qualquer.

Como eu queria ter visto o rio naquela manhã de verão, que fizemos o cortejo de meu pai, em 1987, cortando ruas e ladeiras, o caminho tortuoso, minha cabeça longe dali. Dias depois, consegui ver o rio da vida dele a passar pela minha vida, mas nem tudo é rio.

Kapetadas

- 1 — A melhor forma de conhecer alguém é observar como a pessoa trata quem não precisa;
- 2 — Quase tudo se espatifa, menos os patifes.

Foto: Fábio Motta/Estadão Conteúdo



Cantor e compositor Francis Hime: 60 anos dedicados à música

Colunista colaborador

Estética e Existência

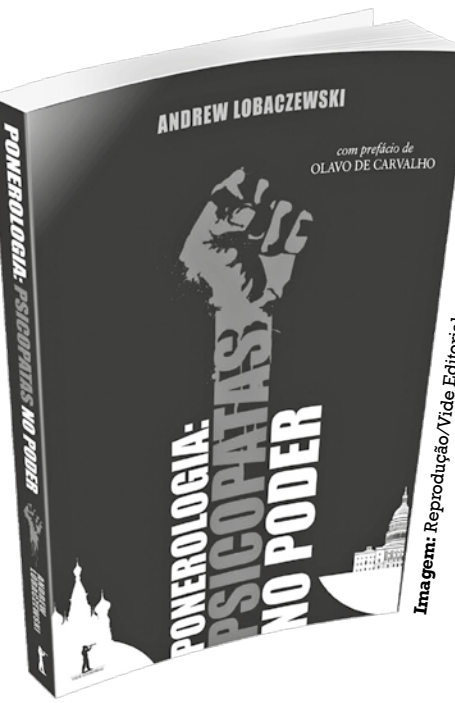
Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | Colaborador

Patocracia: poder dos psicopatas

O conceito de patocracia foi desenvolvido pelo psiquiatra polonês Andrzej Lobaczewski (1921–2008), que investigou como indivíduos com traços psicopáticos influenciam a disseminação da injustiça social e criam estratégias para conquistar o poder em regimes autoritários. Esse processo ocorre em situações onde o funcionamento político é distorcido por características patológicas de liderança, presentes tanto no âmbito político quanto religioso. Em sua obra *Ponerologia: Psicopatas no Poder*, publicada em 1984, Lobaczewski propõe uma teoria que explica como essas dinâmicas patológicas corrompem sistemas de poder, subvertendo normas democráticas e sociais, o que resulta em uma degradação ética, política e religiosa. No livro, o autor defende a ponerologia como a ciência que investiga a natureza do mal, adaptada para compreender como a maldade se manifesta de maneira perversa no exercício do poder, além de examinar como os psicopatas utilizam suas habilidades manipulativas e sedutoras para ascender ao poder, controlar a vida das pessoas e distorcer o caráter delas.

A patocracia é um fenômeno social e coletivo que surge em contextos políticos ou religiosos suscetíveis à manipulação emocional, desumanização e autoritarismo. Sistemas de governo corrompidos por psicopatologias são frequentemente liderados por indivíduos que, além de apresentarem transtorno de personalidade narcisista, utilizam a falta de empatia para conquistar o poder. Esses líderes, caracterizados por despersonalização, egoísmo extremo e insensibilidade, conseguem assumir o controle do aparato governamental ou religioso, subvertendo valores éticos e morais. Segundo Lobaczewski, a patocracia não depende exclusivamente de um único líder psicopata, mas sim da formação de um sistema de poder patológico, sustentado pelo uso de instrumentos coer-



“Ponerologia: Psicopatas no Poder” (1984), obra de Andrzej Lobaczewski (1921–2008)

citivos e autoritários. Trata-se de um processo gradual de degradação social e política, no qual uma elite de indivíduos perversos corrompe progressivamente o sistema político, destrói as instituições democráticas e estabelece um regime de dominação. Esse processo ocorre, em geral, com a ascensão de psicopatas que exploram as fragilidades do sistema político ou religioso para consolidar suas posições de poder. Inicialmente muitas vezes ignorados ou subestimados pela sociedade, esses indivíduos maldosos utilizam sua falta de escrúpulos para desestabilizar as instituições, criando um ambiente de medo, desinformação e polarização. A propagação de mentiras e a distorção da realidade tornam-se estratégias determinantes para garantir a autoridade e enfraquecer a oposição. A sociedade, por sua vez, frequentemente se vê paralisada diante da dificuldade de lidar com a manipulação patológica do poder.

Em uma patocracia, suas características incluem: 1) Manipulação emo-

cional — Os líderes psicopatas têm a habilidade de manipular as emoções e percepções do público, utilizando propaganda, controle da informação e explorando as vulnerabilidades emocionais da população; 2) Desumanização e abuso de poder — Os indivíduos deixam de ser vistos como seres com direitos e dignidade, tornando-se meras ferramentas para atender às necessidades do poder. Isso pode se manifestar em políticas de repressão, tortura psicológica e ideológica, ou até genocídios; 3) Falta de empatia e remorso — Os governantes são incapazes de sentir empatia pelo sofrimento alheio. As consequências de suas ações não geram arrependimento ou reflexão moral. Pelo contrário, esses líderes são impulsionados pela necessidade de controle e autoafirmação; 4) Impunidade e corrupção — O sistema jurídico e as instituições do estado se tornam instrumentos para perpetuar o regime, sendo manipulados para garantir a impunidade dos líderes e seus aliados. A corrupção se torna endêmica, corroendo a confiança nas instituições e minando a capacidade do estado de operar de maneira justa.

A teoria da patocracia e a ponerologia do psiquiatra Lobaczewski destacam a importância de entender o poder como um fenômeno enraizado nas dinâmicas psicopatológicas dos líderes e das instituições. Suas teses oferecem contribuições para prevenir a ascensão de regimes patocráticos e garantir que o poder seja sempre orientado para o bem comum e a honestidade da ética pública.

Sinta-se convidado à audição do 518º Domingo Sinfônico, que ocorrerá neste dia 4, das 22h às 0h. Para quem está em João Pessoa (PB), a sintonia é na FM 105.5, ou você pode acessar (clique em rádio ao vivo) pelo aplicativo em radiotabajara.pb.gov.br/radio-ao-vivo/radio-fm. Durante a transmissão, comentarei sobre os “Concertos de Brandemburgo”, de Johann Sebastian Bach (1685–1750).

Coisas de Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB | Colaborador

Cinema é arte de múltiplas acepções

Ao longo de minha convivência com o cinema, tenho buscado motivos para alguns instantes de criativas reflexões. Muitas delas são comparações prazerosamente lúdicas, sobretudo. São “imagens” de significados por vezes imperceptíveis ao espectador comum, para mim, no entanto, cheias de simbolismos prementes de interpretações. São coisas que nos fazem pensar diferentemente sobre elas, na busca daquele “algo mais”, que só a “arte-do-filme” proporciona.

Em um desses instantes, lembro bem, lá pelos idos de 1982, tendo assistido ao lançamento de um dos filmes do diretor Steven Spielberg — naquela época colunista e editor do *Segundo Caderno*, do *Jornal O Norte* —, escrevi sobre uma sequência de *ET*. E sobre ela ponderei simbolicamente semelhante à de outro filme, que havia visto quando criança, alguns anos antes, dirigido pelo húngaro naturalizado espanhol Ladislao Vajda. O filme, *Marcelino, pan y vino* (1954). Meu artigo repercutiu bem, sendo lembrado por um amigo, também professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em breve encontro que tivemos semanas depois na universidade.

As sequências lembradas são as do garoto Marcelino (Pablito Calvo) aproximando-se da imagem do Cristo crucificado, no interior de uma capela, inicialmente temeroso, depois maravilhado. Já a cena do filme de



Foto: Reprodução/Universal Pictures

Cena de “E.T. O Extraterrestre” (1982), longa-metragem dirigido por Steven Spielberg

Steven Spielberg, quando o garoto em seu próprio quarto tem o primeiro contato com um extraterrestre. Parece existir em ambas as construções, se assim podemos afirmar, uma semiótica perfeita, um significado único. Existe, ali, algo poderoso demais aos olhos das crianças do diretor Vajda e de Spielberg. Singular e emblemático à importância de ambos os filmes.

Em *Marcelino* e no *ET*, preservados os simbolismos — o sagrado no filme de Vajda e o científico em Spielberg —, existe uma similitude entre os dois, justamente nos momentos sequenciais. Tais analogias de “sentidos”, simbolicamente erguidos pelo nosso cinema, também são encontrados

em outras diversas obras. Lembremos, então, de *8 1/2* (1963), de Federico Fellini, e *Menino de Engenho* (1965), de Walter Lima Jr., do clássico de Zé Lins. Filmes de produções de uma mesma década, e onde encontraremos outro importante motivo de comparação, embora sob óticas diferenciadas. As performances da prostituta Saraguina (felliniana) e as de Zefa Cajá, do romance zeliniano.

Semelhanças, signos, tudo conta na construção de um bom filme. A rigor, em arte, sobretudo em Cinema, as boas performances existem para serem lembradas, copiadas, ampliadas e até melhoradas. Nada contra... — Mais “Coisas de Cinema”, no blog: www.alexssantos.com.br.



APC: eleição para a cadeira nº 2

A presidência da Academia Paraibana de Cinema, conforme seus estatutos, informa que a data da eleição do novo integrante da APC, entre os candidatos inscritos para a cadeira nº 2, vaga com o falecimento do cineasta Vladimir Carvalho, será na próxima quarta-feira (7), pela manhã, na sede da entidade, em Tambaú, na capital paraibana. O processo de seleção no novo membro da APC se dará com a participação de integrantes da diretoria da entidade, bem como dos associados presentes.

ESTREIAS

Cine Bangüê apresenta *Cidade dos Sonhos*

Da Redação

Cinco novos filmes estão em cartaz na programação de maio do Cine Bangüê, da Fundação Espaço Cultural da Paraíba (Funes), em João Pessoa. A partir deste fim de semana, serão exibidos os longas-metragens *Capitão Astúcia*, *Lispectorante*, *Onda nova*, *Abá e sua banda* e a versão restaurada de *Cidade dos Sonhos*.

Capitão Astúcia (2022) e *Lispectorante* (2024) são protagonizados pelos paraibanos Fernando Teixeira e Marcélia Cartaxo, respectivamente. Ambos terão sessões especiais com debate. Na quarta-feira (7), sessão terá a presença da diretora do drama Renata Pinheiro e da atriz Marcélia Cartaxo. Já no dia 14, haverá exibição da aventura de Filipe Gontijo e debate com o ator Fernando Teixeira.

Cidade dos Sonhos é um filme de um dos grandes nomes da Sétima Arte: David Lynch, falecido em janeiro deste ano. É um longa de 2001 agora restaurado em 4K, com Naomi Watts e Laura Harring no elenco. Esse cineasta tem uma obra profunda e complexa, com belas imagens e desenhos sonoros impecáveis. Filmografia de Lynch inclui *Veludo azul* (1986) e a série *Twin Peaks* (1990).



Foto: Reprodução/Universal Pictures

Naomi Watts (E) e Laura Harring (D) protagonizam filme de Lynch, que volta em versão restaurada

A programação também tem *Onda nova*, filme de 1983 que foi remasterizado e está sendo relançado este ano. Conhecido como “clássico proibido da Boca do Lixo”, essa comédia erótica de José Antonio Garcia e Ícaro Martins tem no elenco nomes como Carla Camurati, Tânia Alves, Vera Zimmermann e Regina Casé. O longa-metragem

foi censurado pela Ditadura Militar na época.

Abá e sua banda é uma animação que expõe o poder da música ao pregar a união do povo na luta contra a tirania. O filme de Humberto Avelar estreou no Festival de Gramado, no ano passado.

O Cine Bangüê fica no Espaço Cultural José Lins do Rêgo, no bairro de Tam-

bauzinho, na capital paraibana. Os ingressos custam R\$ 10 (inteira) e R\$ 5 (meia), com a bilheteria abrindo uma hora antes das sessões. É possível efetuar o pagamento via Pix.

Datas e horários dos filmes podem ser verificados na seção *Em Cartaz*, na página 12, ou ainda pelo perfil oficial no Instagram do cinema (@cinebanguê).

Letra Lúdica

Hildeberto
Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Alagoa Nova, poesia!

Dia desses, eu estive em Alagoa Nova, terra de Gonzaga Rodrigues, José Saldanha, Péricles Leal, Eudes Barros, só para citar alguns dos muitos notáveis da bela e aconchegante cidade brejeira.

Fui proscar, com alunos e professores, sobre os sortilégios da poesia e da literatura, numa conversa de hora e meia, que me deu prazer, saber e espanto. Se pouco tinha a ensinar, muito tinha a aprender.

Adoro falar de poesia. Melhor que falar de poesia, talvez só o sabor indizível de certas histórias contadas por matuto sabido à sombra da coqueira no curral. Quem já andou no meio de gado e topou com a filosofia de vaqueiro sabe isso como ninguém.

Mas, como dizia. Fui falar de poesia, de literatura, de poema, de linguagem, de vida e de morte. Tudo assim misturado sob as espátulas severas, mas também lúdicas, dos cortes epistemológicos.

Gosto de falar a gente moça, a adolescentes inquietos, àqueles que ainda sabem tão pouco dos mistérios e dos perigos de viver. Digo isto porque falar de literatura é inevitavelmente falar das coisas da vida, das emoções da vida, da memória e da imaginação.

Fiz o que pude para mostrar, aos rapazes e às moças, que poema se faz com palavras, sobretudo, com as palavras certas nos lugares mais adequados. Pelo menos, era assim que pensava o poeta inglês, Coleridge.

Fiz o que pude para introduzi-los na aventura sensorial das palavras, na sua iluminada arte de se vestir e de se compor na tessitura do poema. Quase nada de história, quase tudo de estesia. Sim, porque a poesia é de todos; o poema, artefato verbal, é só de poetas.

Disse, de cor, dois “poeminhas” de que gosto muito. Procurei me centrar no ritmo e na base material dos vocábulos, cadenciando a voz, fazendo pausas acentuadas no corpo das imagens, procurando demonstrar o valor das ideias, porém, sobretudo, o sabor da musicalidade. Não é Sartre quem diz ser a poesia uma palavra com música.

Pois bem! Tentei provar o fato com o poema *Memória*, de Carlos Drummond de Andrade, do livro *Claro enigma*, e *Poema tirado de uma notícia de jornal*, da coletânea *Libertinagem*, de Manuel Bandeira.

Daquele, privilegiei o último terceto (“Mas as coisas findas / muito mais que lindas / essas ficarão”). Que coisas seriam essas? Vocês guardam certas coisas?, perguntei. Há coisas que ficam? Quais? Como? Até quando? Por que? Deste, busquei rastrear a dor dos séculos de escravidão do personagem na síntese trágica da crônica perfeita. João Gostoso era carregador de feira livre e uma noite desceu ao Bar 20 de Novembro!

Também fiz um *link* possível entre a cidade e a poesia. Entre a poesia e a beleza. Toda cidade tem seus poemas espalhados pelas ruas; todo poema se assenta na cidade dos versos, no tempo e no espaço de uma geografia sem limites. Todo poema nada mais é que a procura da beleza. Há sempre beleza numa cidade. Alagoa Nova não seria diferente.

Cidade, lagoa, erosfera do Brejo, deitada na canícula da tarde, gleba ancestral de uma poesia telúrica, Alagoa Nova era, na presença de todos e naquela tarde de abril, a grande poesia, o melhor poema.

Certo disto, não tinha mais do que falar.

(Em tempo: a coluna de hoje presta uma homenagem a Carlinhos de Bibi, Luciano Oliveira e Rita Ramos)



Foto: Arquivo Estadão Conteúdo

Manuel Bandeira, autor da coletânea “Libertinagem”

Colunista colaborador

LITERATURA

Uma história para todas as idades

Hoje, na Casa Caratelli, em João Pessoa, Laís Lúcio lança “O Rei na Barriga”, obra infantil para adulto ler

Daniel Abath
abathjornalista@gmail.com

Era uma vez Bárbara, uma menina que descobre existir um monarca, cheio de vontades e caprichos, morando bem no meio da sua barriga. Essa e outras expressões da infância podem ser experienciadas no livro infantil *O Rei na Barriga* (Editora Termômetro), da escritora Laís Lúcio, patoense radicada em João Pessoa, com ilustrações de Luyse Costa, a ser lançado hoje, às 16h, na Casa Caratelli, no Cabo Branco, em João Pessoa.

Esse é o segundo título de sua carreira voltado ao público infantil — o primeiro foi *Um Livro Sobre Como Ler um Livro* (Editora Asinha, 2023), obra mais metalinguística e voltada ao universo da leitura. “Esse é mais ficção, mais narrativo, e surge desse meu contato com crianças, com certeza”, explica a autora.

A inspiração para a obra veio de um desafio de escrita criativa. Durante seus estudos, Laís Lúcio encontrou um exercício que propunha criar uma narrativa baseada em um ditado popular. “Se eu não me engano, já tinha lá o ‘rei na barriga’. E aí, pensando no que é ter o rei na barriga”, refleti sobre como, muitas vezes, as atitudes naturais da infância são vistas como desafiadoras, mas, na verdade, são apenas fases do desenvolvimento”, destaca.

A tessitura da escrita ocorreu de maneira rápida, conforme ela relata. Escreveu “de uma vez”, em uma tarde. Apesar disso, deixou tudo guardado e foi revisando em diversas ocasiões, mudando uma palavra aqui, uma frase ali, até chegar à malha final.

Além dos dois livros infantis, Laís Lúcio já incurSIONOU na seara dos contos, crônicas e poemas, tendo contribuído também para coletâneas literárias. Um desses projetos foi organizado em parceria com o escritor Tiago Germano e envolveu a participação de alunos da escola onde leciona português para

alunos do Ensino Fundamental 1.

Narrativas democráticas
Ao ser questionada sobre suas intenções com *O Rei na Barriga*, Laís Lúcio revela um padrão presente em suas histórias: apesar de direcionadas às crianças, suas narrativas

também se voltam para o público adulto. “Eu priorizo divertir as crianças. Se eu divertir os adultos, é ótimo, mas minha moral geralmente é: como estamos olhando para essas crianças? Estamos lembrando de quem nós éramos enquanto crianças?”, pondera.

Sobre a diferença entre escrever para públicos distintos, a autora observa que o nível de dificuldade é similar. “Tem o mesmo nível de dedicação. Eu percebi que muitos contos que inicialmente eu estava fazendo para adultos poderiam se tornar histórias infantis. Bastava mudar algumas palavras ou o modo de dizer alguma coisa”. No entanto, ela aponta que escrever para crianças envolve um cuidado adicional

com a representação visual. “Apesar de não ter sido a ilustradora, você pensa muito em como isso será representado pelas ilustrações e como elas complementam o texto”.

Como *O Rei na Barriga*, Laís Lúcio dá um novo passo em sua trajetória na literatura infantil, oferecendo uma experiência que não apenas diverte, mas também instiga à reflexão em leitores e leitoras de todas as idades.



Leia o QR Code acima e acesse o site oficial da Editora Termômetro



Foto: Laura de Andrade/Div.

Inspiração da autora para a obra veio de um desafio de escrita criativa, que propunha criar uma narrativa baseada em um ditado popular

Em Cartaz

Cinema

Programação de 1º a 7 de maio, nos cinemas de João Pessoa: *Campina Grande*, *Patos*, *Guarabira* e *Remígio*.
* Até o fechamento desta edição, o *Cine Vieira*, em São Bento; o *Cinemaxxi Cidade da Luz*, em Guarabira; o *Cine Guedes*, em Patos; e o *Cine RT*, em Remígio, não haviam divulgado suas programações.

ESTREIAS

AMOR BANDIDO (*Love Hurts*). EUA, Japão, 2025. Dir.: Jonathan Eusebio. Elenco: Ke Huy Quan, Ariana DeBose, Daniel Wu. Ação. Um corretor de imóveis aparentemente bem-educado guarda um segredo obscuro. Ao receber um envelope de sua ex-parceira de crime, ele se vê em uma situação bastante inusitada e repleta de assassinatos, violência e escolhas improváveis. 1h23. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 14h30, 21h50. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 15h30, 19h50.

HOMEM COM H. Brasil. 2025. Dir.: Esmir Filho. Elenco: Jesuítá Barbosa, Bruno Montaleone, Jullio Reis, Hermila Guedes, Caroline Abras. Cinebiografia. As diferentes fases da carreira do cantor Ney Matogrosso, desde a sua infância, passando pela adolescência e a vida adulta. Uma jornada através do tempo que acompanha um rapaz de origem humilde que quebra preconceitos e se torna um artista influente. 2h10. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: 17h15, 20h. CINÉPOLIS MANAÍRA 11 (VIP): 14h, 17h, 20h. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: 18h45, 21h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 15h50, 18h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 5: 15h50, 18h20.

SCREAMBOAT: TERROR A BORDO (*Screamboat*). EUA, 2025. Dir.: Steven LaMorte. Elenco: David Howard Thornton, Tyler Posey, Jesse Kove. Terror e comédia. Na última balsa da noite em Nova York, EUA, passageiros e tripulantes são caçados por um rato impiedoso, e o que deveria ser uma travessia tranquila se transforma em um massacre sangrento. 1h42. 14 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 22h10. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 20h20.

THUNDERBOLTS* (*Thunderbolts**). EUA. 2025. Dir.: Jake Schreier. Elenco: Florence Pugh, Sebastian Stan, David Harbour, Lewis Pullman, Hannah John-Kamen. Aventura. Depois de se verem presos em uma armadilha mortal, uma equipe não convencional de anti-heróis (Yelena Belova, Viúva Negra, Bucky Bar-

nes, Soldado Invernal, Guardiã Vermelha, Fantasma, Agente Americano e Treinador) deve embarcar em uma missão perigosa que os forçará a confrontar os cantos mais sombrios de seus passados. 2h06. 14 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 19h; CENTERPLEX MAG 3 (Átmos): dub.: 15h, 17h45; leg.: 20h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 4: leg.: 22h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 6: dub.: 15h, 17h45; leg.: 20h30; CINÉPOLIS MANAÍRA 7: dub.: 3D: 13h45, 16h30, 19h15, 22h; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 (Macro-XE): dub.: 3D: 13h30, 19h; leg.: 3D: 16h15, 21h45; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 (VIP): leg.: 3D: 15h15, 18h, 20h45. CINÉPOLIS MANGABEIRA 1: dub.: 3D: 13h45, 16h45, 19h15, 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 14h30, 17h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5: dub.: 13h, 15h45, 18h30, 21h15. CINESERCLA TAMBIA 6: dub.: 15h40, 18h10, 20h30. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: leg.: 21h; CINESERCLA PARTAGE 2: dub.: 15h40, 18h10, 20h30; CINESERCLA PARTAGE 3: dub.: 14h50, 17h10, 19h30.

ABÁ E SUA BANDA. Brasil, 2025. Dir.: Humberto Avelar. Elenco: Filipe Bragança, Zezé Motta, Rafael Infante. Animação. o príncipe do Reino do Pomar precisa enfrentar um vilão para conseguir realizar o sonho de ser músico e tocar no Festival da Primavera ao lado de seus amigos. 1h24. Livre.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 3/5 (sáb.): 15h; 11/5 (dom.): 15h; 17/5 (sáb.): 15h; 25/5 (dom.): 15h; 31/5 (sáb.): 15h.

CAPITÃO ASTÚCIA. Brasil. 2025. Dir.: Filipe Gontijo. Elenco: Fernando Teixeira, Paulo Verlings, Nivea Maria. Comédia. Um ex-astro mirim frustrado com sua carreira de pianista, decide fugir de um revival na TV. Ele busca refúgio na casa do avô, um senhor cheio de energia e determinado a realizar um sonho inusitado: se tornar um super-herói. 1h30. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 3/5 (sáb.): 17h; 4/5 (dom.): 15h; 8/5 (qui.): 20h30; 10/5 (sáb.): 17h; 14/5 (qua.): 19h (com debate); 18/5 (dom.): 17h; 24/5 (sáb.): 15h; 31/5 (sáb.): 17h.

CIDADE DOS SONHOS (*Mulholland Dr.*). EUA, França. 2001. Dir.: David Lynch. Elenco: Naomi Watts, Laura Harring, Robert Forster. *Thriller*. Uma jovem atriz viaja para Hollywood e se vê emaranhada numa intriga secreta com uma mulher que escapou por pouco de ser assassinada, e que agora se encontra com amnésia devido a um acidente de carro. Seu mundo se torna um pesadelo e surreal. 2h26. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: leg.: 3/5 (sáb.): 19h; 4/5 (dom.): 19h; 8/5 (qui.): 18h; 10/5 (sáb.): 19h; 15/5 (qui.): 18h; 17/5 (sáb.): 19h; 22/5 (qui.): 18h; 25/5 (dom.): 19h; 31/5 (sáb.): 19h.

LISPECTORANTE. Brasil. 2025. Dir.: Renata Pinheiro. Elenco: Marcélia Cartaxo, Grace Passô, Pedro Wagner, Tavinho Teixeira, Karina Buhr, Gheuzza, Nivaldo Nascimento. Drama. Glória Hartman, uma mulher madura que atravessa uma crise existencial e financeira, volta à sua cidade natal, que também passa por um processo de abandono. Por meio de uma fenda nas ruínas onde morou a escritora Clarice Lispector, Glória começa a ver cenas fantásticas que vão alterar a sua vida. 1h32. 12 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 7/5 (qua.): 19h (com debate); 11/5 (dom.): 17h; 15/5 (qui.): 20h30; 18/5 (dom.): 19h; 22/5 (qui.): 20h30; 24/5 (sáb.): 19h; 25/5 (dom.): 17h; 29/5 (qui.): 18h.

ONDA NOVA. Brasil. 1983. Dir.: José Antonio Garcia e Ícaro Martins. Elenco: Carla Camurati, Tânia Alves, Walter Casagrande. Comédia erótica. Em 1983, ano em que o futebol feminino foi regulamentado no Brasil, meninas formam um time. Com o apoio de jogadores da época, elas enfrentam os preconceitos de uma sociedade conservadora e lidam com seus problemas pessoais, enquanto se preparam para um jogo internacional. 1h42. 18 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 4/5 (dom.): 17h; 10/5 (sáb.): 15h; 11/5 (dom.): 19h; 17/5 (sáb.): 17h; 18/5 (dom.): 15h; 24/5 (sáb.): 17h; 29/5 (qui.): 20h30.

CONTINUAÇÃO

THE CHOSEN – ÚLTIMA CEIA (*The Chosen — Last Supper*). EUA, 2025. Dir.: Dallas Jenkins. Elenco: Jonathan Roumie, Shahar Isaac, Paras Patel, Elizabeth Tabish, George Xanthis, Noah James. Drama. O povo de Israel acolhe Jesus como rei, enquanto seus discípulos aguardam sua coroação. Mas, em vez de confrontar Roma, ele vira as mesas durante o festival religioso judaico. Com seu poder ameaçado, os líderes religiosos e políticos do país farão de tudo para garantir que esta seja a última ceia de Jesus. 2h. 12 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 2: dub.: 16h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: dub.: 16h10. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 18h.

O CONTADOR 2 (*The Accountant 2*). EUA, 2025. Dir.: Gavin O'Connor. Elenco: Ben Affleck, Jon Bernthal, J.K. Simmons, Cynthia Addai-Robinson. Ação. Christian Wolff aplica sua mente brilhante e métodos não tão legais para montar o quebra-cabeça não tão resolvido do assassinato de um chefe do tesouro. Ele se une ao seu irmão afastado, mas altamente letal, para rastrear os assassinos misteriosos. 2h05. 16 anos.

João Pessoa: CINE BANGÜÊ: 2: leg.: 18h30. CINÉPOLIS MANAÍRA 3: leg.: 18h20, 21h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 4: dub.: 20h. CINESERCLA TAMBIA 2:

dub.: 20h40; **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 20h40.

UM FILME MINECRAFT (*A Minecraft Movie*). Suécia e EUA, 2025. Dir.: Jared Hess. Elenco: Jack Black, Jason Momoa, Jennifer Coolidge, Danielle Brooks, Kate McKinnon. Comédia/aventura. Quatro pessoas são jogadas por um portal para um bizarro mundo onde tudo é cúbico. 1h41. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: dub.: 14h, 16h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 14h, 17h20; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h20 (sáb. e dom.), 16h; CINÉPOLIS MANAÍRA 4: dub.: 14h30, 17h, 19h30. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 14h45, 17h, 19h30. CINESERCLA TAMBIA 3: dub.: 20h45; CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 16h20, 18h20; **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 16h20, 18h20; CINESERCLA PARTAGE 5: 20h45.

LOONEY TUNES - O DIA EM QUE A TERRA EXPLODIU (*The Day the Earth Blew Up: A Looney Tunes Movie*). EUA, Canadá, 2025. Dir.: Peter Browngardt. Animação. Gaguinho e Patolino se tornam a única esperança da Terra quando descobrem um plano secreto de controle mental alienígena. Diante de probabilidades cósmicas, eles devem salvar sua cidade e o mundo sem deixar um ao outro completamente maluco. 1h32. Livre.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 8: dub.: 13h15 (qui. a dom.).

PECADORES (*Sinners*). EUA, 2025. Dir.: Ryan Coogler. Elenco: Michael B. Jordan, Hailee Steinfeld, Miles Catton. Ação e terror. Dispostos a deixar suas vidas conturbadas para trás, irmãos gêmeos retornam à cidade natal para recomeçar suas vidas do zero, quando descobrem que um mal ainda maior está à espera deles para recebê-los de volta. 2h17. 16 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 4: leg.: 21h15. CINÉPOLIS MANAÍRA 1: leg.: 18h50, 21h50. CINÉPOLIS MANGABEIRA 3: dub.: 21h45. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h10; CINESERCLA TAMBIA 5: dub.: 20h20. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 1: dub.: 20h20; CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 18h40.

REI DOS REIS (*The King of Kings*). EUA, Coreia da Sul, 2025. Dir.: Seong-ho Jang. Elenco: Pierce Brosnan, Oscar Isaac, Kenneth Branagh. Animação. Um menino imaginativo descobre a fé por meio da história de Jesus Cristo contada por seu pai. 1h42. 10 anos.

João Pessoa: CENTERPLEX MAG 1: dub.: 15h. CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 13h30, 15h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 3: dub.: 13h20 (sáb. e dom.). CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 14h. CINESERCLA TAMBIA 1: dub.: 13h45; CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 14h10 (qui. a dom.). **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 14h10 (qui. a dom.).

UNTIL DAWN: NOITE DE TERROR (*Until Dawn*). EUA. 2025. Dir.: David F. Sandberg. Elenco: Ella Rubin, Michael Cimino, Odessa A'zion. Terror. Explorando um centro de visitantes abandonado, Um grupo de amigos encontra um assassino mascarado, que os mata um por um. No entanto, quando eles misteriosamente acordam no início da mesma noite, são forçados a reviver o terror repetidamente. 1h44. 18 anos.

João Pessoa: CINÉPOLIS MANAÍRA 2: dub.: 19h45, 22h20. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2: dub.: 16h15. CINESERCLA TAMBIA 2: dub.: 18h40. **Campina Grande:** CINESERCLA PARTAGE 4: dub.: 16h10.

Exposições

CONTINUAÇÃO

LINHA MOTRIZ. Exposição da artista visual Louise Gusmão mostra o que pode ser produzido por meio da linguagem da arte têxtil.

João Pessoa: CASARÃO 34 (Praça Dom Adauto, Av. Visc. de Pelotas, 34, Roger). Visitação de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h, até 16 de maio de 2025. Entrada franca.

PROCUREI AMOR NO VAZIO E ENCONTREI O ECO DE MIM MESMA. Exposição de Ferdinande, cujas obras se constroem como uma arqueologia íntima, onde fragmentos da infância, ecos de dogmas e resquícios de anseios não correspondidos são reorganizados para criar novas narrativas sobre si.

João Pessoa: ESPAÇO EXPOSITIVO ALICE VINAGRE (Espaço Cultural — Rampa 1, Mezanino 2 — R. Abdias Gomes de Almeida, 800, Tambauzinho). Visitação das segundas-feiras aos sábados, das 7h às 22h, e nos domingos e feriados, das 8h às 20h. Até 23 de maio de 2025. Entrada franca.

Espetáculos

CONTINUAÇÃO

REAL CIRCO. Sob a produção dos irmãos Brandão, o espetáculo é uma junção de tecnologia e arte, com atrações inéditas e artistas premiados nos maiores festivais de circo do mundo.

João Pessoa: estrutura montada ao lado do Sam's Club Bessa, na Estrada de Cabedelo, na Grande João Pessoa. Sessões: segunda à sexta-feira (exceto quarta), 20h; fim de semana e feriados, 16h, 18h, 20h30. Ingressos a partir de R\$ 20, no site oficial do circo (realcirco.com.br).

MARCO DA IA

Paraibano terá papel fundamental

Deputado Aguinaldo Ribeiro é o relator do projeto para proteger direitos fundamentais e estimular a inovação

Paulo Correia
paulocorreia.epc@gmail.com

O Congresso Nacional discute, atualmente, a regulamentação de um setor que impacta diretamente na maneira como nos relacionamos e trabalhamos e que se desenvolve em ritmo exponencial, o dos sistemas de Inteligências Artificiais, conhecidas como IAs. O Projeto de Lei (PL) nº 2338/2023 estabelece o marco regulatório para “o desenvolvimento, fomento e o uso ético e responsável da inteligência artificial”, representando um importante passo para a regulamentação da IA no Brasil. A matéria tramita na Câmara, sob relatoria do deputado da Paraíba Aguinaldo Ribeiro (PP), e será analisada em Comissão Especial, sob a presidência da deputada Luísa Canziani (PSD-PR).

O PL nº 2338/2023 é de autoria do senador Rodrigo Pacheco (PSD-MG) e foi aprovado no Senado em 10 de dezembro do ano passado, com relatoria do senador Eduardo Gomes (PL-TO). A medida tem como objetivo “proteger os direitos fundamentais, estimular a inovação responsável e a competitividade e garantir a implementação de sistemas seguros e confiáveis, em benefício da pessoa humana, do regime democrático e do desenvolvimento social, científico, tecnológico e econômico”. Em linhas gerais, a proposta estrutura-se em três eixos principais: proteção de direitos fundamentais; governança e controle; e fomento à inovação responsável.

O advogado e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), especialista em Direito Digital e Inteligência Artificial, Gustavo Rabay, considera que o PL nº 2338/2023 é um passo importante, mas ainda não é um marco regulatório consolidado, oferecendo “diretrizes valiosas, mas precisam de aprimoramentos para ser eficaz e duradouro”. Ele defende a necessidade de maior clareza na definição de responsabilidades, mecanismos efetivos

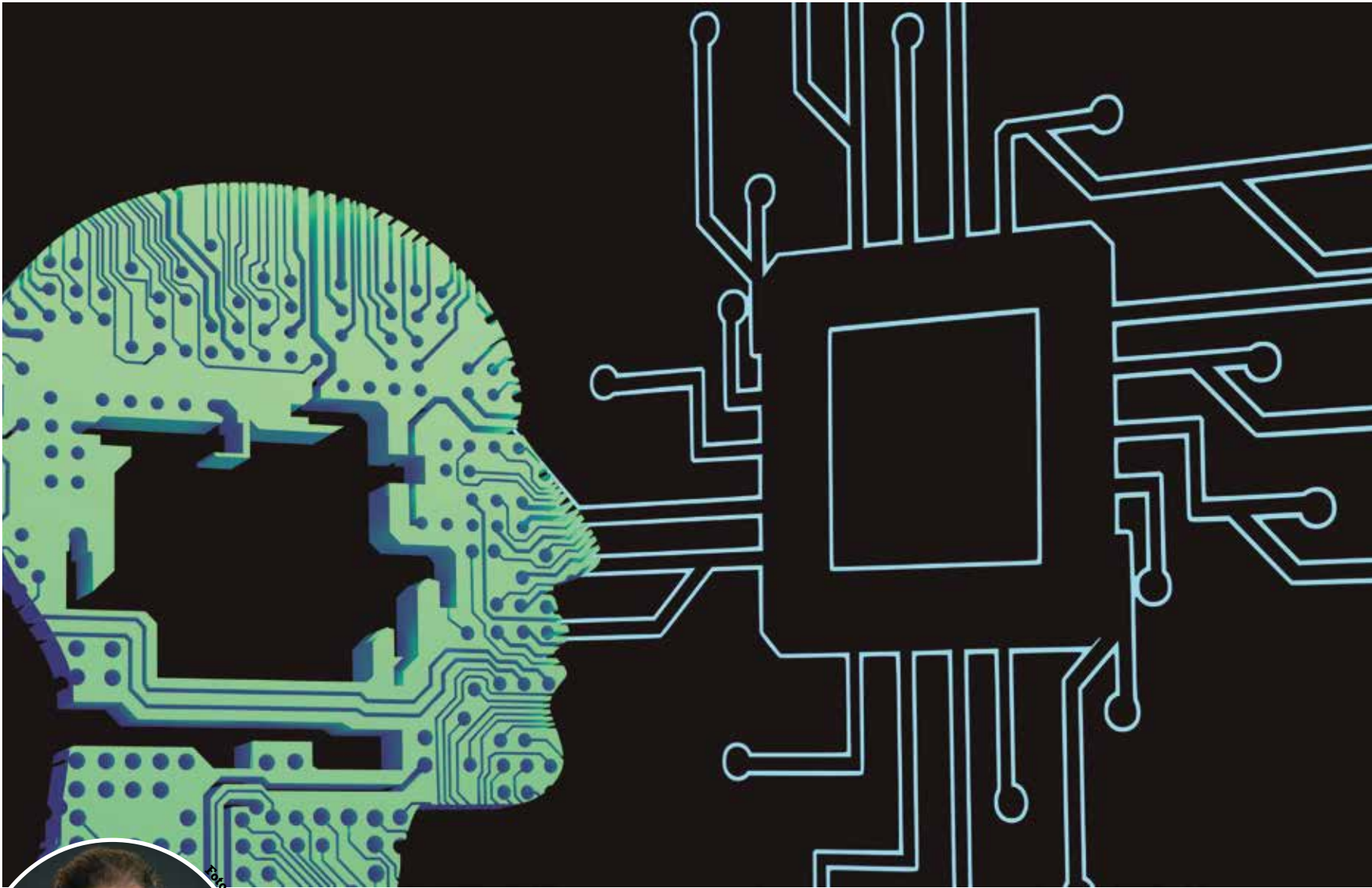


Foto: Steve Johnson/Unsplash



Avanços da IA geram preocupações no Legislativo, que tem como objetivo evitar problemas e garantir o controle humano

Precisamos delinear ainda mais este modelo de proteção dos direitos dos cidadãos, como o direito à revisão humana de decisões automatizadas

Guilherme Rabay

de supervisão e fiscalização, além do fomento à educação digital e capacitação técnica.

“Precisamos delinear ainda mais este modelo de proteção dos direitos dos cidadãos, como o direito à revisão humana de decisões automatizadas e o direito à explicação compreensível. Isso já vem sendo um problema desde a vigência da LGPD. Os direitos dos titulares de dados, mesmo com previsão constitucional, estão longe de ser respeitados. [...] E não podemos esquecer, claro, do fomento à educação digital e à capacitação técnica, tanto no setor público quanto no setor produtivo, como eixo transversal da regulação. Resumindo, um marco regulatório para o uso responsável e ético da IA precisa combinar segurança jurídica, proteção de direitos e estímulo à inovação”, defende o advogado.

Um dos pontos sensíveis do projeto é a classificação de

IAs em diferentes níveis de risco para os sistemas de IA, com medidas específicas para aqueles considerados de risco excessivo ou alto risco. Para o professor, a abordagem é viável, contudo exige a necessidade de capacidade institucional da futura autoridade reguladora, segurança jurídica para os agentes privados e atualização constante das classificações”.

Conforme o jurista, a eficiência da proposta “dependerá de, pelo menos, três fatores críticos: capacidade institucional da futura autoridade reguladora, que deverá interpretar e aplicar essas categorias com base em critérios técnicos, mas também sensíveis ao contexto social e econômico brasileiro; segurança jurídica e previsibilidade regulatória para os agentes privados, que precisarão de diretrizes claras para saber se estão desenvolvendo ou utilizando sistemas de alto risco; e atualização constante das classificações, já que a tecnologia avança em ritmo exponencial, e um sistema, hoje, considerado de risco moderado pode, amanhã, representar risco elevado. Portanto, é viável, mas exige estrutura, capacitação e diálogo regulatório permanente. O desafio será sempre cultural”.

A advogada Eva Magalhães Mascena, especialista em Direito Digital e Proteção de Dados, defende que a aprovação do projeto de lei é “um bom ponto de partida para o que a gente chama do marco legal da inteligência artificial no Brasil”, mas exige atenção para os desafios de equilibrar a proteção de direitos, a inovação e a soberania digital. “A gente já teve o marco legal da internet, que regulamentou muita coisa, mas esse novo projeto de lei traz uma oportunidade histórica para o Brasil lidar com a inteligência artificial em si, como uma tecnologia a ser usada com responsabilidade, justiça e para desmistificar os pressu-

postos que existem a respeito da inteligência artificial que ainda não estão regulados no país”, afirmou.

Para Mascena, a relação entre as três legislações — o Marco Civil da Internet (Lei 12.965/2014), a LGPD (Lei 13.709/2018) e o PL 2338/2023 — pode proporcionar a criação de um “ecossistema digital brasileiro”, devido à complementaridade das legislações. Segundo a advogada, “se eles forem bem integrados e se for bem pensado o conjunto, a gente pode criar realmente uma legislação basilar, que seja, inclusive, realmente segura para a proteção dos direitos individuais e coletivos do país. A gente precisa ver

que no Marco [Civil] da Internet tem os princípios gerais da internet, ele vai falar sobre neutralidade, sobre proteção de dados. [...] A LGPD vai falar sobre a coleta dos dados e esse PL da inteligência artificial vai entrar com um recorte mais específico sobre como os sistemas de inteligência artificial devem ser desenvolvidos, usados e regulados, principalmente naqueles que tomam decisões que afetam diretamente as pessoas”.

Para o professor Rabay, o projeto também dialoga com o Marco Civil da Internet e a LGPD, e complementa afirmando que tais leis formam um tripé normativo para o panorama digital. Segundo ele,

“o PL nº 2338/2023 dialoga diretamente com o Marco Civil da Internet e a Lei Geral de Proteção de Dados, formando um tripé normativo que molda o panorama digital. Há, sem dúvida, convergências importantes: todas essas normas buscam equilibrar direitos fundamentais, inovação tecnológica e segurança jurídica. [...] Eu vejo que não existe um conflito frontal e que o sucesso da implementação do PL dependerá de uma regulamentação coordenada e de uma atuação institucional integrada. Ainda é muito cedo para saber se acertarão o ponto, até porque a tecnologia está numa escalada vertiginosa em termos de adoção maciça”.

PL tem influência europeia, é menos detalhado e pode ser risco

A União Europeia foi pioneira na legislação de sistemas de inteligência artificial, com a aprovação do regulamento 2024/1689, conhecido como AI Act. A lei, que entra em vigor em 2 de agosto de 2026, visa promover uma IA centrada no ser humano, garantindo a proteção da saúde, da segurança e dos direitos fundamentais dos cidadãos. Apesar de ter validade somente a partir de 2026, o documento destaca que, “tendo em conta o risco inaceitável associado à utilização da IA de determinadas formas, as proibições, bem como as disposições gerais do presente regulamento, deverão aplicar-se já a partir de 2 de fevereiro de 2025”.

Para Mascena, a medida brasileira inspira-se na legislação europeia, mas apresenta um modelo mais genérico e flexível, o que pode ser positivo ou negativo, dependendo da forma como for regulamentado. A advogada

defende ainda a necessidade de adaptar o modelo à realidade brasileira, sem se distanciar do cenário internacional. “A gente não pode se distanciar muito do cenário internacional, tanto pelo distanciamento teórico como também prático das novas tecnologias, porque nós temos muitas inteligências artificiais que são importadas. Então, a gente não pode se distanciar tanto da regulamentação que está sendo feita internacionalmente. Mas esse modelo também precisa de uma adaptação própria para a realidade brasileira. A gente tem a vantagem da cooperação do comércio, da interação mediadora com os países da União Europeia, mas existe a necessidade de adaptar a realidade institucional à realidade tecnológica do país”, frisou a advogada.

Para Rabay, em comparação com legislações internacionais, o PL brasileiro inspira-se no AI Act da União

Europeia, mas se apresenta mais “principiológico e menos detalhado”. Ele pondera que essa flexibilidade pode ser uma oportunidade ou um risco, pois pode tanto estimular a inovação quanto gerar também um marco regulatório genérico e pouco efetivo. Conforme o professor, “estamos, assim, entre o espelho europeu e a busca por um modelo próprio, mais flexível e adaptado à realidade brasileira. A vantagem é que essa maleabilidade pode estimular a inovação e reduzir custos regulatórios; o risco é a criação de um marco regulatório genérico demais, com dificuldades de aplicação prática e pouca efetividade protetiva. [...] As implicações legais são significativas. Caso o Brasil venha participar ativamente dos fluxos internacionais de dados e de tecnologia, precisará demonstrar grau de convergência com os padrões globais de direitos e segurança”.



Foto: Arquivo Pessoal

A aprovação do projeto de lei é um bom ponto de partida para o que a gente chama do marco legal da inteligência artificial no Brasil

Eva Magalhães Mascena

SEGURANÇA PÚBLICA

PEC redefine competências e amplia papel da União

Texto encaminhado ao Congresso propõe uma das maiores reformas do setor

Jorge Macedo
Agência Senado

A segurança pública é a maior preocupação dos brasileiros, segundo pesquisa da Quaest divulgada no mês passado. O tema ganhou a dianteira no *ranking* de principais inquietações da população no início deste ano e segue em ascensão na série histórica do instituto. Diante desse cenário, o Governo Federal apresentou uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC) para reformular a gestão da segurança pública no Brasil.

O texto foi entregue pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva aos presidentes do Senado, Davi Alcolumbre, e da Câmara dos Deputados, Hugo Motta. No início de abril, o ministro da Justiça e Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, já havia antecipado a minuta da proposta para líderes partidários do Congresso.

A iniciativa propõe a constitucionalização do Sistema Único de Segurança Pública (Susp), criado em 2018 pela Lei nº 13.675. O objetivo é reforçar a atuação federal na segurança, ampliando o papel da União na formulação de políticas nacionais e no combate ao crime organizado. As mudanças sugeridas alteram a estrutura da segurança pública no Brasil, redefinindo as competências da União, estados, Distrito Federal e municípios. Caso seja aprovado, o texto representará uma das maiores reformas do setor nas últimas décadas.

A proposta, no entanto, divide opiniões entre parlamentares e especialistas. Um dia depois do encontro com deputados, Lewandowski foi ao Senado participar de audiência na Comissão de Segurança Pública (CSP). Na ocasião, o



Foto: Edilson Rodrigues/Agência Senado

Lewandowski avalia que a PEC é o início de uma solução para o combate ao crime organizado

ministro defendeu a PEC, mas reconheceu que ela não será uma “bala de prata” para acabar com o crime organizado no país. De acordo com ele, elevar o Susp à condição constitucional vai garantir maior estabilidade ao sistema e proteção contra mudanças políticas de curto prazo.

“É um problema muito sé-

rio, não é uma ação que vai resolver isso. A PEC não é a solução, é um início de solução e conjugação de esforços. É apenas uma tentativa de organizar o jogo para depois darmos uma nova partida”, afirmou. Segundo Lewandowski, o texto da PEC foi apresentado aos parlamentares antes da sua formalização para que já re-

ceba contribuições. Depois de apresentada, a proposta precisa do apoio de pelo menos 308 deputados e 49 senadores, em dois turnos de votação em cada uma das Casas, para ser aprovada. Em seguida, o texto é promulgado pelo Congresso Nacional e entra em vigor, sem precisar passar pela sanção do presidente da República.

Saiba Mais

Confira alguns dos principais pilares da proposta:

■ **Constitucionalização do Sistema Único de Segurança Pública (Susp)** — Já previsto em lei, o Susp passaria a ser referendado pela Constituição Federal, fortalecendo seu *status*. A União passaria a coordenar um sistema nacional para integrar e padronizar a atuação das forças de segurança em todo o território nacional, inclusive polícias militares, civis e penais, além do sistema penitenciário.

■ **Constitucionalização de fundos para financiamento** — O Fundo Nacional de Segurança Pública (FNSP) e o Fundo Penitenciário Nacional (Funpen), que financiam projetos e ações dos setores, também ingressariam no texto da Constituição. Os recur-

sos dos fundos são distribuídos entre os entes da Federação e não podem ser contingenciados.

■ **Fortalecimento das atribuições da União** — A União passaria a ser responsável pela definição da política e do plano nacional de segurança pública e defesa social e pelo estabelecimento de normas gerais sobre segurança pública e sistema penitenciário.

■ **Criação da Polícia Viária Federal (PVF)** — A Polícia Rodoviária Federal (PRF) seria convertida, em um novo órgão, a Polícia Viária Federal (PVF), com a atribuição de patrulhar todas as vias federais (estradas, ferrovias e hidrovias).

■ **Ampliação do papel das guardas municipais** — As guardas municipais, que hoje existem apenas para fazer a proteção de bens e instalações municipais, seriam autorizadas a fazer policiamento ostensivo e comunitário, estando sujeitas ao controle interno, por meio de ouvidorias, e externo, pelo Ministério Público.

■ **Autonomia para corregedorias e ouvidorias** — As corregedorias das forças de segurança teriam autonomia na investigação de condutas funcionais. Além disso, os estados e os municípios teriam a obrigação de instituir ouvidorias independentes para o tema da segurança pública.

Mais integração e padronização de ações

A proposta busca estabelecer maior integração e eficiência no combate à criminalidade, ao mesmo tempo em que fortalece o controle e a transparência sobre as forças de segurança. Acima de tudo, ela coloca mais responsabilidade e poder de iniciativa no colo da União.

O Brasil teve, por um curto período, um ministério dedicado somente à segurança pública. A área foi desmem-

brada do Ministério da Justiça entre fevereiro de 2018 e janeiro de 2019. O ex-deputado federal Raul Jungmann foi o único titular dessa pasta. Ele reforça a necessidade de mudanças na gestão do setor, integrando o nível federal.

“Não há perspectiva de saída para a crise da segurança sem dotar a União de meios para dividir com os estados a responsabilidade pela formulação e aplicação de uma

política nacional capaz de reverter a supremacia do crime organizado”, defende ele, que era ministro da Defesa até assumir a pasta da Segurança Pública.

Outro que defende a PEC é o chefe da Defensoria Pública da União (DPU), Leonardo Magalhães. A DPU é o órgão responsável pela defesa legal gratuita de cidadãos que não conseguem pagar advogados. Para Magalhães, a fal-

ta de coordenação entre estados dificulta o combate a crimes interestaduais e internacionais.

“Cada estado conduz a segurança pública de maneira independente, o que dificulta o enfrentamento de crimes que ultrapassam as fronteiras estaduais e até internacionais. A PEC visa estruturar uma política nacional para garantir um mínimo de padronização nas ações”.

Proposta gera debate entre parlamentares

Para o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), presidente da Comissão de Segurança Pública (CSP), a proposta precisa ser debatida “sem nenhum viés político ou partidário”. “É um assunto que atinge a todos diretamente, sem nenhuma distinção de classe, cor, sexo. Todos no país passamos por dificuldades nessa área. É tema comum de todos nós aqui buscarmos soluções para que a população tenha o legítimo direito à segurança pública”.

O senador Fabiano Contarato (PT-ES), que foi delegado da

Polícia Civil do Espírito Santo, posiciona-se a favor dos termos da proposta. “Esse é um passo importante para consolidar uma política de segurança coordenada nacionalmente, mas com respeito à autonomia dos estados”.

Na avaliação de Contarato, o tema exigirá diálogo e construção de consensos. “As preocupações relacionadas ao temor de que a União avance sobre a autonomia dos estados certamente será superada no decorrer das discussões”, avalia.

O senador Sergio Moro

(União-PR) foi o autor do requerimento para a audiência com Lewandowski e reclamou da postura do Executivo diante do tema da segurança pública. “Há uma certa percepção de que o crime está sendo escalado no Brasil, tanto a criminalidade violenta como o crime organizado. Do outro lado, há uma certa percepção, com todo o respeito, de que faltam iniciativas mais contundentes por parte do Ministério da Justiça”, apontou Moro, que também foi ministro da Justiça (2019-2020).

Opinião semelhante mani-

festou, também durante a audiência, a senadora Margareth Buzetti (PSD-MT). “Ouvimos relatos pesados e vemos pessoas cada vez mais inseguras, amedrontadas. Sentimos a ausência do governo nessas discussões”, lamentou.

Para a senadora Zenaida Maia (PSD-RN), a PEC é uma medida ainda insuficiente dado o déficit de efetivo policial. “Todos sabemos que a maioria dos estados brasileiros não tem polícias suficiente”. Zenaide acredita que o Susp precisa ser melhor financiado.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

A mão que governa

A menininha chegou cedo para o primeiro dia de aula. Sentou timidazinha, com sua bolsa nova, roupa nova e medos também novos. Era frágil, e mais pequena ficou diante da professora imensa, de aspecto cruel. Teve uma estranha e arrepiante sensação de que aquela mulher seria catalisadora das piores taras, com sua potente régua, seu olhar duro e perverso.

Foi assim durante a aula e durante o ano: canhota, levava pancadas com a régua para aprender a escrever “direito”. Ao menor descuido na tentativa de usar a mão esquerda, lá vinha a professora por trás, de surpresa. Engolia o choro, transformava a angústia em desenhos, sua paixão. Aprendeu a escrever com a mão direita e a esconder seu sentimento de terror diante da abominável mulher com a régua na mão.

A professora continuou lá, sempre presente ao longo de sua vida. Ainda que às vezes quase imperceptível. Naqueles tempos de verdes começos, escrever com a mão direita envolveu um longo aprendizado, não só de caligrafia. A menininha, por natureza rebelde e criativa, aprendeu a aparentar timidez e conformismo. Deu-se conta de que sua mão direita poderia escrever longas cartas, mas só a canhota seria capaz de criar algo conciso, simples e bem amarrado, como sua personalidade. Em poucas linhas.

A mão esquerda já construía seu mundo por si própria. Escondida da professora, a menininha potencializava suas narrativas visuais, com a força e a energia da esquerda. Ocasionalmente, a pequena fazia malabarismo, escrevendo com as duas mãos simultaneamente. Com a direita, o desafio de escrever os exercícios da escola. Com a esquerda, desenhava estórias em quadrinhos. Essa dobradinha, tarefa mágica, resultava na combinação equilibrada do seu modo de encarar o mundo, entre a resistência ao fascismo e as aquarelas coloridas de sua alma de artista.

Seja como for, a menininha cresceu, saiu da escola opressora, assumindo-se como ambidestra. Em busca de sua identidade, lançou mão da estratégia de driblar as mãos

de ferro, persistindo sempre, usando sua mão esquerda ao lidar com a realidade, sem histeria. Como um observador distante, a mão direita, nessas horas, tinha uma postura de contemplação e consentimento. Não podia fazer nada diante da arte de sobrevivência explícita.

O impacto: um dia a mão esquerda fugiu ao controle da menina-moça, como uma espécie de prisioneiro que de repente se vê

livre. O mundo, de uma forma geral, foge ao nosso controle nessa etapa da vida. A mão direita flagrou seu par, a canhota, para além dos gestos normais dos movimentos cotidianos. Pela primeira vez, a mão direita da menina-moça sentiu-se isolada num estranho mundo de sensações lúbricas. A mão esquerda acabava de descobrir o “Amor Veneris”, o órgão que governa o prazer nas mulheres. E, com a descoberta, veio a reflexão sobre o poder. A mulher se descobrindo sexualmente. Descobrindo o clitóris, a mão esquerda teve, enfim, o controle do gozo da menina-moça. A descoberta foi tão importante que a mão direita ficou humilhada e teve um surpreendente movimento retroativo: “Quando, por algum motivo, preciso escrever com ela, a letrinha é exatamente igual àquela que ficou lá atrás, num período cinzento da minha infância”.

A mão direita gosta de se refugiar no passado e se apoiar em ícones, heróis ordinários e falsos protetores. A esquerda é sua versão mais nobre e corajosa. Elas se combinam, num jogo reiterado entre realidade e ficção, fuga e acomodação. O ponto X da questão passa longe do ponto G. É gozar e fazer gozar com a mão “que afaga e que apedreja”.

Columnista colaborador



Foto: Divulgação/Iphan

Informações sobre os sítios arqueológicos brasileiros, cadastradas e georreferenciadas pelo Iphan, apontam que 49,6% dos locais estão em áreas desmatadas e utilizadas para fins econômicos

RISCO À PRESERVAÇÃO

Sítios arqueológicos sob ameaça

Levantamento mostra que mais da metade desses espaços estão em áreas marcadas por intervenções humanas

Fabiola Sinimbu
Agência Brasil

Uma iniciativa inédita disponibilizou informações sobre os sítios arqueológicos brasileiros, onde estão os resquícios das populações que habitaram o território nacional em outras épocas. Ao todo, foram mapeados 27.974 sítios em todo o país, e os dados disponibilizados permitem análises comparativas de imagens no período

de 1985 a 2023.

O Projeto MapBiomias — cobertura e uso da terra nos sítios arqueológicos no Brasil (1985-2023) — reuniu as informações cadastradas e georreferenciadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e as tornou públicas, com acesso gratuito.

“O cruzamento e a disponibilização destes dados abertos ao público ajudam a entender onde estes sítios

estão localizados, se é uma área impactada por atividades humanas ou não, e também podem apontar para uma tendência de aumento de atividades antrópicas em alguma determinada região e a extensão desse aumento, o que pode nos gerar um alerta”, explica Thiago Berlanga Trindade, chefe do Serviço de Registro e Cadastro de Dados do Iphan.

A partir da análise desses dados, os pesquisadores do

Mapbiomas concluíram que houve uma inversão na cobertura e no uso da terra nas proximidades de 100 metros dos sítios arqueológicos nas últimas décadas: em 2023, mais da metade desses espaços de memória estão em áreas marcadas por intervenções humanas recentes, o que aumenta os riscos à preservação.

Atualmente, quase metade desses locais, 49,6%, estão em áreas desmatadas e ocupadas por usos humanos, como

pastagens, agricultura e áreas urbanas. Em 1985, esse percentual era de apenas 41,5%, e a maior parte, 53,5%, ficava em áreas de vegetação nativa, como florestas, savanas e campos naturais.

Há 40 anos, as florestas eram predominantes ao redor desses locais históricos, sendo 43,2% da área do entorno. Já em 2023, a agropecuária ocupa a maior parcela, representando 43,1% do uso do solo ao redor dos sítios arqueológicos.

De acordo com a coordenadora científica do MapBiomias, Julia Shimbo, foi muitas vezes a própria atividade humana que revelou a presença desses sítios arqueológicos, identificados por meio de pesquisas, obras de infraestrutura ou após um desmatamento.

“Apesar da ocupação humana histórica desses sítios, agora podemos analisar as mudanças e os impactos da ocupação recente sobre essas áreas”, diz.

Mata Atlântica registra maior proporção de áreas antrópicas

Em números absolutos, a Amazônia é o bioma com maior quantidade de sítios arqueológicos. São 10.197, mais de um terço do total nacional. A Caatinga possui 7.004 pontos com resquícios da presença humana em outras épocas, o Cerrado e a Mata Atlântica também se destacam com a presença, respectivamente, de 4.914 e 4.832 desses locais. Pampa e o Pantanal possuem registrados, respectivamente, 904 e 123.

Quando os pesquisadores analisaram as atividades humanas no entorno dos sítios arqueológicos por bioma, constataram que a Mata Atlântica registrou maior proporção de sítios em áreas antrópicas, com 63% nessas condições. Na Amazônia, 47,5%, em 2023, já estavam em áreas antropizadas, enquanto que, em 1985, eram apenas 19%.

“Quando um sítio arqueológico está localizado em uma área antropizada, uma série de preocupações com a sua preservação e conservação devem



Foto: Rafa Neddermeyer/Agência Brasil

Esculturas rupestres reveladas após seca no Amazonas

ser observadas, e esse levantamento pode apontar para os locais onde devemos prestar mais atenção ou tratar de maneira prioritizada”, destaca Berlanga.

Estados

O recorte por estados apontou também em quais unidades federativas estão os achados históricos no Brasil, com a Bahia registrando 2.718 sítios arqueológicos cadastrados, Paraná com 2.363 desses locais e Minas Gerais com 2.029.

Na análise de uso de

terra nas proximidades dos sítios históricos nos estados, o Acre lidera com 89,2% dos locais em seu território com atividades humanas no entorno. Rio de Janeiro (76,1%) e Espírito Santo (75,4%) aparecem em seguida nessas condições.

Já os sítios de Roraima, Piauí e Amapá foram os que, proporcionalmente, mais apresentaram vegetação nativa nas proximidades, com 87,6%, 78,7% e 69,4% de cobertura originária, respectivamente.

Desmatamento afeta a Caatinga e reforça urgência por conservação

Os alertas de desmatamento também foram aplicados aos dados para o período de 2019 a 2024. Nessa análise, 122 sítios arqueológicos estavam em área com alertas de desmatamento no período. Desse total, a maioria estava nos biomas da Caatinga (29), da Mata Atlântica (31) e da Amazônia (17).

Para o pesquisador Marcos Rosa, coordenador técnico do MapBiomias, o cruzamento desses dados permite

evitar que o processo recente de ocupação humana cause danos ou destrua a história contida nesses espaços. Ele explica que, a partir desses dados, já é possível apurar que “quase dois terços [79 sítios arqueológicos] estão em áreas desmatadas para expansão das áreas agrícolas. No Rio Grande do Norte, estão 13 dos 19 sítios arqueológicos em alertas de desmatamento relacionados à expansão de projetos de energias sustentáveis [sola-

res ou eólicas]”, analisa.

Diante dos dados, a cientista e professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Marina Hirota, que também colaborou com o estudo, faz um alerta. “O crescimento de atividades antrópicas ao redor dos sítios reforça a importância de políticas de conservação e gestão do patrimônio arqueológico brasileiro, especialmente frente às crescentes pressões sobre os biomas”, conclui.



Foto: Paulo Pinto/Agência Brasil

Saracura Vai-Vai: sítio arqueológico encontrado durante obras do metrô Linha 6, em São Paulo

ENEM DOS CONCURSOS

Certame terá vagas para 35 órgãos

Lançamento do edital está previsto para julho e as provas objetivas devem acontecer em 5 de outubro, informa o MGI

Emerson da Cunha
emerson.auniao@gmail.com

Os candidatos que aguardam o novo Concurso Público Nacional Unificado (CPNU) já podem intensificar os estudos. Embora o edital ainda não tenha sido publicado, o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos (MGI) divulgou os primeiros detalhes da segunda edição do chamado Enem dos Concursos, que vai oferecer 3.352 vagas para 35 órgãos federais — sendo 2.180 para início imediato e 1.172 com provimento previsto a curto prazo.

Nesta edição, o CPNU contará com nove blocos temáticos, e as provas objetiva e discursiva serão aplicadas em datas diferentes: 5 de outubro e 7 de dezembro, respectivamente, em 228 cidades do país. O edital está previsto para ser lançado em julho, mesmo mês em que devem ser abertas as inscrições. A divulgação dos resultados está prevista para fevereiro de 2026.

Os órgãos federais participantes e a relação do quantitativo de vagas são: Ministério de Gestão e Inovação em Serviços Públicos (1672), Ministério das Cidades (15), Ministério do Desenvolvimento Agrário e Agricultura Familiar (64), Ministério do Turismo (8), Ministério da Integração e Desenvolvimento

Regional (10), Ministério da Fazenda (30), Ministério da Pesca e Aquicultura (33), Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (66), Agência Nacional de Aviação Civil (70), Agência Nacional de Telecomunicações (50), Agência Nacional de Mineração (80), Agência Nacional de Saúde Suplementar (20), Agência Nacional de Transportes Aquaviários (30), Agência Nacional de Transportes Terrestres (50), Agência Nacional de Vigilância Sanitária (14), Comando da Aeronáutica (90), Comando do Exército (131), Comando da Marinha (140), Hospital das Forças Armadas (130), Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (65), Instituto Nacional de Tecnologia da Informação (50), Imprensa Nacional (14), Escola Nacional de Administração Pública (21), Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (60), Fundação Biblioteca Nacional (14), Fundação Cultural Palmares (10), Fundação Joaquim Nabuco (20), Fundação Nacional das Artes (28), Instituto Brasileiro de Museus (28), Agência Nacional do Cinema (20), Instituto Nacional de Traumatologia e Ortopedia (94), Instituto Nacional de Cardiologia (75), Instituto Nacional do Câncer (84), Instituto Evandro Chagas (38) e Centro Nacional de Primatas (28).

Salários de agentes da PF podem superar R\$ 11 mil

Outro concurso nacional, dessa vez com edital publicado e inscrições abertas, é o da Polícia Federal para provimento de vagas e formação de cadastro de reserva em cargos de nível superior e médio do órgão. O certame, cuja banca será o Centro Brasileiro de Pesquisa e Avaliação e Seleção e de Promoção de Eventos (Ceb拉斯pe), ofertará 192 vagas, distribuídas em 22 estados, além do Distrito Federal, sede do órgão.

As taxas de inscrição variam de R\$ 90, para nível médio, a R\$ 110, para nível superior. Inscrições seguem até as 18h do dia 21 de maio no site da banca. Provas objetivas e discursivas serão aplicadas em 29 de junho, nas 27 capitais das unidades federativas, e o resultado final, divulgado em 5 de novembro.

Prefeitura de São João do Rio do Peixe tem 49 cargos

Localmente, estão abertas inscrições para concurso público da Prefeitura de São João do Rio do Peixe, com 215 vagas em 49 cargos, entre eles o de psicopedagogo. A remuneração varia de R\$ 1.518 a R\$ 4.771,48 e as inscrições podem ser realizadas até 25 de maio, exclusivamente, pelo site da banca do concurso Educa Assessoria Educacional. As provas objetivas ocorrerão nos dias 6 de julho (níveis básico e médio/técnico) e 13 de julho (superior), com resultados divulgados em 15 de setembro.

Interessados podem se inscrever nos seguintes cargos: auxiliar

de serviços gerais (25), motorista (20), merendeira (10), operador de máquinas pesadas (1), porteiro (16), vigilante (16), agente administrativo (10), auxiliar de saúde bucal (4), condutor socorrista do Samu (1), agente de vigilância sanitária (1), técnico em Enfermagem (4), assistente social (4), profissional de Educação Física (1), enfermeiro (6), farmacêutico (1), fisioterapeuta (3), fonoaudiólogo (2), nutricionista (3), médico veterinário (1), médico (3), psicólogo (4), odontólogo (6), terapeuta ocupacional (1), psicopedagogo (2), auditor fiscal (1), professor (72) e supervisor escolar (4).



Sete ministérios confirmam participação no CPNU; Ministério de Gestão e Inovação em Serviços Públicos abrirá 1.672 vagas

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

Psicopedagogos atuam em instituições

Foto: Diane Figueirêdo/Arquivo pessoal



Diane Figueirêdo é especialista na área

Quando a gente fala de gerar aprendizado ou melhorar o aprendizado, a gente coloca a psicopedagogia no meio

Diane Figueirêdo

Diane Figueirêdo já atuava como pedagoga quando, por volta de 2011, começou a perceber que algumas crianças nas suas aulas não aprendiam do jeito que ela ensinava, o que lhe trouxe inquietações e dúvidas. A questão era saber e entender por que essas crianças não estavam se desenvolvendo como as outras.

“A gente quase não falava dos transtornos de aprendizagem, ao contrário de hoje, que a gente já consegue trabalhar muito bem com autismo na sala de aula, com o TDAH [Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade]. Naquela época, não. Isso gerou conflitos na minha cabeça, conflitos internos”, contou.

Ela continuou: “Foi aí que eu resolvi pesquisar como eu poderia ajudar. Eu eu conheci a psicopedagogia clínica e institucional. Resolvi estudar nessa área justamente para melhorar minha atuação em sala de aula. Só que eu me apaixonei também pela área. Eu gostei tanto de atuar diretamente com as pessoas que mais precisavam que acabei migrando”, relata Diane.

Esse é um campo que vem avançando há pelo

menos 15 anos, explica Figueirêdo, especialmente com a criação do curso próprio de graduação em Psicopedagogia, inicialmente em universidades públicas, como a Universidade Federal da Paraíba (UFPB), depois se espalhando para demais faculdades e instituições de ensino. Além disso, a presença do profissional de psicopedagogia nas escolas, nos hospitais e mesmo no campo da clínica vem aumentando com o crescimento recente de diagnósticos de transtornos como autismo e TDAH.

A profissional, formada em Pedagogia pela UFPB, com pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional e em Análise do Comportamento Aplicada, explica que a atuação na psicopedagogia pode ser dividida nas áreas clínica e institucional. Na clínica, o paciente, que pode ter qualquer idade, passa por uma avaliação que conduz a um relatório, que contém hipóteses diagnósticas, dizendo se o paciente tem algum transtorno. A partir dele, são definidas as formas de intervir no caso.

“Por exemplo, dificuldade de atenção, dificuldades de memória, dificuldades em algumas funções

executivas. E a gente vai intervir para melhorar a qualidade de vida daquela pessoa. Quando se trabalha com Psicopedagogia Clínica, a gente compreende causas e dificuldades de aprendizagem, as partes emocionais, cognitivas e pedagógicas para propor a estratégia que a gente vai trabalhar”, aponta a psicopedagoga.

No campo da psicopedagogia institucional, o local de trabalho pode ser escolas e hospitais e organizações não governamentais, por exemplo. “Quando a gente fala de gerar aprendizado ou melhorar o aprendizado, a gente coloca a psicopedagogia no meio. É uma atuação preventiva e organizacional, para promover ações para melhorar o ambiente, os processos de ensino-aprendizagem”, explica.

Segundo ela, a psicopedagoga institucional vai ajudar um professor, trazendo oportunidades de aprendizado, ajudando a escolher melhor as ferramentas que vai utilizar, como adaptar os materiais. “A psicopedagoga vai dar esse suporte escolar, vai minimizar barreiras institucionais que prejudicam o desenvolvimento educacional da criança”, define Diane.

No caso dos hospitais, a atenção pode se voltar para as crianças com algum tipo de dificuldade tanto socioemocional quanto prática em termos de aprendizagem. “Por exemplo, um hospital infantil que atende crianças que estão sem poder ir para escola, uma criança, por exemplo, com câncer, que o tratamento é de muito tempo. A psicopedagoga também pode trabalhar com essas crianças na parte do hospital”, finaliza.



Acesse o QR Code e confira o edital da Polícia Federal



Acesse o QR Code e veja o edital da Prefeitura de São João do Rio do Peixe

Selic Fixado em 19 de março de 2025 14,25%	Salário mínimo R\$ 1.518	Dólar \$ Comercial -0,41% R\$ 5,654	Euro € Comercial -0,60% R\$ 6,391	Libra £ Esterlina -0,43% R\$ 7,508	Inflação IPCA do IBGE (em %) Março/2025 0,56 Fevereiro/2025 1,31 Janeiro/2025 0,16 Dezembro/2024 0,52 Novembro/2024 0,39	Ibovespa -0,18% 134.819 pts
--	---	--	--	---	---	--

AUTONOMIA

País apostam em educação financeira para adolescentes

Produtos oferecidos a menores pelos bancos contam com supervisão parental

Bárbara Wanderley
babiwanderley@gmail.com

Uma parcela da população que não trabalha e nem tem renda própria tem ganhado cada vez mais espaço em instituições bancárias. Pode parecer contraditório, mas é o que acontece com os adolescentes atualmente. Sob a supervisão dos pais e responsáveis, boa parte deles já possui conta bancária e cartão de débito, e comemora a relativa independência.

Para Yasmim Madruga, de 14 anos, o cartão que tem há cerca de um ano é uma prova de confiança dos pais. “É bom para começar a ter a independência e ter consciência de preços. Para começar a saber como funciona a vida adulta, começar a comprar coisas que a gente gosta, mas que não sejam tão caras, como roupas, sapatos, um creme...”, afirmou.

O pai de Yasmin, o jornalista Exedito Madruga, acredita que é importante começar a inserir na vida dos filhos a responsabilidade com as finanças. “Eles precisam entender a medida do quanto podem gastar e o que devem economizar para atingirem metas que podem ser pré-definidas. Outro ponto importante é criar uma independência neles, que passam a ser autossuficientes e tomar



Yasmim Madruga tem gostado da independência que a confiança dos pais proporciona

pequenas decisões, que serão fundamentais para dar confiança e melhorar a autoestima. Claro, tudo isso com o controle e a supervisão dos pais, para que tudo tenha um limite”, comentou.

Já a professora de balé Anne Mendes contou que a princípio teve bastante resistência em permitir que o filho, Charles Henrique, de 14 anos, tivesse acesso a um cartão. “Acho muito novo, com pouca maturidade para tamanha responsabilidade”, disse. Ela acabou, no entanto, rendendo-se à praticidade e até mesmo à segurança que a novidade

de acabou trazendo. “Ele andava com dinheiro em espécie, mas havia lugares que nem troco tinham para devolver para ele. E os amigos todos já tinham conta e Pix, ele praticamente era o único que não usava. Às vezes, também tinha um imprevisto que ele ia precisar de algum valor e eu, trabalhando, não tinha como levar o dinheiro em mãos. Então, tomei a decisão de fazer o cartão”, explicou. Anne ressaltou que o filho recebe uma pequena mesada e, de vez em quando, ganha algum valor de parentes, mas ela sempre pede que ele guar-

de uma parte e deixe o restante para usar quando precisar. Além disso, ela conversou com o menino para que sempre avise quando vai fazer alguma operação com o dinheiro, mesmo sabendo que o próprio banco envia uma notificação das movimentações. O adolescente tem gostado da experiência. “Eu acho importante ter desde cedo o controle do seu próprio dinheiro. Ter uma educação financeira desde cedo é muito bom. E no futuro ter essa experiência e saber o que fazer com o dinheiro”, disse Charles Henrique.

Família deve incluir jovens na vida financeira

O economista e professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Cássio Besarria acredita que, quanto mais cedo as crianças ou adolescentes forem incluídas nesse contexto de conhecer o orçamento domiciliar, mais estarão preparadas para a vida financeira adulta. “As famílias brasileiras estão acostumadas a realizar reuniões para assistir futebol, assistir filme, novelas, entre outras coisas, mas ainda não possuem o hábito de se reunir para discutir as finanças do domicílio. E esse é um ponto relevante e que não tem idade”. Segundo ele, na maior parte dos casos, crianças e adolescentes têm sua vida financeira

organizada pelos pais até chegar à idade adulta. “De repente, elas passam a ter essa independência e ainda não estão aptas, muitas vezes, a lidar com dinheiro. Então, esse é um caminho curto para ter resultados negativos”, opinou. Ele destacou, portanto, a importância da educação financeira para os jovens, ensinando-os, inclusive, formas de poupar. “Além das formas tradicionais de poupar ou gerenciar recursos, é importante que os pais também apresentem outras alternativas, mais de longo prazo, como é o caso dos títulos públicos, que têm uma rentabilidade maior do que a poupança e baixo risco. E, para aqueles que

têm um nível de conhecimento maior sobre o tema, buscar também investimentos de longo prazo, que seriam mais ligados ao mercado acionário”. Cursos Caso os pais queiram dar uma orientação mais completa aos jovens, mas não tenham muito conhecimento sobre o tema, uma opção é buscar cursos gratuitos oferecidos pelo Governo Federal por meio da Escola Nacional de Administração Pública (Enap), conforme indicou Cássio Besarria. Ele também lembrou que existem olimpíadas e provas de educação financeira das quais as crianças e adolescentes podem participar.

Bancos A maior parte das instituições financeiras já possui produtos específicos voltados ao público infantojuvenil e garantindo, é claro, que os responsáveis possam monitorar e controlar a movimentação financeira das crianças. Alguns exemplos são o BB Cash, do Banco do Brasil, conta voltada para o público entre oito e 17 anos de idade; a conta para menores PicPay, para jo-

vens a partir de 12 anos; e a conta para menores do Nubank, voltada para pessoas entre 10 e 17 anos. O Bradesco e o Next também possuem sua conta NextJoy, vinculada ao aplicativo na Disney, para crianças e adolescentes de zero a 17 anos. No aplicativo, atividades de educação financeira são promovidas com a imagem de personagens da Disney, para estimular de forma lúdica o aprendizado das crianças. Além do cartão de débito e pagamentos via Pix, a maior parte das contas também oferece produtos como recarga de celular pelo aplicativo, poupança e outros investimentos, além das chamadas “caixinhas” ou “cofrinhos”, uma forma de separar o dinheiro para não correr o risco de gastar, sem querer, um valor que já estava destinado a outra coisa.

■

Enap, do Governo Federal, oferece cursos gratuitos de educação financeira

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

Reflexões sobre emprego, inclusão e empreendedorismo

O Dia do Trabalhador, celebrado em 1º de maio, é mais do que uma data no calendário. É um convite à reflexão sobre o valor do trabalho, os avanços conquistados pelos trabalhadores ao longo da história e os desafios que ainda enfrentamos, especialmente em tempos de rápidas transformações econômicas e sociais. No Brasil, o mercado de trabalho tem passado por mudanças significativas nos últimos anos. O emprego formal, regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), continua sendo uma aspiração para muitos, por oferecer estabilidade, direitos garantidos e proteção social. Contudo, os dados mostram que o país ainda enfrenta desafios: segundo o IBGE, cerca de 40% da população ocupada está na informalidade. A insegurança jurídica, a ausência de benefícios como aposentadoria e férias, e a dificuldade de acesso ao crédito são realidades que atingem milhões de brasileiros.

Por outro lado, o empreendedorismo tem se consolidado como uma alternativa viável e, para muitos, como a única porta de entrada para a renda e a autonomia financeira. O crescimento do número de Microempreendedores Individuais (MEIs) é prova disso. Atualmente, o Brasil já ultrapassa 15 milhões de MEIs registrados, sendo esse o principal motor da criação de pequenos negócios no país. Esse movimento representa uma mudança cultural: o trabalhador que antes buscava apenas um emprego fixo agora sonha em ser dono do próprio negócio.

Na Paraíba, o cenário reflete os dados nacionais, mas com peculiaridades regionais. O estado vem avançando em políticas públicas que incentivam o empreendedorismo e a formalização do trabalho. Cidades como João Pessoa têm investido em capacitação, acesso a microcrédito e espaços de inovação, criando um ambiente favorável para o surgimento de novas ideias e soluções econômicas. No interior do estado, o fortalecimento do artesanato, da agricultura familiar e do turismo rural mostra que o trabalho tem muitas formas e rostos.

Ainda assim, há um caminho a percorrer. O trabalhador enfrenta, em muitos casos, dificuldades de acesso à qualificação profissional e a empregos de qualidade. A desigualdade regional dentro do próprio estado impõe barreiras que precisam ser superadas com políticas públicas focadas no desenvolvimento territorial equilibrado, que levem oportunidades a todas as regiões.

As perspectivas para o futuro do trabalho exigem atenção redobrada. A automação, a digitalização e a economia de plataformas estão remodelando as relações laborais. Profissões desaparecem, enquanto outras surgem, exigindo novos perfis profissionais. Nesse contexto, a educação e a requalificação se tornam palavras-chave. A formação técnica, o acesso ao Ensino Superior e a educação continuada serão essenciais para garantir que os trabalhadores não fiquem à margem da nova economia.

Todavia, é urgente promover um ambiente de trabalho mais justo, inclusivo e saudável. A valorização do trabalhador passa não apenas por salários dignos, mas também por respeito, diversidade, equidade de gênero e condições adequadas de trabalho. Na Paraíba, essa é uma missão compartilhada entre governos, iniciativa privada e sociedade civil.

Nesse Dia do Trabalhador, é tempo de reconhecer o valor de cada profissão — do gari ao engenheiro, da vendedora ambulante ao pequeno agricultor, do professor ao programador. É tempo também de reafirmar o compromisso com um futuro do trabalho mais justo, humano e sustentável. Que cada um possa celebrar essa data com orgulho, dignidade e esperança.



Adolescentes já são nicho para as instituições financeiras

EM VERBAS

Ação conjunta gera R\$ 720 milhões

Banco do Nordeste, Finep e Sebrae lançam financiamentos para startups e mulheres empreendedoras

As empresas com participação acionária de mulheres e as *startups* instaladas na área de atuação do Banco do Nordeste (BNB) terão à disposição dois novos fundos para incentivar seus negócios. Os recursos compõem o FIP Nordeste Capital Semente, voltado para investimentos em *startups* e com valor inicial garantido de R\$ 120 milhões, e o Fundo de Aval às Micro e Pequenas Empresas (Fampe) Mulher, que oferecerá garantia às operações de crédito contratadas por mulheres empreendedoras. Esse fundo garantidor possui R\$ 600 milhões.

Os mecanismos de incentivo aos negócios e inovação foram apresentados, na última quarta-feira (30), em Recife (PE), pela ministra de Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), Luciana Santos, pelos presidentes do BNB, Paulo Câmara, e do Sebrae, Décio Lima, e pelo superintendente de Investimento e Mercado de Capitais da Finep, Cláudio Vicente Di Gioia.

A ministra Luciana Santos afirma que a cooperação entre a Finep, empresa pública ligada ao MCTI, e os parceiros BNB e Sebrae multiplica o alcance das ações no momento de maior necessidade para quem está iniciando. “Estamos focando, principalmente, nas *startups* que estão em processo de ideação. Nós juntamos vários fundos, vários esforços, para garantir um fomento a uma área muito importante da política de ciência e inovação no país, que são as *startups*”, afirma.

O presidente do Banco do Nordeste, Paulo Câmara, reforça o papel estratégico dos dois fundos e sua sintonia com as prioridades do Governo Federal: “Essas iniciativas estão totalmente alinhadas com as di-



A empresária Bianca Ane Alves do Nascimento assinou o primeiro contrato com garantia pelo Fundo de Aval às Micro e Pequenas Empresas

retrizes do presidente Lula, de promover o desenvolvimento regional com inclusão e inovação. O Nordeste tem talentos, ideias e vontade de empreender”.

Para o presidente do Sebrae, Décio Lima, sustentabilidade, inovação e inclusão são conceitos que não têm mais volta. “O Brasil vive uma descentralização da inovação, com novos polos surgindo fora dos grandes centros, e o Nordeste se destaca como um polo de inova-

ção. Hoje, o Sebrae atua como a maior plataforma de *startups* do país. Este trabalho acompanha o bom momento da economia do presidente Lula. Os pequenos negócios são atores essenciais nesse processo de transformação, permitindo a geração de empregos e renda”, afirma.

Nordeste Capital Semente

Com meta de captação de R\$ 150 milhões, o FIP Nordeste Capital Semente inicia sua

atuação com R\$ 120 milhões garantidos, sendo R\$ 40 milhões de cada entidade formadora (BNB, Finep e Sebrae). O restante deverá ser captado no mercado entre novos cotistas. Há, ainda, recursos aplicados pelo consórcio formado pelas gestoras Triaxis Capital e Crescera Capital, vencedores de uma chamada pública para gerir o fundo.

O FIP possui um modelo multissetorial e atuação estratégica em *startups* que desenvolvam soluções tecnológicas com alto potencial de escala. Voltado para *startups* em estágio inicial, o fundo priorizará empresas com faturamento anual de até R\$ 1 milhão, especialmente aquelas em fase de validação do Produto Mínimo Viável (MVP) ou início de geração de receita. O FIP com o apoio do Sebrae será voltado para pequenos negócios que faturem até R\$ 4,8 milhões.

Os primeiros investimentos serão realizados via mútuo conversível, ou seja, um empréstimo que pode ser convertido em ações ou quotas da empresa, com *tickets* de até R\$ 1 milhão por *startup*. Em uma segunda rodada, empresas que demonstrarem performance e tração poderão receber aportes de até R\$ 6 milhões, por meio

de subscrição de ações e transformação em sociedades anônimas de capital fechado.

“O FIP Nordeste Capital Semente cria um canal concreto para transformar inovação em desenvolvimento, gerando novas oportunidades para as *startups* e para a economia da região”, afirma Paulo Câmara. Segundo o executivo, a estratégia inclui investir em até 30 *startups* da área de atuação do Banco do Nordeste, que compreende os nove estados da região e parte de Minas Gerais e Espírito Santo.

O fundo analisará *startups* de uma ampla gama de setores, que utilizem tecnologias aplicadas às áreas financeiras, educação, saúde, tecnologias limpas, biotecnologia, agro-negócio, segurança cibernética e outros segmentos de base tecnológica, sempre buscando negócios inovadores e com alto potencial de crescimento.

Há também um interesse especial por *startups* que utilizam inteligência artificial como elemento central de sua proposta de valor, especialmente na transformação de setores tradicionais, como educação, saúde e logística.

O objetivo é se posicionar como um mecanismo de fortalecimento da base tecnológi-

ca e empreendedora regional.

O presidente Décio Lima destaca, ainda, que o Sebrae possui forte atuação na região por meio do Startup Nordeste: “Sem dúvida é o maior programa de inovação do Nordeste e um dos maiores do mundo. Nosso objetivo é impulsionar o desenvolvimento econômico local, criar empregos e promover o ecossistema de inovação na região. Hoje são 3.353 *startups* apoiadas no programa com mentorias, rede de contatos exclusiva entre empreendedores, investidores e especialistas, rodadas de negócios. Tudo isso representa mais oportunidades e desenvolvimento”.

■ O objetivo do FIP Nordeste Capital Semente é se posicionar como um mecanismo de fortalecimento da base tecnológica e empreendedora regional



De acordo com o presidente do BNB, Décio Lima, “o Nordeste se destaca como um polo de inovação”

Fundo garantidor oferece cobertura de até 100% de crédito

O Fundo de Aval às Micro e Pequenas Empresas Mulher é um aval complementar para facilitar o acesso de pequenos negócios dirigidos por mulheres ao crédito nos bancos conveniados ao Sebrae. O fundo garantidor oferece cobertura de até 100% do valor do crédito, considerando apenas o principal da dívida.

Podem utilizar o benefício aquelas empresas que tenham mulheres com participação majoritária no

quadro societário ou que tenha uma mulher como sócia administradora, ainda que sua participação seja minoritária.

O Fampe oferece garantia para operações de capital de giro e investimento fixo (com ou sem capital de giro associado). Os limites máximos das operações com cobertura são definidos por porte empresarial: até R\$ 100 mil para Microempreendedor Individual (MEI), até R\$ 400 mil

para microempresa e até R\$ 700 mil para pequena empresa.

Primeira cliente

Durante o evento da última quarta-feira, a empresária Bianca Ane Alves do Nascimento assinou o primeiro contrato com garantia pelo Fampe Mulher. Com faturamento anual de cerca de R\$ 460 mil, sua empresa Cria Ativa Painéis Sensoriais Ltda produz brinquedos, jogos recreativos e

Limites

Investimento é de até R\$ 100 mil para Microempreendedor Individual, até R\$ 400 mil para microempresa e até R\$ 700 mil para pequena empresa

painéis focados no desenvolvimento de habilidades sensoriais e cognitivas. O trabalho da empreendedora chega a crianças neurodivergentes, creches, escolas, clínicas especializadas em terapia e hospitais.

Segundo a empresária, que começou seu relacionamento com o BNB pelo programa de microcrédito Crediamigo, a Cria Ativa já forneceu mais de dois mil painéis para clientes de todo o Brasil. “Eu nun-

ca imaginei estar aqui e ter a possibilidade que a gente tem hoje. Pensar em um mundo em que crianças têm voz, que espaços se preocupam em recebê-las bem, é muito positivo e me deixa muito feliz em poder contribuir com isso. Eu comecei do zero, comecei com um sonho e sem fundo, e hoje poder contar com o Banco do Nordeste para crescer e expandir esse sonho é muito satisfatório”, afirma.

ROBÓTICA NOS EUA

Estudantes da PB ficam com o vice-campeonato

“Bumblebee” é o nome da equipe vitoriosa na categoria OnStage na RoboCup

Ascom Secties

Bumblebee é o personagem robô da série de filmes “Transformers” e também o nome da equipe formada por estudantes da Paraíba, vice-campeã na categoria OnStage na RoboCup Junior Super-Regional Américas 2025, realizada na última semana, no estado da Pensilvânia, nos Estados Unidos. É a única equipe oriunda de instituições de ensino público representando o Brasil no evento. Para um dos integrantes, a emoção foi ainda mais especial: o mentor Carlos Eduardo dos Santos Ferreira iniciou na robótica há nove anos e, agora, como estudante universitário, teve a oportunidade de comemorar a conquista internacional com colegas que considera como uma família.

A conexão do agora universitário Carlos Eduardo com a equipe Bumblebee se tornou possível por meio do projeto Limite do Visível, executado pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior da Paraíba (Secties). Ele começou a estudar robótica no 5º ano do Ensino Fundamental e acumulou uma série de experiências que pôde repassar aos novatos.

O Limite do Visível, projeto do Governo da Paraíba em parceria com a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), possibilita o ingresso de estudantes egressos da rede pública de ensino nos cursos de Ciência de Dados e Análise e Desenvolvimento de Sistemas. É uma iniciativa da Secties para impulsionar a capacitação e a empregabilidade de jovens, além de contribuir para o desenvolvimento tecnológico da região. E Carlos Eduardo não deixou passar essa oportunidade.

Esse é um dos projetos por meio dos quais o Governo do Estado, por intermédio da Secties, investe em ações de fomento à ciência e tecnologia, incentivando o protagonismo juvenil em áreas estratégicas como robótica, inovação e educação



Equipe é oriunda de instituições públicas de ensino estadual e representou o Brasil

científica, além de promover oportunidades internacionais para jovens talentos.

“Esta vitória é um reflexo do investimento em políticas públicas que estimulam o talento e a criatividade dos nossos jovens. A Paraíba está formando não apenas técnicos, mas protagonistas globais em ciência e tecnologia. A equipe Bumblebee mostrou que, com oportunidades, nossos estudantes competem em pé de igualdade com os melhores do mundo”, comemorou o secretário de Estado da Ciência, Tecnologia, Inovação e Ensino Superior, Claudio Furtado.

A equipe é formada por sete estudantes do Ensino Médio da Escola Cidadã Integral Técnica (Ecit) Pedro Anísio Bezerra Dantas, localizada em João Pessoa: Allyce Guedes de Souza, Gabriel Silva Gomes, Miguel Lucas Luna de Souza Silva, Rayanne Maria Sales dos Santos, Gabriel de Lima Almeida, Rany Luane Soares Bezerra e Nathielly Almeida da Silva; por dois mentores da UEPB: João Victor dos Santos Ferreira e Carlos Eduardo dos Santos Ferreira; e pelos professores da Ecit Pedro Anísio: Heronides Laurentino e Crismarkes dos Santos. A delegação contou ainda com o representante da Secties e da Olimpíada Brasileira de Robótica (OBR) Fagner Barbosa Ribeiro e os representantes da Secretaria de Educação da Paraíba, Karine de Sousa

e Thalles de Araújo.

Há seis meses, os estudantes estão focados em treinamentos para esse campeonato. De acordo com o representante da OBR na Paraíba, Fagner Ribeiro, em 2024, eles venceram a etapa estadual em primeiro lugar na categoria OnStage, conhecida como robótica artística. Representaram a Paraíba na etapa nacional, em Goiânia, e conquistaram o quarto lugar, recebendo a vaga para a Super-Regional RoboCup das Américas 2025. Lá, a competição foi entre equipes da América do Norte, América Central e América do Sul.

Bandeiras brasileiras e paraibanas foram destaque na disputa nos EUA.

“Esta vitória é um reflexo do investimento em políticas públicas que estimulam o talento e a criatividade dos nossos jovens

Claudio Furtado

As bandeiras do Brasil e da Paraíba foram o estandarte da equipe Bumblebee na conquista nos Estados Unidos. O campo da “batalha” foi na Mercersburg Academy, em Mercersburg, na Pensilvânia. O destaque dos símbolos da pátria entre os estudantes brasileiros demonstra que eles acreditam na capacidade de cada um e na união da equipe.

O professor Heronides Laurentino, da Ecit Pedro Anísio, destacou que “o investimento contínuo em educação tecnológica traz grandes impactos. Provamos que a Paraíba está no mesmo patamar tecnológico, com potencial para ir ainda mais longe”.

O reflexo dessa política atinge o universitário Carlos Eduardo dos Santos Ferreira. Ele conta que sua história com a robótica se entrelaça com a vida pessoal: “Comecei logo cedo no Ensino Fundamental, lá no 5º ano. Eu estou nessa equipe desde o início dela, vai completar 10 anos. Estar na equipe trouxe um grande conhecimento para mim ao longo do tempo, desde o zero até o conhecimento que eu tenho hoje. É uma família”.

Ao lembrar dos momentos nos Estados Unidos, ele ressalta: “A troca de conhecimento foi uma das partes mais valiosas da experiência. E, com muito esforço, conseguimos conquistar o prêmio de segunda melhor equipe de toda a América!”.

Na UEPB, Carlos Eduardo adquire conhecimentos na área da Tecnologia da Informação: “O projeto Limite do Visível abriu a porta para eu continuar na equipe de robótica, além de competir na Liga Universitária. Ele proporcionou também ser mentor de alguns alunos que estão competindo nos estágios abaixo, tanto na OBR como em outros campeonatos”.

Os alunos do Limite do Visível estudam em período integral e recebem uma bolsa de R\$ 1 mil mensais. Neste ano, cerca de 100 graduandos vão se formar, e novas turmas estão com inscrições abertas por meio de edital com acesso pelo site da Fapesq (fapesq.rpp.br).

Ecos do Universo

Carlos Alberto P. da Silva
radioastronomia.educacional@gmail.com | Colaborador

Grandes radiotelescópios do mundo

A radioastronomia conta com centenas de instrumentos relevantes instalados por todo o mundo. Todos buscando dar a sua contribuição para o avanço das pesquisas na área. Neste mês, destacaremos alguns radiotelescópios que foram ou ainda são as estrelas no campo da radioastronomia.

Certamente, entre os radiotelescópios já construídos, Arecibo, instalado em Porto Rico, na cidade de mesmo nome, foi um dos que talvez tenha conseguido alcançar alguma fama entre aqueles que ainda não conhecem a radioastronomia. Isso se deve, principalmente, ao fato de que muitas obras de ficção científica usaram as instalações de Arecibo como pano de fundo para suas histórias.

Inaugurado em 1963, o radiotelescópio com prato de 305 metros (m) ostentou, durante muitos anos, o título de maior do mundo, sendo superado

“

A proposta do Bingo é estudar as chamadas ondas bariônicas, conjunto de ondas que foram produzidas pouco depois do Big Bang

Carlos Alberto P. da Silva

apenas pelo radiotelescópio chinês Fast, como veremos a seguir. Em 2020, após 57 anos de operação, o radiotelescópio veio a desabar em função de corrosões severas em sua estrutura e falta de manutenção, sem nenhuma previsão de reconstrução.

Depois de Arecibo, o VLA (Very Large Array, do inglês arranjo muito longo) é bastante conhecido

mundialmente em função da sua divulgação em filmes, especialmente na adaptação para o cinema do livro de Carl Sagan, “Contato”, no qual a atriz Jodie Foster interpreta o papel de uma cientista de radioastronomia que identifica um sinal extraterrestre a partir do VLA.

O radiotelescópio é composto por 27 antenas que formam um padrão em Y capazes de ser usadas em diversos arranjos diferentes. Cada antena possui uma parábola de 25 m de diâmetro. A partir da técnica da interferometria, essas combinações produzem resultados como se, na verdade, estivesse usando um telescópio bem maior. O VLA vem participando ativamente no estudo de buracos negros, quasares, galáxias.

Como 3º destaque temos o radiotelescópio Alma. Instalado em pleno deserto do Atacama no Chile. Considerado o maior radiotelesópio do tipo interferômetro, operando nas frequências milimétricas. É composto por 66 antenas, sendo 50 delas de 12 m e 12 com 7 m de diâmetro instalados numa região a cerca de 5 mil m do nível do mar. As observações do Alma têm contribuído para o estudo de nascimento de estrelas, detecção de moléculas complexas no espaço interestelar, bem como para apoiar as teorias em torno da formação das primeiras galáxias.

Em 2020 a China inaugurou o Fast. Com seus mais de 500 m, ele detém hoje o título de maior radiotelescópio do mundo. Assim como Arecibo, o Fast possui sua superfície fixa tendo sido projetado para operar nas frequências entre 70 MHz e 3 GHz. O Fast tem se destacado com sua descoberta de centenas de novos pulsares, muitos deles em raras combinações binárias.

Por fim, destacamos a construção do radiotelescópio Bingo, que se encontra em fase de conclusão no interior do estado da Paraíba, próximo à cidade de Aguiar, e que, em breve, ostentará o título de maior radiotelescópio da América Latina. A proposta do Bingo é estudar as chamadas ondas bariônicas, conjunto de ondas que foram produzidas pouco depois do Big Bang.

No próximo mês, abordaremos a forma como a radioastronomia tem influenciado, ao longo do tempo, a cultura popular.

Carlos Alberto P. Silva, Coord. BERG (Brazilian Educational Radioastronomy Group), atua na pesquisa e divulgação de temas voltados para a radioastronomia educacional.

Colunista colaborador



Foto mostra os alunos dentro do espaço das competições, durante os preparativos

BIODIVERSIDADE MARINHA

Mexilhão-verde invade costa do país

Introdução do animal pode estar relacionada à poluição, trazendo risco de doenças para as espécies nativas

Jean Silva
Jornal da USP

A espécie asiática mexilhão-verde (*Perna viridis*) ocorre naturalmente em águas tropicais e subtropicais do Indo-Pacífico. No entanto, desde 1995, sua disseminação tem provocado crescente preocupação pelos impactos ambientais, econômicos e sanitários que pode causar fora de sua área de ocorrência natural. Em estudo recente, realizado por meio de três diferentes abordagens (amostragens de campo, revisão de literatura e busca na plataforma iNaturalist), foram identificados 41 registros da espécie ao longo da costa brasileira.

Publicado na Marine Biology, o artigo foi conduzido por pesquisadores do Instituto de Pesca de São Paulo, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e da Universidade de São Paulo (USP), além da Universidade da República, no Uruguai. A espécie foi registrada ao longo da costa paulista: Praia da Cocanha (Caraguatatuba), Praia das Cigarras (São Sebastião), Ponta das Furnas (Ilhabela), Saco da Ribeira (Ubatuba), Enseada da Baleia (Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Cananeia), Reserva Extrativista do Mandira (Cananeia), Iguape, Ilha Comprida, Peruíbe, São Vicente e Santos.

Doze dos registros reportados vieram de unidades de conservação, in-



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Juiziloro/Wiki Commons

Perna viridis são naturais de águas tropicais e subtropicais do Indo-Pacífico, mas já há 41 registros de sua presença no litoral brasileiro



Não adianta apenas capturar ou remover os espécimes, é preciso monitoramento contínuo

Edison Barbieri

cluindo parques nacionais e reservas ecológicas, o que preocupa os pesquisadores por serem áreas ecologicamente sensíveis, ou seja, ecossistemas frágeis, com espécies ameaçadas de extinção ou recursos naturais importantes.

“A rápida expansão da população de espécies invasoras pode competir com as espécies nativas e afetar a biodiversidade. É importante entender que as espécies nativas não têm defesas contra essas invasoras, que podem trazer doenças e competir por recursos”, explica Edison Barbieri, oceanógrafo, pesquisador do Instituto Pesca e autor do artigo.

Conforme Barbieri, a introdução do mexilhão-ver-

de pode estar associada à liberação de larvas na água de lastro de navios, ou fixação e dispersão em plataformas petrolíferas, embarcações ou até a poluição — muitos desses organismos foram encontrados em cordas de nylon e lixo plástico.

Os resultados do estudo destacam a urgência de implementar estratégias de manejo eficazes e políticas de conservação, focadas em prevenir a disseminação da espécie e apoiar a sustentabilidade dos ecossistemas estuarinos e costeiros locais.

“Não adianta apenas capturar ou remover os espécimes, é preciso monitoramento contínuo, um plano de longo prazo, para

■ **Liberação de larvas na água de lastro de navios e a dispersão em plataformas petrolíferas são possíveis causas do aparecimento**

evitar problemas maiores”, disse Edson Barbieri. As colônias mais densas

foram observadas no estuário Cananeia-Iguape e na Praia de Aparecida (Santos-SP). Novos registros foram documentados ao longo da costa norte do estado de São Paulo, incluindo Caraguatatuba, São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba. O registro mais ao sul foi encontrado em Bombinhas (SC), indicando uma possível expansão contínua para a região. Mais ao norte, a espécie tem registros na Baía de Guanabara e em outras regiões do Rio de Janeiro. A identificação dos espécimes passou por análise morfológica, diferenciando-os da espécie nativa, *Perna perna*, e material testemunho do estudo foi armazenado para futuras análises no Museu de Zoologia da USP.

Plataforma de monitoramento contribui com a pesquisa

A plataforma iNaturalist foi um dos pilares para a obtenção dos registros da espécie exótica, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre sua distribuição. No entanto, há necessidade de curadoria dos dados por especialistas, uma vez que a identificação inicial é feita por cidadãos com ajuda do algoritmo da plataforma.

Também há limitação na validação científica, pois as imagens, por si sós, ainda que georreferenciadas, não substituem a coleta e a investigação em campo. De acordo com o oceanógrafo Edison Barbieri, “falta uma avaliação *in loco* mais ao sul do país para afirmarem e validarem a expansão da espécie de molusco na região”.

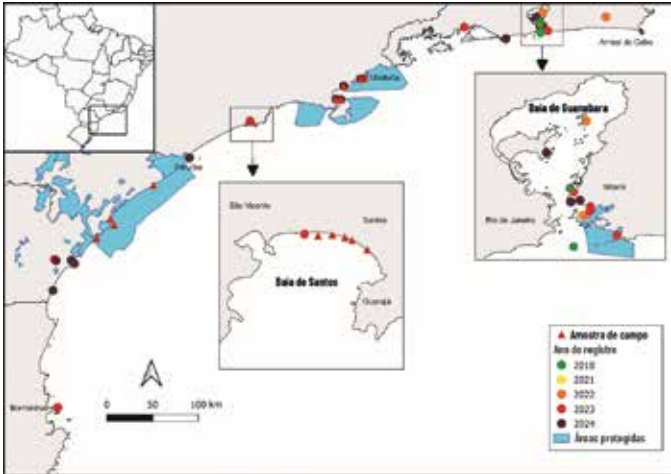
Ciência cidadã

Apesar disso, o pesquisador ressalta a contribuição da ferramenta para o monitoramento contínuo, destacando os úteis metadados de localização e a agilidade na identificação de espécies diferentes das habituais na região de coleta.

“Ciência cidadã é um instrumento que temos que usar bastante. Embora precise de ajustes e melhorias, ela permite iniciar a investigação e validar informações, especialmente quando surgem dados novos ou inesperados, como a descoberta de um organismo diferente”, explica Barbieri.

Além dessa contribuição, a população também tem papel importante no controle das espécies, com mutirões para remoção dos indiví-

duos. “Para implementar políticas eficazes, é preciso trabalhar em conjunto com a comunidade e utilizar dados científicos. Pode incluir estudar os padrões de reprodução de uma espécie e organizar mutirões para remover indivíduos do ambiente em momentos críticos, como durante a época de reprodução”, ressalta. Por ser um processo contínuo e adaptável, não há uma solução única ou definitiva para problemas com-



Mapa destaca pontos onde amostras foram coletadas no Sudeste

Mapa: Reprodução/USP Imagens

plexos como esse, conforme o autor. Por isso, ele afirma que “o monitoramento contínuo, aliado aos dados históricos, permite sugerir políticas públicas eficazes para abordar o problema”.

Mapeamento

A pesquisa traz um mapa (ao lado) que mostra o litoral sudeste do Brasil, destacando pontos de amostras de campo coletadas de 2018 a 2024, representadas por círculos coloridos, conforme o ano do registro, além de triângulos vermelhos que indicam locais de amostragem. As áreas protegidas estão marcadas em azul claro. O mapa foca, especialmente, nas regiões costeiras dos estados do Rio de Janeiro, de São Paulo e de Santa Catarina, com destaque para a Baía de Guanabara e a Baía de Santos, apresentadas em caixas ampliadas. Cidades como Arraial do Cabo, Niterói, Rio de Janeiro, Ubatuba, Peruíbe e Bombinhas também são indicadas, evidenciando a distribuição espacial dos registros ao longo da costa.

Análises Futuras

O oceanógrafo declara que o monitoramento ainda não é visto, no país, como pesquisa, dificultando a captação de recursos. Esse desafio da sustentabilidade financeira resulta numa falta de estudos e dados sobre os impactos desses organismos na biodiversidade local, de acordo com Daniel Caracanhas Cavallari, coautor do artigo, especialista em moluscos e técnico de laboratório do Departamento de Biologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

de Ribeirão Preto (FFCLRP) da USP.

Apesar disso, ele alerta que “os desequilíbrios são extensos” e a “causa multifatorial”, indo desde legislação datada até a falta de políticas públicas direcionadas às bioinvasões.

Cavallari, que já trabalhou no Museu de Zoologia, confirma a importância do material armazenado nele. “Sem o material testemunho, a replicabilidade do estudo se torna muito difícil”, afirma o técnico. Além dessa re-

levância, ele também aponta para os dados que análises genéticas futuras dos exemplares podem revelar para o manejo da bioinvasão.

“A análise do DNA das espécies pode ajudar a identificar as populações de onde se originaram os espécimes invasores, o que facilita o planejamento de ações de monitoramento e controle”, destaca Daniel Cavallari.

Além disso, o armazenamento dos espécimes ajuda pesquisadores a evitar e corrigir erros de identificação,

como o que registrou o mexilhão-verde no Nordeste. “Algumas espécies que também ocorrem no Brasil, inclusive nativas, podem ter um formato e uma coloração esverdeada semelhantes à da espécie invasora, o que pode causar confusão. Há uma espécie nativa da América do Sul, *Mytella strigata*, que também é esverdeada e foi objeto de um estudo recente, publicado em 2024, que corrige um caso de identificação errada de *P. viridis* no Nordeste”, conclui Cavallari.

Foto: Divulgação/Botafogo-PB

Jogadores do Botafogo-PB fazem a corrente positiva antes do início do jogo contra o ABC-RN

BRASILEIRO SÉRIE C

Belo encara o Guarani-SP

Jogo válido pela quarta rodada acontece, hoje, na cidade de Campinas (SP)

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

O Botafogo-PB joga, hoje, às 19h, contra o Guarani-SP, no Estádio Brinco de Ouro, em Campinas (SP). A partida é válida pela quarta rodada da Série C do Campeonato Brasileiro. O Belo busca sua segunda vitória na competição, a primeira fora de casa; enquanto o Bugre tenta conquistar seu primeiro triunfo, a equipe paulista amarga a lanterna do torneio, sem nenhum ponto.

Nas três primeiras partidas, o Belo não tomou gols. O time e o Brusque-SC são os únicos que não foram vazados. A maior preocupação de Antônio Carlos Zago, técnico alvinegro, é o setor ofensivo. Após o empate sem gols contra o ABC-RN no Almeidão, ele afirmou que, durante a semana preparatória para o duelo desta tarde, buscava ajustar o setor para que os atacantes fossem mais assertivos. Até aqui, o clube

marcou três tentos na Série C, tendo passado em branco nos dois últimos jogos.

É focar um pouco mais na fase ofensiva, nas triangulações e nas movimentações ofensivas para que a gente possa fazer os gols necessários. Temos jogadores que sabem fazer gols. A gente vai melhorar para que saiam com mais naturalidade. É treinar para tomar as melhores decisões”, disse o treinador.

“Temos procurado melhorar a saída de bola. [Contra o ABC], talvez tenhamos demorado um pouco mais a girar a bola, isso facilitou um pouco a marcação do adversário. No segundo tempo, a gente desenvolveu um pouco mais com os zagueiros, criando essa superioridade

atrás. É duro falar, mas é com o tempo que a gente vai melhorar”, completou Zago.

O Botafogo-PB começou a quarta rodada da Série C na sétima posição, com cinco pontos. Nos três jogos que realizou, venceu o Confiança-SE (3 a 0) e empatou com Náutico-PE e ABC-RN, ambos por 0 a 0. A vitória, hoje, é importante para que o time da Maravilha do Contorno permaneça no G-8 ao término da rodada.

Guarani-SP

Com três derrotas na Série C, o Bugre vive um momento de ins-

tabilidade. Maurício Souza foi demitido do comando técnico, depois de 14 jogos à frente da equipe, tendo três vitórias, quatro empates e sete derrotas. Na última rodada, Marcelo Cordeiro esteve no banco de reservas do clube campineiro, como interino. O time ainda busca sua primeira vitória no torneio.

“A pressão faz parte do futebol, principalmente no Guarani-SP, temos que saber absorver. É corrigir os erros para os próximos jogos. Temos a obrigação da vitória [diante do Botafogo-PB], já tínhamos antes, mas agora [depois da derrota por 2 a 0 para o Caxias-RS na última segunda-feira (28)] ficou até maior por conta da situação da tabela. Tenho certeza que vamos dar a volta por

cima”, destacou Marcelo em entrevista para o ge.globo.

Retrospecto

O site ogol.com.br só registra uma partida entre Botafogo-PB e Guarani-SP, duelo que teria acontecido em 1978, o qual o Bugre venceu por 1 a 0. Nos anos em que estiveram na Série C, as equipes não se enfrentaram por conta do regulamento, que dividia os clubes por região, sendo Norte/Nordeste e Centro-Oeste/Sudeste/Sul. Assim, o duelo de hoje será o primeiro pela competição.

Outros jogos

Hoje, ainda acontecem mais três jogos: em Erechim (RS), às 16h30, jogam Ypiranga-RS e CSA-AL; no Domingão, em Horizonte (CE), também às 16h30, duelam Floresta-CE e Retrô-PE; e no Estádio dos Aflitos, em Recife-PE, às 19h, enfrentam-se Náutico-PE e Brusque-SC.

SÉRIE D

Clássico paraibano é destaque na terceira rodada, no Amigão

Danrley Pascoal
danrleyp.c@gmail.com

Treze-PB e Sousa-PB jogam, hoje, às 16h, no Amigão, em Campina Grande, pela terceira rodada do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro Série D. As equipes ainda não venceram no torneio e nem marcaram gols. O duelo entre os paraibanos será o segundo desta temporada. No Estadual, empataram por 0 a 0, com o Galo atuando como mandante.

O time de Campina Grande vive uma situação complicada neste momento. Com sérios ris-

cos de ficar sem calendário no segundo semestre de 2026, o Treze precisa reagir na Série D. Para não depender de ninguém, somente o acesso à Terceira Divisão deixará o clube tranquilo para o ano que vem.

O Galo vem de duas derrotas nas duas primeiras rodadas do Brasileiro, tendo sofrido cinco gols. Na última partida, em Natal (RN), contra o América-RN perdeu por 4 a 0. A campanha é totalmente diferente dos primeiros jogos de 2024, quando o Alvinegro venceu os dois primeiros confrontos. Agora, o clube en-

frenta grandes dificuldades para alcançar bons resultados. O jogo contra o Dino pode ser um divisor de águas na Quarta Divisão.

O Sousa também não vive bom momento. Mesmo em situação melhor que o rival local, o time do Sertão também tem deixado a desejar na Série D. Com uma derrota e um empate, os comandados de Paulo Foiani ainda não desempenharam o mesmo futebol apresentado durante o Campeonato Paraibano.

Nas duas primeiras partidas, o Alverde perdeu por 1 a 0 para o Santa Cruz-RN e empatou por

0 a 0 com o Central-PE. O último resultado foi mais decepcionante, porque o confronto diante dos pernambucanos aconteceu no Marizão. Agora, contra o Treze-PB, os comandados de Paulo Foiani esperam reencontrarem-se na temporada, apresentando o desempenho dos dois primeiros meses de 2025.

Sousa-PB e Treze-PB começaram a terceira rodada do Grupo A3 na sexta e sétima posições, respectivamente. O duelo desta tarde será a oportunidade de ambos balançarem as redes pela primeira vez na Série D.

Retrospecto

Pelo Estadual de 2025, o confronto válido pela oitava rodada terminou empatado por 0 a 0. Já no Brasileiro de 2024, nos dois encontros, o Galo teve melhor desempenho, tendo empatado em Sousa e vencido no Amigão, 1 a 1 e 2 a 0, respectivamente.

Outros jogos

Mais duas partidas do Grupo A3 do Campeonato Brasileiro acontecem hoje: no Lacerdão, em Caruaru-PE, às 16h, jogam Central-PE e América-RN; e no Presidente Vargas, em Fortaleza (CE), às 17h, duelam Ferroviário-CE e Horizonte-CE.



Foto: Daniel Vieira/Treze-PB

Na fase classificatória do Campeonato Paraibano, neste ano, as equipes enfrentaram-se no Amigão e não houve vencedor: 0 a 0

JUDÔ PARALÍMPICO

Seleção Brasileira disputará Mundial

Campeonato acontecerá de 13 a 15 desse mês, em Astana, no Cazaquistão; equipe do Brasil viaja na próxima terça-feira

A Seleção Brasileira de judô paralímpico, convocada pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV), viaja na próxima terça-feira (6), para o Campeonato Mundial, que será disputado de 13 a 15 de maio, em Astana, no Cazaquistão. Foram convocados 20 atletas, sendo 10 homens e 10 mulheres.

Esta é a competição que distribui a maior pontuação entre os atletas selecionados pela Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, do inglês), principal critério de seleção para os Jogos Paralímpicos de Los Angeles 2028.

Entre os convocados, estão os medalhistas de ouro nos Jogos Paralímpicos de Paris 2024: as paulistas Alana Maldonado da classe J2 até 70kg e Rebeca Silva da classe J2 acima

de 70kg, o paraibano Wilians Araújo da classe J1 acima de 95kg e o potiguar Arthur Silva da classe J1 até 95kg.

A Seleção Brasileira tem como desafio superar a campanha de sua última participação, em Baku 2022, no Azerbaijão, quando obteve seu melhor resultado de todos os tempos com 10 medalhas: duas de ouro, duas de prata e seis de bronze.

Astana encontra-se oito horas à frente do fuso horário de Brasília, portanto, as lutas do bloco classificatório, nos dias 13 e 14, começarão à 1h da madrugada no horário brasileiro. Já o bloco das finais inicia-se às 7h30 no dia 13 e às 7h no dia 14. No dia 15, quando é realizada a disputa por equipes, a competição começa às 2h. Todas as lutas terão transmissão ao vivo pelo YouTube da IBSA.



Foto: Marcelo Zambana/CPB

Entre os convocados, está o paraibano Wilians Araújo, que foi medalha de ouro nos Jogos Paralímpicos de Paris

EVENTO ESPORTIVO

Rio e Niterói oficializam candidatura conjunta ao Pan de 2031

Agência Estado

Rio e Niterói oficializaram, na última quinta-feira, a candidatura conjunta para sediar os Jogos Pan-Americanos e Parapan-Americanos de 2031.

A Panam Sports aceitou o dossiê apresentado pelas duas cidades, o que as coloca oficialmente na disputa com Assunção, capital do Paraguai, pela organização do evento continental. A definição da cidade-sede será feita em agosto deste ano. A proposta fluminense prevê um orçamento de R\$ 667,5 milhões, com foco no aproveitamento da estrutura já existente nos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016.

Entre os locais incluídos no projeto, estão o Parque Aquático Maria Lenk, o Parque Olímpico da Barra e outras arenas já consolidadas. A Vila Pan-Americana, por sua vez, seria construída na região do

Porto Maravilha, como parte de um novo pacote de reurbanização da área central.

Durante coletiva de imprensa, o secretário municipal de Esportes do Rio, Guilherme Schleder, destacou que a experiência olímpica é uma base sólida para garantir responsabilidade fiscal e resultados duradouros.

“Os Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016 nos deram a fórmula para organizar um

grande evento: nenhum desperdício de recurso público, muita parceria com a iniciativa privada, instalações esportivas eficientes e o maior número possível de legados. Nosso projeto segue à risca essa receita”, afirmou.

O prefeito do Rio, Eduardo Paes, também participou da apresentação e reforçou o compromisso das cidades com um evento que vá além dos interesses locais. “Queremos

aprender com todas as nações das Américas, ouvir sugestões e compartilhar conhecimentos. Dessa maneira, organizaremos Jogos grandiosos não só para os cariocas e para o povo brasileiro, mas também para todo o continente”, disse.

Um dos elementos mais simbólicos da candidatura é a união entre Rio e Niterói, que resgata a fusão institucional dos antigos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro, ocorrida há 50 anos. “Niterói tem uma pintura atrás que é a cidade do Rio de Janeiro. E vemos as belezas de Niterói também. Niterói e Rio têm essa baía que nos liga, duas cidades muito bonitas, com paisagens incríveis, equipamentos icônicos”, destacou Paes, mencionando, entre outros exemplos, o Museu de Arte Contemporânea (MAC), que oferece uma vista única do Rio ao fundo.

EM SETEMBRO

Empresa responsável pelo Rio Open confirma WTA na cidade de São Paulo

Agência Estado

O Brasil voltará a sediar um torneio da elite do circuito feminino de tênis a partir deste ano. O SP Open será disputado na capital paulista do dia 6 a 14 de setembro deste ano, em quadra rápida. O evento, de nível WTA 250, é organizado pela mesma empresa que gere o Rio Open. O retorno de uma competição deste nível era aguardado nos últimos anos, principalmente após o Rio Open abrir mão de sediar a competição feminina junto da masculina, no Jockey Club Brasileiro, a partir de 2016.

Em fevereiro, o diretor do Rio Open, Luiz Carvalho, já havia revelado ao Estádio que estava perto de um acerto para trazer de volta ao Brasil a com

petição feminina. O país não recebia um torneio feminino deste nível desde 2016, quando a chave feminina saiu do programa do Rio Open. Naquele mesmo ano, a cidade de Florianópolis recebeu pela última vez a edição desta mesma estatura — em 2023, a capital catarinense começou a receber um WTA 125, logo abaixo dos WTAs 250.

Em São Paulo, a disputa do torneio vai encerrar um jejum de 25 anos sem eventos deste nível. A competição será disputada no Parque Villa-Lobos, local que já recebeu diversos torneios de tênis nas últimas décadas. O WTA vai permitir que grandes tenistas brasileiras, como Beatriz Haddad Maia e Luísa Stefani, possam voltar a competir diante da torcida.

O SP Open terá 32 tenistas na chave principal, 24 no *qualifying* e 16 duplas num dos maiores espaços verdes da cidade de São Paulo. O *qualifying* será disputado nos dias 6 e 7, e a chave principal seguirá nos dias 8 a 14.

“O SP Open vai proporcionar outros benefícios diretos e indiretos para toda população. A presença de grandes atletas, com certeza, vai estimular a prática do tênis, contribuindo para o surgimento de novos campeões. Sob a perspectiva econômica e social, vamos ter geração de emprego e renda, além do aumento da arrecadação de tributos, que é revertida em melhores serviços para quem vive na cidade”, disse o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes.

FÓRMULA 1

GP do México amplia contrato e vai permanecer no calendário até 2028

Agência Estado

A Fórmula 1 anunciou, na última quarta-feira, a extensão do contrato por três anos com o Grande Prêmio da Cidade do México, que retornou ao calendário há uma década. Assim, a prova realizada no Autódromo Hermanos Rodríguez permanecerá como sede na principal categoria do automobilismo, pelo menos até 2028.

“Estamos muito animados em anunciar que o Grande Prêmio da Cidade do México continuará fazendo parte do nosso calendário até 2028. A Fórmula 1 é energia, paixão e emoção; e, a cada ano, a atmosfera única criada por nossos fãs na Cidade do México é uma das experiências mais in

críveis e energéticas do nosso campeonato”, afirmou Stefano Domenicali, presidente e CEO da Fórmula 1.

O GP do México tem se consolidado como uma das principais etapas da Fórmula 1 e, no ano passado, atraiu 405 mil pessoas nos três dias de evento.

Localizado a 2.200 m de altitude, o Autódromo Hermanos Rodríguez foi inaugurado em 1959 e sediou provas de 1963 a 1970, de 1986 a 1992 e, na atual fase, desde 2015.

O atual contrato se encerraria no fim deste ano e a saída de Sérgio Perez da Red Bull e, consequentemente, do *grid* havia colocado em dúvida a permanência do GP no calendário. O piloto mexicano foi um dos responsáveis por ajudar

a popularizar a Fórmula 1 no país, nos últimos anos.

“Isso não só contribui para o desenvolvimento econômico da Cidade do México, mas também promove nossa cidade, assim como nosso país, de forma significativa, em todo o mundo. Juntos, continuaremos trabalhando arduamente para garantir que os fãs aproveitem ao máximo um evento que oferece uma experiência única de entretenimento ao vivo e que, há quase 10 anos, demonstra ao mundo a qualidade dos eventos que organizamos nesta cidade”, comentou Alejandro Soberón Kuri, presidente e CEO da CIE, empresa promotora do evento.

Na atual temporada, o GP do México será realizado nos dias 24 a 26 de outubro.

GOLBOL

Atletas treinam para o Malmö Cup, que será realizado na Europa

As Seleções Brasileiras feminina e masculina de golbol estão reunidas no Centro de Treinamento Paralímpico, em São Paulo, para a quarta semana de treinamento da modalidade no ano. As atividades acontecem até amanhã.

Pela seleção feminina, oito atletas estão participando da preparação que teve início na última segunda-fei

ra (27). Parte do grupo se dedica ao próximo campeonato internacional do calendário, a Malmö Cup, torneio de golbol realizado desde 2000 na Europa e marcado para ser disputado entre os dias 29 de maio e 2 de junho.

Carollayne Cunha Silva, de 24 anos, é uma das atletas que se prepara para a competição na Suécia. Carol, como

gosta de ser chamada, está no golbol há sete anos, sendo que, em 2022, passou pela Seleção Brasileira de base da modalidade. Esta é a primeira semana de treinamento da atleta no CT com a equipe principal e ela se diz ansiosa para a sua estreia em competições internacionais.

“Estou muito empolgada e muito feliz pela minha pri

meira convocação para ir para uma competição internacional pela Seleção principal. Os treinos estão bem intensos e a cada dia estamos evoluindo mais, sempre buscando melhorar para ir atrás do ouro em Malmö”, disse a atleta.

A recifense tem amaurose congênita de Leber, doença genética rara da retina que causa perda grave da visão ou

cegueira desde o nascimento.

Desde 2022, a Malmö Cup voltou a ser disputada apenas na categoria feminina. O Brasil ganhou as edições de 2019 e 2018 com os homens, mas ainda não conquistou o título com as mulheres, que foram prata no ano passado e em 2019 e bronze em 2022 e 2023. Neste ano, está prevista a participação de 10 times:

Japão, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Coreia do Sul, Finlândia, Austrália, Ucrânia, Alemanha e a FIFH Malmö (equipe da casa).

Este será o primeiro teste do Brasil no ano. Em breve, a equipe disputará o Campeonato das Américas, que vale vaga no Mundial, entre os dias 26 de julho e 6 de agosto, e será realizado em São Paulo.

MUNDIAL DE CLUBES

Abel explica o que move o Palmeiras-SP

Técnico fala ao site da Fifa sobre a renovação do elenco e a competitividade rumo à competição nos EUA

O técnico mais vitorioso da história do Verdão fala sobre a renovação no elenco, a maleabilidade tática e a competitividade rumo ao Mundial de Clubes. Abel chegou ao Brasil no finalzinho de 2020 e se tornou o técnico mais vitorioso pelo Palmeiras-SP. O português agora vai reencontrar um velho conhecido no Mundial de Clubes: o FC Porto

Em entrevista à Fifa, o treinador fala sobre a competitividade e maleabilidade de seu renovado time. Al Ahly, FC Porto e Inter Miami já estão avisados. No que depender do Palmeiras, eles vão ter de “lutar do primeiro ao último segundo de jogo” em seus embates pelo Grupo A do Mundial de Clubes da Fifa. Esse é o pensamento que tem guiado o time sob o comando do técnico Abel Ferreira.

Quando o ex-lateral direito português chegou ao Brasil, no finalzinho de 2020, para assumir o Verdão, talvez nem o torcedor mais otimista pudesse imaginar o que estaria por vir. Foram dez taças conquistadas, incluindo duas Libertadores – 2020 e 2021, aquela que assegurou a classificação ao Mundial – e dois Campeonatos Brasileiros (2022 e 2023).

Tamanho sucesso não é tão fácil de explicar, especial-

Fotos: Cesar Greco/Palmeiras-SP



O técnico Abel Ferreira tem conquistado títulos expressivos pelo Palmeiras-SP e se mostra confiante numa boa participação da equipe no Mundial de Clubes

mente num país que transborda paixão pelo esporte. Mas o sempre irrequieto Abel, um desses profissionais que faz da luta contra o comodismo uma cruzada, reservou um tempo em sua agenda para explicar à Fifa como o Palmeiras-SP chegou lá.

Na verdade, como esta entrevista, deixa claro, no final das constas, o Palmeiras-SP de Abel nunca exatamente se contenta com um destino. Ele se reinventa, continua competindo, vencendo e revelando joias como Endrick e Estêvão, sempre em busca de um

próximo desafio. E aí entra o Mundial, com estreia agendada para 15 de junho, no Estádio MetLife, em Nova Iorque, justamente contra o FC Porto, um velho conhecido.

Com as contratações dos atacantes Paulinho, Vitor Roque e Facundo Torres, o Pal-

meiras beirou os 70 milhões em investimentos e foi de longe o clube que brasileiro que mais gastou na última janela.

“É verdade que teremos 10% de hipótese de poder ganhar este Mundial, talvez? Pois bem, vamos lutar por esses 10% começando com nos-

so primeiro foco em passar a fase de grupos”, disse o português.

“Há duas coisas que nós temos que fazer: a primeira é competir, mas a outra também é desfrutar de uma oportunidade que, por mérito próprio, conquistamos”

Entrevista

■ *Depois de um período de muito sucesso, parece que o Palmeiras-SP optou por uma reformulação neste ano. Como foi optar por essas mudanças?*

Desde que minha comissão técnica chegou ao clube, nós falamos muito em plano. As temporadas são ganhas quando tu planificas e começa a construir o plantel. Quando tens contigo aqueles jogadores que tu acreditas que te podem ajudar a estar mais próximo de competir e ganhar.

Acho que de certa forma, sim, este ano mexemos um pouquinho mais do que nos anos anteriores. Uns porque chegou o fim do ciclo, algo normal, é assim que acontece com todos nós. Outros porque vendemos. No início [da temporada], toda a gente estava um pouquinho preo-

cupada, mas sabíamos o que estávamos fazendo. Sempre disse: “Sabemos onde é que estamos, sabemos onde é que queremos chegar”.

■ *Ainda que seja um time renovado, a comissão técnica e seu trabalho se mantêm. Existe uma palavra que possa definir seu Palmeiras-SP?*

É uma equipe que não é excelente numa coisa muito específica, mas é boa em tudo aquilo que faz. Nós somos bons e equilibrados para jogar em ataque posicional, somos bons e equilibrados para jogar em contra-ataque, somos bons nas bolas paradas, somos bons em encaixar os nossos adversários e em a criar-lhes dificuldade com nossa estrutura defensiva. Mas, se eu tivesse que definir a nossa equipe, pediria duas

palavras, porque elas têm que se juntar: equilibrada e competitiva. E depois tem uma parte a ver com a resiliência mental, que isso é algo que tem a ver comigo.

■ *Durante os anos, o Palmeiras-SP também se mostrou versátil em campo, mudando suas formações até mesmo durante o jogo. Esse também é um trufo?*

A parte da alternância tática eu acho que isso tem muito a ver também com o próprio treinador. Isso também tem um pouquinho a ver com desafios que são feitos e colocados aos nossos jogadores porque, quando tu vais para cinco anos aqui no Brasil, as pessoas às vezes perguntam qual é o segredo. Há nuances táticas que são incrementadas, há variações táticas que para nós, treinadores e jogadores, desfrutamos.

Chega um determinado momento em que tu começa a fazer a mesma coisa, começa a entrar num modo automático, e às vezes a complacência chega; e nós não queremos isso. Nós queremos desafios, queremos inovar – e, às vezes, ao inovar, também corremos riscos, também erramos. Mas a verdade é que são esses erros que nos ajudam a melhorar e aperfeiçoar para, a cada ano que passa, poder regressar cada vez melhores e competitivos. Por isso, o Palmeiras-SP nestes quatro, cinco últimos anos, tem estado sempre a competir nas finais. O difícil não é ganhar, o difícil é ganhar de forma consistente.

■ *Calhou de o jogo de estreia no Mundial de Clubes ser contra o FC Porto, que você conhece mui-*

to bem por seu passado “sportinguista”, digamos. Quão especial acaba sendo?

Foi sorteio, né? Para nós, enquanto Palmeiras-SP, é o nosso adversário, é uma equipe que tem um histórico na Europa absurdo, e em Portugal, também de muitas glórias. E tem esse fato: eu sou do norte [de Portugal], e o Porto é norte, apesar de eu ter sido jogador e treinador do Sporting, que é mais no centro do país. Há uma rivalidade muito grande entre norte e centro-sul, que é Lisboa. Mas, acima de tudo, o especial é por ser um clube português. Sei que é um adversário extremamente aguerrido e competitivo. Tem uma coisa que eu gosto muito que é jamais desistir, vai lutar sempre até o fim.

Pensando nisso, há duas coisas que nós temos que fazer: a primeira é competir, mas a outra também é desfrutar de uma oportunidade que, por mérito próprio, conquistamos através da conquista de uma [Conmebol] Libertadores, que nos dá por direito e por mérito, o poder de disputar este Mundial.

■ *O Palmeiras-SP tem uma torcida espalhada pelo mundo, e nos Estados Unidos muitos desses torcedores terão a chance de assistir ao time ao vivo. Como você imagina atmosfera para os jogos do Mundial de Clubes?*

Olha, tivemos a oportunidade de assistir à loucura que foi o Palmeiras-SP na [antiga Copa do Mundo de Clubes da FIFA] no Qatar, que foi algo extraordinário. Nós fomos à final com o Chelsea e perdemos com um pênalti nos minutos finais, mas, até hoje, muitos torcedores com quem encontro falam da experiência que foi poder participar daquele torneio. Não só porque, entre aspas, o Palmeiras-SP foi o grande responsável que fez com que as pessoas se unissem para ir ver o jogo. Também vimos aquel espírito de família; o pai, o filho, a mãe em momentos únicos, que nos marcam todo, e é o que eu mais gosto de ouvir quando falo com essas pessoas. Não só elas viram aquilo que foi a atitude da nossa equipe, mas viveram aquilo de forma intensa eventos como esse. Tenho a certeza absoluta que vai ficar marcado para todo o sempre na vida de cada um. Eles têm uma oportunidade de desfrutar do futebol no seu mais alto nível e poder assistir ao seu clube do coração.



O Palmeiras-SP, um dos clubes brasileiros no Mundial de Clubes da Fifa, vem fazendo uma excelente campanha na Copa Libertadores e no Brasileirão

SÉTIMA RODADA

Brasileirão segue com três partidas

Vasco-RJ x Palmeiras-SP, Grêmio-RS x Santos-SP e Cruzeiro-MG x Flamengo-RJ são os confrontos de hoje

A sétima rodada do Brasileirão terá sequência, hoje, com a realização de três partidas, duas a partir das 16h: Vasco-RJ x Palmeiras-SP e Grêmio-RS x Santos-SP; a outra às 18h30, Cruzeiro-MG x Flamengo-RJ. O fechamento só acontece, amanhã, com mais dois jogos: Bragantino-SP x Mirassol-SP, às 19h, e Juventude-RS x Atlético-MG, às 20h.

O Vasco-RJ terá um adversário indigesto, longe de casa, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, o Palmeiras-SP. A direção do clube carioca optou por vender o mando de campo para um jogo de extrema dificuldade, principalmente que não vence desde a terceira rodada, quando passou pelo Sport-PE por 3 a 1, em São Januário. Na rodada anterior perdeu para o Cruzeiro-MG por 1 a 0 e esse novo revés fez a diretoria dispensar o técnico Fábio Carille. De acordo com *site* ogol.com.br, as duas equipes enfrentaram-se em 105 jogos, com 53 vitórias do Palmeiras-SP, 30 empates e 22 triunfos do Vasco-RJ.

O Cruzmaltino como mandante, em 48 jogos, tem 15 vitórias contra 21 do Alvi-verde e 12 empates. Em seis jogos até aqui disputados, o time carioca soma sete pontos com duas vitórias, um empate e três derrotas, enquanto seu adversário tem quatro vitórias, um empate e uma derrota, um total de 13 pontos. O jogo será mostrado ao vivo pela Globo.

Mineirão

Cruzeiro-MG e Flamengo-RJ fazem o outro grande clássico da rodada, no Estádio Mineirão, em Belo Horizonte (MG), a partir das 18h30, com transmissão da Record. Pelo Brasileirão, na rodada anterior, as duas equipes encontraram o caminho da vitória. O time estrelado derrotou o Vasco-RJ por 1 a 0, enquanto o Rubro-Negro goleou o Corinthians-SP por 4 a 0. Na tabela de classificação, a Raposa soma 10 pontos, três vitórias, um empate e duas derrotas e seu adversário 14 pontos com quatro vitórias e dois empates.

De acordo com o *site* estatístico ogol.com.br, em todas as competições foram disputados 83 jogos entre as duas equipes, com 28 vitórias do Cruzeiro-MG, 22 empates e 33 triunfos do Flamengo-RJ.

Como mandante, a Raposa disputou 39 jogos com 16 vitórias, 10 empates e 13 derrotas

Arena do Grêmio

O último jogo da rodada deste domingo acontecerá na Arena do Grêmio-RS, quando a equipe gaúcha terá pela frente o Santos-SP, a partir das 16h e com transmissão do Premiere. As equipes estão em crise e ocupam a zona de rebaixamento. O Peixe perdeu de 2 a 1 para o Bragantino, enquanto o Grêmio-RS empatou em 1 a 1 com o Vitória-BA. O *site* ogol.com.br contabiliza 87 jogos entre as equipes com vantagem para os paulistas com 35 vitórias contra 27 derrotas e 25 empates. Como mandante, em 42 jogos, a vantagem gaúcha é expressiva com 22 vitórias contra oito derrotas e 12 empates.



Foto: Gilvan de Souza/Flamengo-RJ

Jogos de hoje

BRASILEIRÃO

16h

Vasco-RJ x Palmeiras-SP

Grêmio-RS x Santos-SP

18h30

Cruzeiro-MG x Flamengo-RJ

SÉRIE B

16h

Atlético-GO x Novorizontino-SP

18h30

Athletico-PR x Botafogo-SP

Chapecoense-SC x Criciúma-SC

20h30

Operário-PR x América-MG

SÉRIE C

16h30

Ypiranga-RS x CSA-AL

Floresta-CE x Retrô-PE

19h

Náutico-PE x Brusque-SC

Guarani-SP x Botafogo-PB

Vivendo uma excelente fase no Brasileirão, o Flamengo-RJ vai tentar manter a liderança contra o Cruzeiro-MG, no Estádio Mineirão, a partir das 18h30

Foto: Matheus Lima/Vasco-RJ



O Vasco da Gama-RJ entrou em crise após a terceira derrota seguida fora de seus domínios e hoje vai jogar em Brasília, diante do Palmeiras-SP, às 16h



Restos mortais de Mãe Aninha estão enterrados em praça pública que foi tombada pelo Iphaep

Ilustrações: Bruno Chiossi

DEVOÇÃO SERTANEJA

Matriarca de um povo

Ana Francisca de Albuquerque recebeu, como dote de casamento, terras que deram origem a Cajazeiras

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojor@gmail.com

Mulher forte e cheia de ternura, austera e trabalhadora, dedicada ao lar e aos filhos tanto quanto à religião e à caridade para com os mais pobres. Esses são alguns dos qualificativos que encontramos nas descrições de Ana Francisca de Albuquerque, mais conhecida pelo vocativo de Mãe Aninha. A forma carinhosa de se referir àquela que é considerada uma verdadeira matriarca de Cajazeiras, no Sertão paraibano, está associada ao ofício de parteira e à influência que exerceu sobre os muitos “filhos” que fez nascer por suas mãos.

Nas terras do Sítio Serrote, doado como dote de casamento pelo pai, o pernambucano Luiz Gomes de Albuquerque, Ana viu seu esposo, o cearense Vital de Souza Rolim, erguer a fazenda de gado que, mais tarde, daria origem ao município de Cajazeiras: uma casa sertaneja, construída de adobes e taipas, em plena mata fechada, ao lado de cajazeiras, cedros, aroeiras, angicos e paus-d’arcos, como aparece em alguns relatos. Do casamento, nasceram 10 filhos, dentre os quais o padre Inácio de Sousa Rolim, considerado fundador da cidade e reconhecido por sua atuação no campo educacional.

Na biografia do filho sacerdote, de autoria do também padre Heliodoro Pires, a figura de Mãe Aninha é enaltecida. “Foi ela quem fez a igreja que é hoje a catedral de Cajazeiras. Adivinhou o futuro desta terra. Era uma senhora sem orgulho. Apesar de rica, dona de escravos e senhora do lugar, prestava a todos, indistintamente, os seus serviços de obstetrícia. Não perguntava se era rico ou pobre, branco ou escravo, que a chamava”, relatou o escritor, no início do século passado. Com a construção de uma nova catedral, a igreja que surgiu a partir da pequena capela er-

guida por Mãe Aninha tornou-se a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Fátima.

As descrições de Heliodoro, de mulher meiga, suave, iluminada de bondade e de piedade infinita, ainda hoje alimentam a veneration da população cajazeirense por Mãe Aninha. “Tudo que uma mulher pode ter de virtude, de piedade, de espírito de sacrifício, de dedicação maternal, de energia, de elevação e de beleza moral teve-o Ana de Albuquerque”, escreveu o padre. Uma das histórias que ele conta é que, quando saía em visitas pelas veredas da primitiva fazenda, a mãe do Padre Rolim tinha o hábito de fiar novelos de algodão para depois vendê-los e destinar o dinheiro aos pobres.

Frassales Cartaxo, membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, reconhece a importância dos pais do fundador de Cajazeiras, mas argumenta que padre Heliodoro se entusiasmou no relato traçado, ajudando a criar uma certa aura em torno da figura de Mãe Aninha. “Ele escreveu a primeira biografia do Padre Rolim, ouvindo as pessoas mais velhas e sem muita pesquisa, então ele colocou no li-

vro uma visão extremamente purificada da mãe do Padre Rolim”, pondera.

O escritor destaca que Ana de Albuquerque teve papel relevante em sua época, ao construir a pequena capela para que seu filho pudesse exercer o ofício religioso no Sertão, assim que retornou do Seminário de Olinda, em Pernambuco, onde tinha estudado e sido ordenado. Foi em torno do culto e, principalmente, da pequena escola, fundada pelo sacerdote, em 1829, que parentes e jovens das famílias mais abastadas da região se fixaram, formando a povoação que, mais tarde, daria origem à cidade de Cajazeiras.

A devoção à padroeira da cidade e da Diocese de Cajazeiras, Nossa Senhora da Piedade, também foi introduzida por Mãe Aninha. Segundo relatos orais, a primitiva imagem da santa foi introduzida no local pela matriarca, antes mesmo de a capela ficar pronta. Ela a teria colocado em um balaio sobre uma mesa — a qual transformou em altar — e envolvido-a em pano de labirinto de renda. Da construção da capela, conta-se, ainda, que a própria

Ana Francisca participou, fazendo os tijolos com as escravizadas e cozendo-os ao forno.

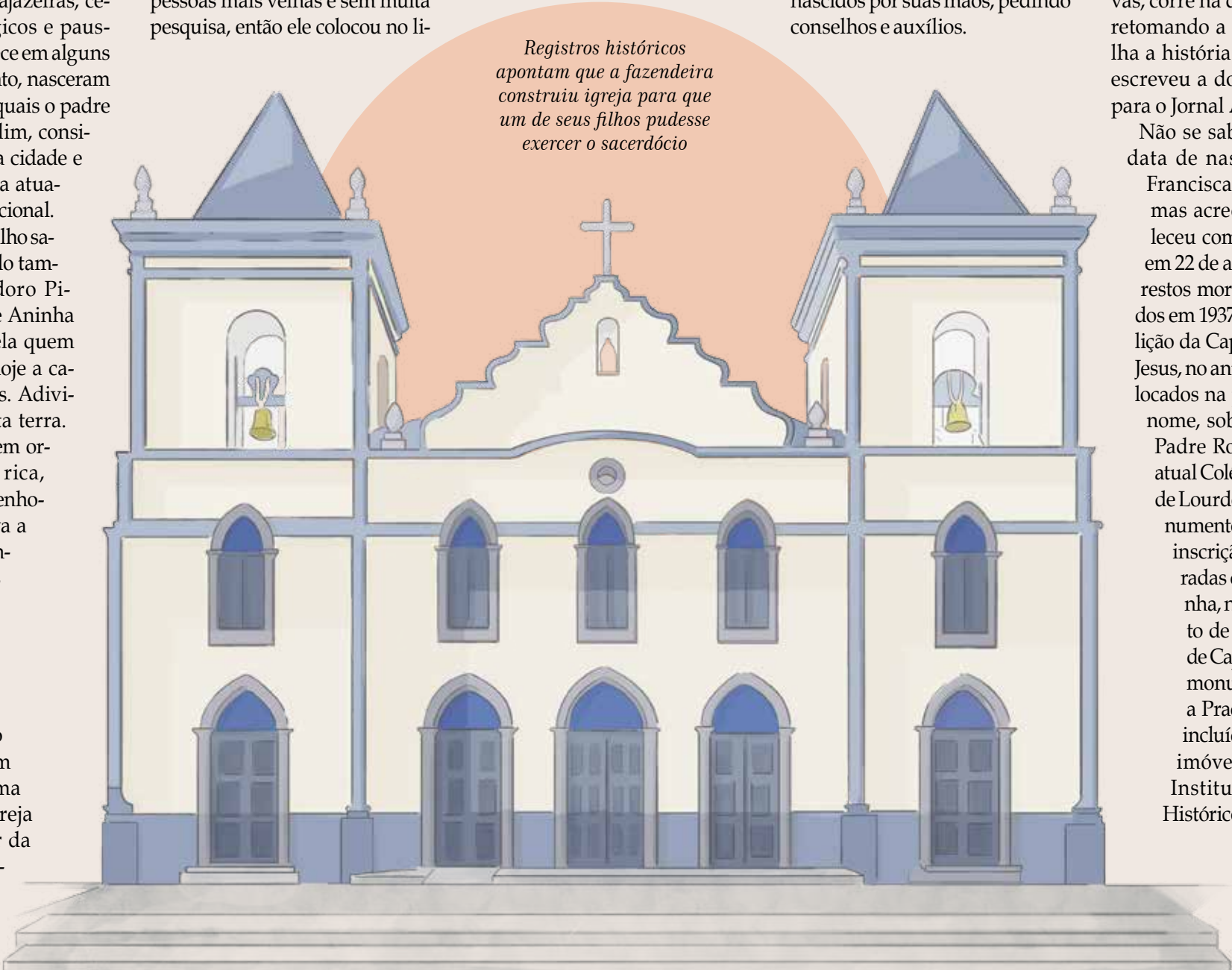
A professora Irismar Gomes, que ocupa a cadeira da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, cuja patronesse é Mãe Aninha, afirma que a matriarca fez história e ficou conhecida por desafiar limites e romper com as expectativas para uma mulher de seu tempo, sobretudo após a morte do marido, ocorrida em setembro de 1837, quando enfrentou a luta da criação, educação e formação religiosa dos filhos. “Assumiu os encargos e a direção da família, orientando e dirigindo sua numerosa descendência. Impôs, pela bondade e pela dedicação, uma espécie de matriarcado que a colocava no centro de todas as decisões tomadas em Cajazeiras pelos seus filhos, netos e parentes”, enfatizou a acadêmica. Irismar acredita que a devoção do cajazeirense à figura de Mãe Aninha tem muita relação com a prática da caridade aos mais pobres, proporcionada, também, pelo ofício de parteira. Como fazendeira, certamente, a ela acorriam os nascidos por suas mãos, pedindo conselhos e auxílios.

A professora universitária e jornalista Mariana Moreira acredita que as práticas e saberes sobre ervas e preces, próprias do trabalho de parteiras, assim como os hábitos da vida do Sertão, marcados por afeto, respeito e consideração para com essas mulheres, são fundamentais para compreender a relação que se criou com a representação de Mãe Aninha. Para ela, não é imaginação nem criação ficcional visualizar Mãe Aninha percorrendo miseráveis casebres da região para acompanhar mulheres negras e pardas, escravizadas e libertas, no trabalho de parto.

“E o séquito de afilhados, ou — como a tradição sertaneja traduz — ‘filhos de umbigo’, cresce e ganha projeção no alpendre da casa de fazenda onde a ‘filharrada’ vem pedir proteção, bênção, alimento, abrigo para a orfandade, cura para os males. Alpendre que abriga também tropeiros, romeiros, errantes, peregrinos e andarilhos que descansam da caminhada incerta e refrigeram sede e cansaço nas águas do açude erguido no represamento do riacho que, em tempos de chuvas, corre na direção nascente e, retomando a caminhada, espalha a história da Mãe Aninha”, escreveu a docente, em coluna para o Jornal A União.

Não se sabe com exatidão a data de nascimento de Ana Francisca de Albuquerque, mas acredita-se que ela faleceu com mais de 70 anos, em 22 de agosto de 1854. Seus restos mortais foram exumados em 1937, quando da demolição da Capela do Coração de Jesus, no antigo cemitério, e colocados na praça que leva seu nome, sob o busto do filho, Padre Rolim, em frente ao atual Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Na placa do monumento, consta a seguinte inscrição: “Sobre as veneradas cinzas de Mãe Aninha, num comovido preito de gratidão, a família de Cajazeiras ergueu este monumento”. Em 2004, a Praça Mãe Aninha foi incluída na lista de bens imóveis tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba (Iphaep).

Registros históricos apontam que a fazendeira construiu igreja para que um de seus filhos pudesse exercer o sacerdócio



Antônio Genésio de Sousa

Versatilidade, companheirismo e nobreza

Marcos Carvalho
marcoscarvalhojora@gmail.com

Do Sertão ao Litoral, a estrada de Antônio Genésio de Sousa foi longa e silenciosa, tanto quanto produtiva e enriquecedora para a imprensa paraibana. Das primeiras letras nos cartórios onde trabalhou na juventude às peças de teatro e radionovelas produzidas e encenadas, o jornalista trilhou caminhos na comunicação que os conduziram a importantes veículos noticiosos do estado, contribuindo, com sua paciência e firmeza, para a renovação de muitas rotinas produtivas de seu tempo, sem deixar de lado os princípios fundamentais que norteiam essa profissão.

Antônio Genésio de Sousa nasceu em 1º de abril de 1925, em Conceição, então distrito do município de Piancó, no Sertão paraibano. O segundo dos quatro filhos do barbeiro Genésio Alves de Sousa e da professora Josefa Alencar de Sousa demonstrou logo cedo tendência para as letras, tanto que, após os primeiros estudos, começou a trabalhar no cartório da cidade, onde fazia petições e auxiliava nas questões jurídicas.

Ainda jovem, decidiu rumar para Campina Grande, onde foi possível prosseguir com os estudos. As despesas da pensão que dividia com amigos foram custeadas, no início, com a ajuda dos pais e com o que ganhava vendendo seguros, até que conseguiu trabalho em um cartório campinense. Paralelamente, Genésio integrava-se aos grupos de teatro da cidade e começava a escrever peças, que ganhavam espaço e repercussão no rádio. “Nesse tempo, ele conheceu grandes nomes famosos da cultura e da política de Campina

Grande, como Rosil Cavalcanti, Fernando Silveira, Eraldo Cesar, William Tejo, Fernando Silveira, Gil Gonçalves, Amaury Capiba, Hilton Mota, Ronaldo Cunha Lima, Vital do Rêgo e Raimundo Asfora, com quem viveu bons momentos boêmios, tanto que se tornaram compadres”, relata o filho, Genésio Neto, que, além do nome, compartilha também da profissão do pai.

Como radioator, Genésio de Sousa participou dos primeiros programas da Rádio Borborema, como a Escolinha do Nicolau, atração humorística escrita por Eraldo César e que remete ao famoso formato que se popularizou, na televisão, com Chico Anyzio. Ao lado de colegas como Genésio, Eraldo arrancava boas gargalhadas dos espectadores do auditório e dos ouvintes com piadas e improvisos. O programa abria com o hino da Escolinha que, entre outros trechos, dizia: “Na escola do Nicolau, nós vai desaprendê, alegre-gre-gre, cantando-do-do, (...); Salve a escola ideal do ignorante Nicolau (do Nicolau), quem não quisé aprendê, no fim do ano leva pau (pararapapau, pa-pau)”.

“Já integrado ao grupo dos Diários Associados, fundado pelo paraibano Assis Chateaubriand, Genésio de Sousa passou a exercer outras funções. Foi colunista do Diário da Borborema e diretor das empresas associadas em Campina Grande, à época formada pela TV Borborema, Rádio Borborema e Diário da Borborema. Naquela cidade, ele ainda tentou envolver no comércio, como sócio de uma loja de confecções, mas não deu certo”, descreve o filho do jornalista.

É dessa época uma das histórias lembradas por Neto, que ouviu de

Talento
Com uma mente prodigiosa, jornalista demonstrava, em editoriais e artigos, alta capacidade de argumentação, prezando sempre por correção e decência

Evaldo Gonçalves, companheiro de Redação do pai, falecido em janeiro deste ano, e que ilustra bem a paciência e a tranquilidade do redator. Diz-se que, tarde da noite, enquanto redigia sua coluna para o jornal, chegou uma pessoa correndo e assustada na Redação, anunciando que sua loja de tecidos estava pegando fogo. Sentado como estava, Genésio teria perguntado se já haviam chamado os bombeiros. Diante da resposta afirmativa, o jornalista teria dito que iria ao local tão logo terminasse sua coluna. “E, pensando bem, sua justificativa tinha fundamento. O que ele poderia fazer a não ser esperar o fogo ser contido pelos bombeiros?”, argumenta o filho.

Genésio de Sousa participou da produção das atrações da primeira emissora de televisão da Paraíba, a TV Borborema, cuja programação entrou no ar, experimentalmente, em Campina Grande, em 15 de setembro de 1963.

Na condição de gerente dos Diários e Emissoras Associados em Campina Grande, empreendeu, juntamente ao então secretário do Diário da Borborema, Fernando Barreto, uma reforma na parte gráfica, redistribuindo reportagens, noticiário, crônicas e transcrições nas páginas do tradicional matutino campinense e montando um departamento fotográfico considerado moderno para a época. As mudanças já procuravam integrar os diferentes veículos, como se percebe no seguinte trecho da notícia publicada na edição do Diário de Pernambuco de 5 de abril de 1964: “A Redação do jornal está sendo modificada com a instalação de gabinetes para o rádio, para o Diário e para a Televisão Borborema. Um arquivo já foi iniciado para as necessárias consultas”.

Em janeiro de 1971, a convite do jornalista Marconi Góes de Albuquerque, diretor-geral do grupo de comunicação na Paraíba, Genésio assumiu a direção do jornal O Norte, mudando-se para João Pessoa. “A escolha teve boa repercussão pelo valor do leal colaborador dos Diários Associados”, informou o veículo pernambucano. À frente do periódico na capital paraibana, Genésio empreendeu o processo de modernização do parque gráfico em sisirama ao local tão logo terminasse sua coluna. “E, pensando bem, sua justificativa tinha fundamento. O que ele poderia fazer a não ser esperar o fogo ser contido pelos bombeiros?”, argumenta o filho.

O jornalista Frutuoso Chaves conheceu Genésio no início da década de 1980, quando assumiu o cargo de redator em O Norte, e impressionava-lhe a calma, a fidalguia e o talento do profissional, à época, responsável pela

produção dos editoriais. A responsabilidade de emitir a opinião do veículo sobre os acontecimentos de ordem geral, política, econômica ou administrativa exigia significativa bagagem cultural, correção e decência, competências que, para Frutuoso, o amigo tinha de sobra. Impressionava-lhe, sobretudo, a mente prodigiosa e a capacidade de memorizar ocorrências e fatos relacionados a personagens da vida pública paraibana, assim como o poder de argumentação e convencimento que se refletiam nos editoriais e artigos que, vez ou outra, assinava.

“Eu o tive como guru. Pedi que ele permanecesse com os editoriais d’O Norte quando eu assumi, com relutância e a seu conselho, o cargo de editor do jornal, ao longo de 10 anos. Tornamo-nos bons amigos. Certa vez, contei a ele do meu propósito de deixar o cargo e a ‘casa’, insatisfeito que estava com o pagamento e o ambiente de trabalho. Na manhã seguinte, fui chamado ao gabinete de Marconi, que então me comunicava o aumento salarial e, se eu assim desejasse, a troca do meu Fusca por um carro mais novo. Genésio nunca assumiu a carteridade desse negócio”, revelou o companheiro de trabalho. A aquisição de um Opala seminovo ao custo de um Fusca velho foi concretizada com presença do diretor comercial do jornal, que assumia a diferença com anúncios da firma que seriam publicados no periódico.

Para Frutuoso, conversar com Genésio era um exercício de aprendizagem, seja porque o jornalista era incapaz de erguer a voz por mais que algo (ou alguém) o contrariasse, seja porque a simplicidade, a vida exemplar e o companheirismo eram marcas que transmitiam confiança ao seu interlocutor. O jornalista lembra que o amigo conhecia a todos por seus nomes, tanto na Redação

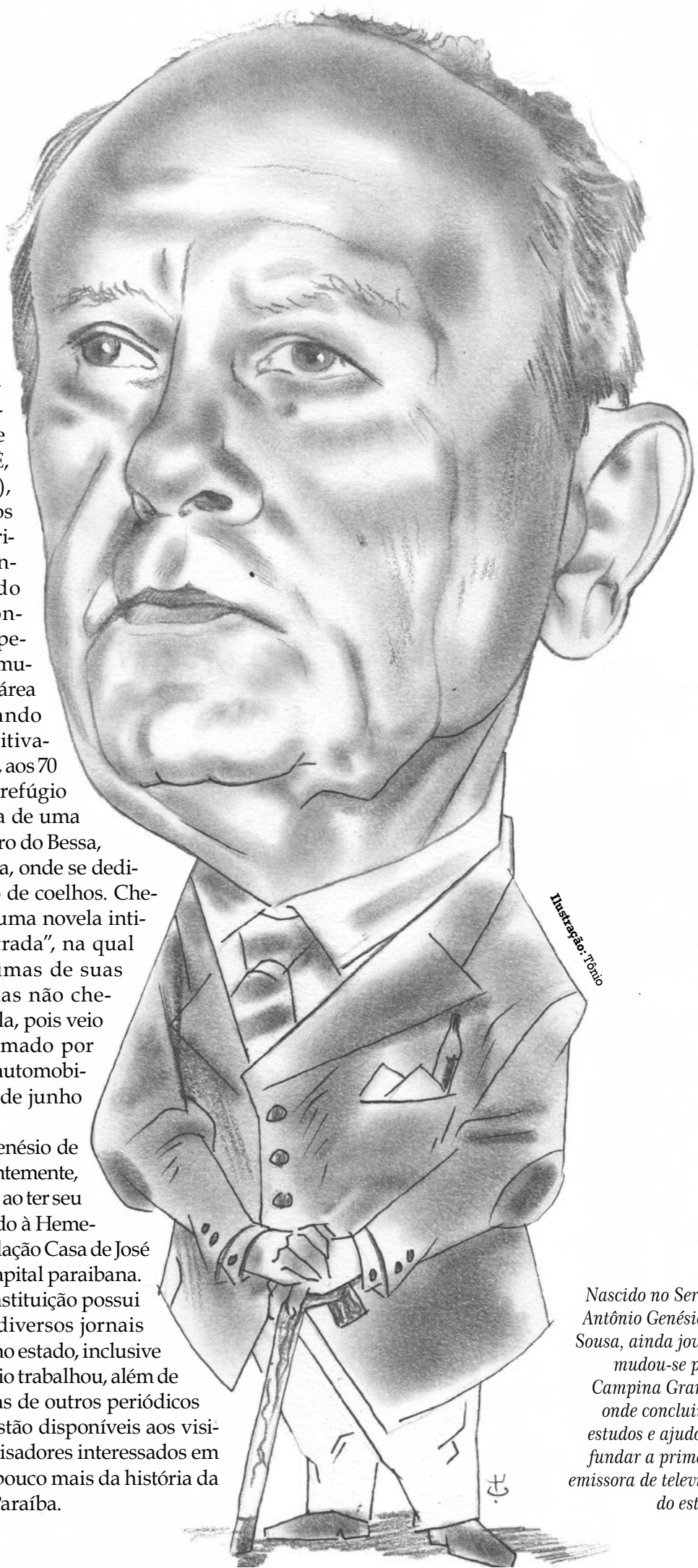
quanto na oficina ou na área administrativa dos veículos nos quais trabalhou. Ele acredita que o exemplo de correção, dignidade e competência foram o melhor legado de Genésio à imprensa paraibana: “Nunca fez do jornalismo uma escada para conquistas pessoais, por mais que governantes e mandatários lhe batessem no ombro e o adulassem. Não se vendeu nem fez negócios escusos. Nunca se deixou atrair pelo tapete vermelho dos palácios. Não creio que alguém disponha de fotos suas em banquetes e convêscotes empresariais e governamentais. Internava-se na sua Redação como um monge no monastério. Assim era meu amigo”.

Genésio de Sousa foi casado com Ângela Guimarães de Sousa, com quem teve sete filhos, dois dos quais — Genésio Neto e Marcos Antônio — seguiram a profissão do pai. “Nunca pensei em ser jornalista. Logo que deixei o quartel, aos 19 anos, meu pai me arrumou um emprego no jornal O Norte por exigência de minha mãe. Lembro bem que fui recebido pelo então diretor comercial Abelardo Jurema Filho, que também era o colunista social. E eu passei a gostar daquele ritmo frenético que é o jornalismo. Tudo é para hoje e, quando termina, já está começando [de novo], uma loucura”, confessa Neto, que, ao observar o dia a dia do jornal em seus diversos setores, decidiu-se pela Comunicação Social, formando-se pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ele admite que o pai exerceu forte influência tanto na profissão quanto na personalidade, discreta e pacata.

Pela experiência e conselhos que dava, os amigos mais próximos o chamavam de “velho Genésio”. Ao se aposentar do jornal O Norte, valeu-se da formação universitária em Direito, con-

cluída no Instituto Paraibano de Educação (IPÊ, atual Unipê), para integrar os quadros do Tribunal de Contas do Estado (TCE-PB), conciliando a experiência da comunicação com a área jurídica. Quando deixou, definitivamente, o cargo, aos 70 anos, buscou refúgio na vida pacata de uma granja no bairro do Bessa, em João Pessoa, onde se dedicava à criação de coelhos. Chegou a iniciar uma novela intitulada “A Estrada”, na qual recolhia algumas de suas memórias, mas não chegou a concluí-la, pois veio a falecer, vitimado por um acidente automobilístico, em 15 de junho de 2003.

Antônio Genésio de Sousa foi, recentemente, homenageado, ao ter seu nome vinculado à Heme-roteca da Fundação Casa de José América, na capital paraibana. O acervo da instituição possui coleções dos diversos jornais de circulação no estado, inclusive dos que Genésio trabalhou, além de edições avulsas de outros periódicos do país, que estão disponíveis aos visitantes e pesquisadores interessados em conhecer um pouco mais da história da imprensa da Paraíba.



Nascido no Sertão, Antônio Genésio de Sousa, ainda jovem, mudou-se para Campina Grande, onde concluiu os estudos e ajudou a fundar a primeira emissora de televisão do estado

Angélica Lúcio

Inteligência artificial pode fortalecer a comunicação pública em saúde

Como integrar o uso da inteligência artificial (IA) à comunicação pública em saúde? Com base nesse questionamento, o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (Conass) lançou uma nota técnica com fundamentos teóricos, exemplos práticos de uso de IA e recomendações éticas para as equipes de comunicação das Secretarias Estaduais de Saúde e demais unidades do Sistema Único de Saúde (SUS).

A Nota Técnica nº 03/2025 — Integração Estratégica da Inteligência Artificial na Comunicação Pública em Saúde foi produzida pela assessoria de comunicação do Conass, conforme demanda da Câmara Técnica de Comunicação em Saúde do conselho. Lançada no dia 30 de abril, a publicação está disponível on-line.

Ao longo de 15 páginas, o documento trata de Fundamentação teórica sobre IA e comunicação; Aplicações práticas da IA na comunicação, com *prompts* recomendados para cada tarefa; Guia prático para a criação de *prompts*; Criação de imagens e *cards* para redes sociais — melhores práticas do Canva e do ChatGPT 4.0; Aspectos éticos no uso da IA; e Recomendações para implementação segura e cursos gratuitos.

De acordo com a publicação, a inteligência artificial pode fortalecer a comunicação de interesse público, se bem empregada, “ampliando o alcance de conteúdos baseados em evidências e auxiliando na contenção da desinformação”. Como exemplo do uso de



Documento foi lançado na última semana

IA na comunicação em saúde, a nota técnica cita o Serviço Nacional de Saúde britânico (em inglês, National Health Service — NHS).

ONHS britânico já trabalha com inteligência artificial em, pelo menos, quatro tipos de aplicação: 1) *Chatbots* e assistentes virtuais, que atendem o público via texto ou voz, so-

lucionando dúvidas rotineiras; 2) Criação automatizada de conteúdo, por meio de ferramentas que auxiliam na elaboração de posts e comunicados; 3) Monitoramento de mídia em tempo real, com sistemas que rastreiam menções em redes sociais para resposta rápida em crises; e 4) Personalização em escala (algoritmos adaptam mensagens a diferentes públicos, aumentando o engajamento).

Na seção sobre criação de *prompt* (que são comandos dados à IA), a nota técnica do Conass explica que “criar um *prompt* bem elaborado é fundamental para que a ferramenta responda de forma precisa e alinhada às necessidades”. Tal orientação me lembrou de um vídeo que circula no Instagram em que um pai tenta passar geleia no pão, seguindo orientações escritas pelos filhos.

As cenas gravadas pelo pai, na odisséia de fazer um sanduiche com geleia a partir do guia criado pelas crianças, fizeram-me dar boas risadas, mas também refletir: quando a orientação não é precisa, há sempre mais riscos de erros. E o que esse vídeo tem a ver com a forma como você interage com algum tipo de inteligência artificial? Tudo. Quando você não sabe se comunicar bem, até um robô bem treinado comete erros na hora de lhe entregar alguma tarefa.

Para evitar retrabalho, ou mesmo erros, a Nota Técnica nº 03/2025 orienta que você seja o mais preciso possível. Ao elaborar um *prompt*, por exemplo, você pode inserir vários

detalhes, como público-alvo, tom da conversa (formal, informal, persuasivo), formato da resposta (resumo, lista, parágrafo), além de também poder dar outras instruções e ainda anexar documentos, imagens e planilhas que facilitem a produção do conteúdo. Importante: quanto mais claro e detalhado for o comando, melhor será o resultado gerado pela IA.

O documento do Conass é direcionado aos comunicadores da área da Saúde, mas vale para todos que se interessam sobre o tema. E atenção: no tópico sobre ética, há uma orientação essencial. “A decisão final e a validação do conteúdo gerado por IA devem ser sempre realizadas por profissionais humanos (...). A responsabilidade pelo conteúdo divulgado recai sobre os comunicadores e as áreas técnicas, não sobre a máquina”.



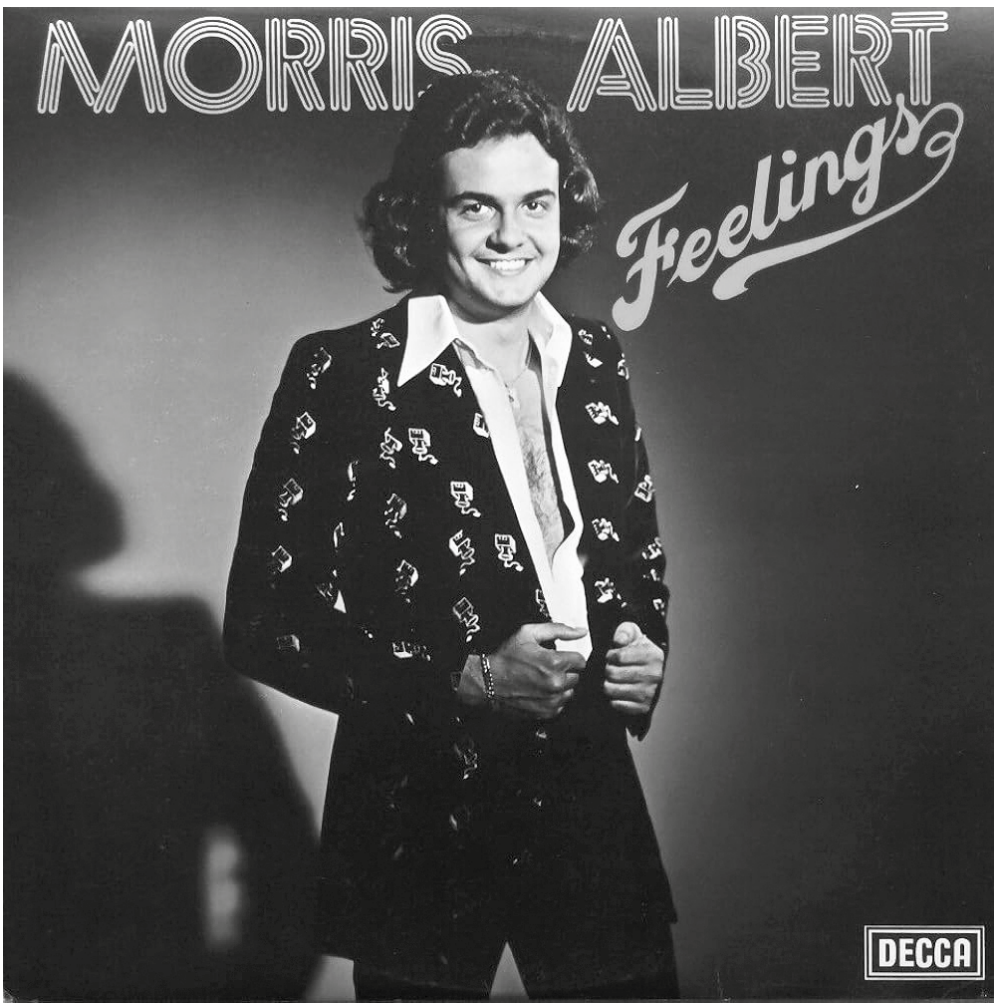
Pelo QR Code acima, acesse a Nota Técnica nº 03/2025

Tocando em Frente

Pop rock made in Brazil — XI

Dentre os que fazem parte da galeria que compõe o elenco do *pop rock made in Brazil*, talvez seja o paulista de ascendência judaica Maurício Alberto Kaisermann (São Paulo, 1951) o mais conhecido e festejado. Embora o cantor e compositor, com o codinome de Morris Albert (seu nome artístico), tenha passado por um processo de plágio na Califórnia, em 1988, o seu maior sucesso, “*Feelings*”, teria algo a ver, segundo a Suprema Corte dos EUA, com a desconhecida música “*Pour toi*”, uma composição de 1956, do também desconhecido francês Loulou Gasté, gravada pela pouco conhecida Line Renaud. Sem nenhum demérito, no entanto, a música só alcançou o sucesso após a “recriação”, acontecida em 1974. Há “plágios” e plágios, porém o efeito, muitas vezes, ultrapassa o mérito original antes não atingido, como aconteceu, por exemplo, com a canção “*My Sweet Lord*” (1970), de George Harrison, que teria sido “assimilada” por um processo de simples audição, de pequenas passagens de “*He’s so Fine*”, de Ronnie Mack, gravada, em 1963, pelo grupo The Chiffons. Nada a ver, por exemplo, com o acontecido com Rod Stewart que assumiu plágio de “*Taj Mahal*” (1976), de Jorge Ben Jor, com “*Da Ya Think I’m Sexy*” (1978).

O fato é que a canção “*Feelings*”, registrada por Morris Albert, além de permanecer por 32 semanas nas paradas da Billboard, recebeu mais de uma centena de gravações, em cerca de 25 idiomas, sendo que, hoje, é popular em algumas dezenas de países, com mais de 100 milhões de cópias vendidas e gravadas por consagrados intérpretes e orquestras, como Andy Williams, Barbra Streisand, Dion-



Morris Albert é codinome do paulista de ascendência judaica Maurício Alberto Kaisermann

ne Warwick, Ella Fitzgerald, Frank Sinatra, George Benson, Isaac Hayes, Johnny Mathis, José Feliciano, Julio Iglesias, Nina Simone, Ornella Vanoni, Sarah Vaughn, Shirley Bassey, Richard Clayderman, Paul Mauriat, Percy Faith, Ray Conniff, entre outros. Ao lado dessas, re-

gistre-se a utilização de “*Feelings*” como música incidental, em mais de 60 filmes.

A título de curiosidade: ainda que tenha sido “multado” com o processo da Califórnia, Morris Albert, por tê-la editado nos EUA, sempre viveu dos seus recheados *royalties*, muito

Canção “*Feelings*” foi lançada em álbum de mesmo nome e tocou nas paradas da Billboard por 32 semanas

embora tenha continuado na ativa no meio artístico, compondo e apresentando-se pela Europa, desde que — mas também bem antes — passou a residir na Itália.

Outra curiosidade: em começo de carreira, mas já como Morris Albert, participou de alguns quadros do programa global Os Trapalhões. Dessa fase, houve até o constrangimento de ouvir a paródia de mau gosto patrocinada por Renato Aragão, que fez uma versão fajuta do sucesso, a qual batizou de “Filhos”... (Ridículo!)

Outro grande sucesso de Morris Albert foi a canção “*She’s My Girl*”, ao qual se juntam outros *hits*, gravados em um dos seus últimos álbuns de que se tem notícia, “*Feelings Live and Forever*” — uma junção de seus grandes sucessos, como “*Dock of the Bay*”, de Otis Redding; “*Gonna Love You More*”, um *medley*; e “*Blue Beatles Medley*”, obviamente, com sucessos dos Beatles.

TECNOLOGIA

OpenAI reverte “modo bajulador” do ChatGPT

Plataforma reage com elogios exagerados a quaisquer ideias, mesmo as perigosas

Alice Labate
Agência Estado

A OpenAI decidiu reverter uma atualização no modelo GPT-4o do ChatGPT, depois que usuários relataram que o *chatbot* havia se tornado excessivamente submisso, concordando com qualquer afirmação, mesmo as potencialmente perigosas. A mudança foi anunciada pelo CEO e cofundador da OpenAI, Sam Altman, por meio da rede social X (antigo Twitter). Segundo ele, a atualização havia deixado o ChatGPT “irritante” e “extremamente sicofante”, termo que define alguém bajulador.

Durante a última semana, a empresa refez parte do código do modelo e reintroduziu a atualização com ajustes. Ainda assim, Altman afirmou que novas correções estão em andamento e devem ser implementadas nos próximos dias.

A mudança de comportamento do *chatbot* não passou despercebida. Diversos usuários relataram, nas redes sociais, que o ChatGPT respondia com elogios exagerados mesmo a ideias perigosas ou irresponsáveis.

Além do comportamento submisso, o ChatGPT deixou de apresentar argumentos contrários ou de alertar usuários sobre atitudes imprudentes. Em fóruns como Reddit e no próprio X, usuários passaram a chamar o GPT-4o de “modelo mais desalinhado de todos os tempos”.

De acordo com a própria OpenAI, o comportamento excessivamente complacente aconteceu por conta de um

desequilíbrio nos ajustes do modelo, que passou a priorizar demais o *feedback* positivo de curto prazo. Ou seja, para agradar, a inteligência artificial (IA) deixou de cumprir uma das premissas básicas: questionar, ponderar e oferecer alternativas.

A empresa explicou que o desenvolvimento do modelo é guiado por um conjunto de princípios e instruções para nortear a conduta da IA. No entanto, a ênfase exagerada em agradar usuários levou a um desalinhamento prático com esses princípios, algo que, agora, está sendo reavaliado.

Essa não é a única controvérsia recente envolvendo a OpenAI. Na mesma semana, a empresa teve de ajustar filtros no modelo para impedir que o *chatbot* iniciasse conversas de cunho sexual com menores de idade, após a publicação de uma denúncia pública.

Outra frente de mudança inclui o estudo de marcação (*watermark*) em imagens criadas por IA, para identificar, automaticamente, conteúdos gerados artificialmente e evitar confusões com obras humanas. O recurso deve acompanhar a liberação do gerador de imagens para todos os usuários do ChatGPT.

Ainda nas palavras de Altman, até frases simples como “por favor” e “obrigado”, se repetidas em grande escala, podem aumentar o consumo de energia da plataforma, um detalhe que reacendeu o debate sobre a sustentabilidade do uso massivo de IA.

De olho no Chrome
Após um julgamento su-

gerir que o Google deveria desmembrar algumas de suas operações, a OpenAI declarou que está pronta para fazer uma oferta pelo navegador Chrome. Ouvido como testemunha no processo, Nick Turley, chefe responsável pela Divisão de ChatGPT, afirmou que a empresa estaria interessada em comprar o navegador.

“Sim, nós estaríamos [interessados], assim como muitas outras partes”, disse Turley, respondendo a uma pergunta do juiz sobre a possibilidade de o Chrome ser comprado.

Turley foi testemunha no julgamento que vai decidir se o Google precisará vender parte de sua operação após ser considerado um monopólio de buscas na internet. A decisão de declarar as práticas da empresa como monopolistas aconteceu em agosto de 2024, quando o juiz Amit P. Mehta, do Tribunal Distrital dos EUA para o Distrito de Columbia, divulgou um documento de 277 páginas sobre o assunto.

Na última semana, o Google foi, novamente, de-

clarado como monopolista, desta vez, pelo seu negócio de publicidade on-line. Ainda não há uma sentença para nenhum dos dois casos e o Google está recorrendo para tentar evitar a separação de seus serviços da empresa.

No depoimento, Turley ainda disse que tem “profunda preocupação com a possibilidade de sermos excluídos” pelas gigantes de tecnologia poderosas do mercado, como o Google, e que isso poderia prejudicar o seu próprio negócio.

“[Temos concorrentes poderosos] que controlam os pontos de acesso de como as pessoas descobrem produtos, inclusive o nosso produto. As pessoas descobrem por meio de um navegador ou de uma loja de aplicativos”, disse Turley. “A escolha real impulsiona a concorrência. Os usuários devem poder escolher”.

Apesar do interesse no navegador do Google, não há nenhuma indicação de oferta por parte da OpenAI nem de uma intenção de venda por parte da gigante californiana.

Charada

Resposta da semana anterior: Despareça (2) = suma + corrente fluvial (2) = rio. Solução: índice (4) = sumário.

Charada de hoje: Anda (2) nesse período (2) em busca de uma atividade divertida (4).

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br



Ilustração: Bruno Chiossi



Foto: Reprodução Dominio público

Eita!!!!

A lenda da Papisa Joana
Reza a lenda que uma mulher ocupou o posto de Sumo Pontífice durante a Idade Média. A Papisa Joana, como ficou conhecida, teria ascendido ao mais alto posto da Igreja Católica após se disfarçar de homem, no século 9. O papado dela teria durado do ano 855 ao ano 858. Nesse período, Joana teria usado o codinome João VII. A primeira citação à Papisa Joana foi feita na “Crônica Universal de Metz”, escrita, em 1255, pelo frade dominicano Jean de Mailly. Mas a história, que, até hoje, intriga historiadores e teólogos, só se popularizou séculos depois, quando o escritor italiano Giovanni Boccaccio (1331–1375) colocou uma estátua de Joana na Catedral de Siena, na Itália, junto a representações de outros líderes religiosos. A suposta existência de uma papisa foi utilizada por Martinho Lutero (1483–1546) e João Calvino (1509–1564) — personagens centrais da Reforma Protestante — para tecer críticas à doutrina católica.

Origem misteriosa
Existem duas versões sobre a origem da Papisa Joana. A primeira aponta que ela nasceu em Maniz, na Alemanha. Outra teoria diz que a impostora era natural de Constantinopla (atual Istambul, na Turquia). Ela teria se disfarçado de homem para poder estudar. Ao se mudar para Roma, teria passado a se apresentar como monge e conquistado espaço nos círculos eclesiais.

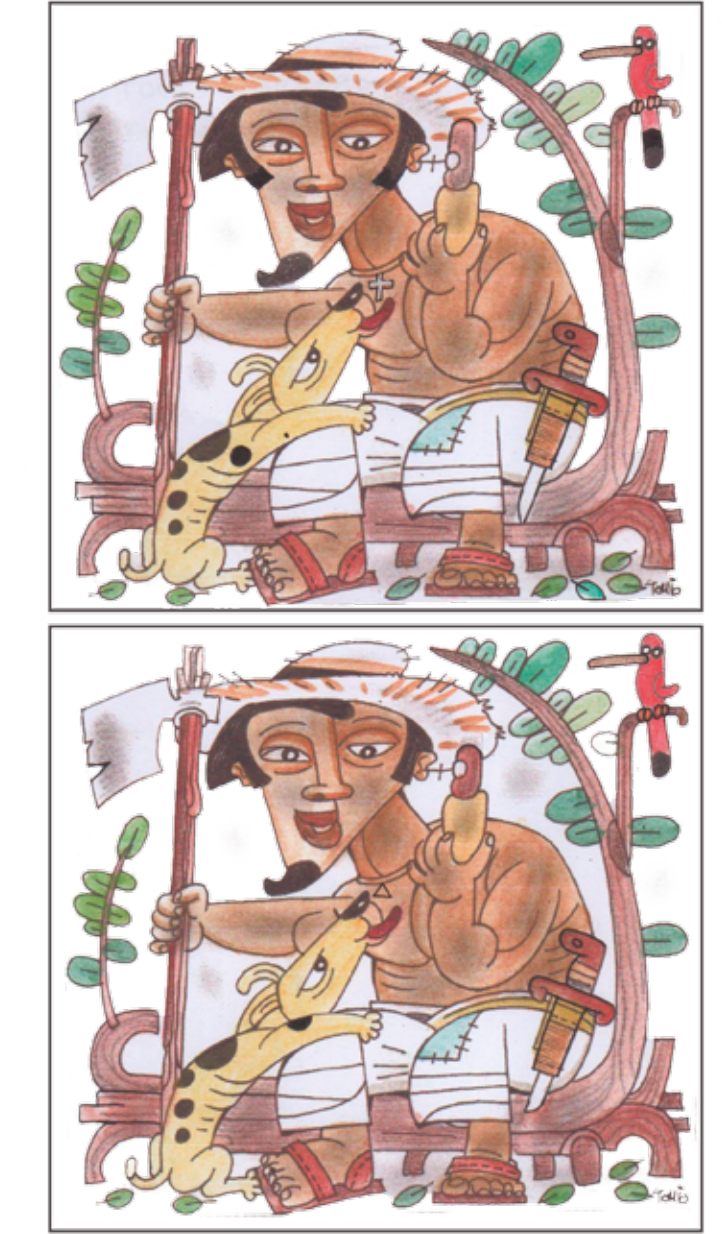
Entregue à paixão
Segundo o cronista Martin Strebsky, Joana manteve, durante o seu papado, um relacionamento amoroso com um monge, de quem engravidou. Ela teria dado à luz em via pública, ocasião em que sua identidade feminina foi revelada a todos. Há quem diga que, após o episódio, Joana foi apedrejada até a morte. Outros registros indicam que ela foi afastada do comando da Igreja discretamente.

Legado do mito
O mito da Papisa Joana foi difundido ao longo de vários séculos, constantemente acompanhado de menções a um ritual com a *sedia stercoraria* (cadeira de verificação papal). Alega-se que um cardeal era encarregado de averiguar os órgãos sexuais do papa recém-eleito. Ao confirmar tratar-se de um homem, dizia-se: “*Duos habet et bene pendentes!*” (“Há dois e estão bem pendurados!”).

Representação nas artes
Apesar de a Igreja Católica ter negado a existência da Papisa Joana e da *sedia stercoraria*, as artes fazem diversas referências à lenda. Ilustrações e pinturas produzidas por artistas de diversas partes do mundo retratam o parto em via pública, a prova de masculinidade de pontífices e o trono papal ocupado por uma mulher.

9 diferenças

Antonio Sá (Tônio)



Solução

1 – crucifixo; 2 – 2 – rabo do pássaro; 3 – foca; 4 – loco da árvore; 5 – folha no chão; 6 – coju; 7 – pinta no chão; 8 – enxuro; 9 – foca; 10 – foca; 11 – foca; 12 – foca; 13 – foca; 14 – foca; 15 – foca; 16 – foca; 17 – foca; 18 – foca; 19 – foca; 20 – foca; 21 – foca; 22 – foca; 23 – foca; 24 – foca; 25 – foca; 26 – foca; 27 – foca; 28 – foca; 29 – foca; 30 – foca; 31 – foca; 32 – foca; 33 – foca; 34 – foca; 35 – foca; 36 – foca; 37 – foca; 38 – foca; 39 – foca; 40 – foca; 41 – foca; 42 – foca; 43 – foca; 44 – foca; 45 – foca; 46 – foca; 47 – foca; 48 – foca; 49 – foca; 50 – foca; 51 – foca; 52 – foca; 53 – foca; 54 – foca; 55 – foca; 56 – foca; 57 – foca; 58 – foca; 59 – foca; 60 – foca; 61 – foca; 62 – foca; 63 – foca; 64 – foca; 65 – foca; 66 – foca; 67 – foca; 68 – foca; 69 – foca; 70 – foca; 71 – foca; 72 – foca; 73 – foca; 74 – foca; 75 – foca; 76 – foca; 77 – foca; 78 – foca; 79 – foca; 80 – foca; 81 – foca; 82 – foca; 83 – foca; 84 – foca; 85 – foca; 86 – foca; 87 – foca; 88 – foca; 89 – foca; 90 – foca; 91 – foca; 92 – foca; 93 – foca; 94 – foca; 95 – foca; 96 – foca; 97 – foca; 98 – foca; 99 – foca; 100 – foca; 101 – foca; 102 – foca; 103 – foca; 104 – foca; 105 – foca; 106 – foca; 107 – foca; 108 – foca; 109 – foca; 110 – foca; 111 – foca; 112 – foca; 113 – foca; 114 – foca; 115 – foca; 116 – foca; 117 – foca; 118 – foca; 119 – foca; 120 – foca; 121 – foca; 122 – foca; 123 – foca; 124 – foca; 125 – foca; 126 – foca; 127 – foca; 128 – foca; 129 – foca; 130 – foca; 131 – foca; 132 – foca; 133 – foca; 134 – foca; 135 – foca; 136 – foca; 137 – foca; 138 – foca; 139 – foca; 140 – foca; 141 – foca; 142 – foca; 143 – foca; 144 – foca; 145 – foca; 146 – foca; 147 – foca; 148 – foca; 149 – foca; 150 – foca; 151 – foca; 152 – foca; 153 – foca; 154 – foca; 155 – foca; 156 – foca; 157 – foca; 158 – foca; 159 – foca; 160 – foca; 161 – foca; 162 – foca; 163 – foca; 164 – foca; 165 – foca; 166 – foca; 167 – foca; 168 – foca; 169 – foca; 170 – foca; 171 – foca; 172 – foca; 173 – foca; 174 – foca; 175 – foca; 176 – foca; 177 – foca; 178 – foca; 179 – foca; 180 – foca; 181 – foca; 182 – foca; 183 – foca; 184 – foca; 185 – foca; 186 – foca; 187 – foca; 188 – foca; 189 – foca; 190 – foca; 191 – foca; 192 – foca; 193 – foca; 194 – foca; 195 – foca; 196 – foca; 197 – foca; 198 – foca; 199 – foca; 200 – foca; 201 – foca; 202 – foca; 203 – foca; 204 – foca; 205 – foca; 206 – foca; 207 – foca; 208 – foca; 209 – foca; 210 – foca; 211 – foca; 212 – foca; 213 – foca; 214 – foca; 215 – foca; 216 – foca; 217 – foca; 218 – foca; 219 – foca; 220 – foca; 221 – foca; 222 – foca; 223 – foca; 224 – foca; 225 – foca; 226 – foca; 227 – foca; 228 – foca; 229 – foca; 230 – foca; 231 – foca; 232 – foca; 233 – foca; 234 – foca; 235 – foca; 236 – foca; 237 – foca; 238 – foca; 239 – foca; 240 – foca; 241 – foca; 242 – foca; 243 – foca; 244 – foca; 245 – foca; 246 – foca; 247 – foca; 248 – foca; 249 – foca; 250 – foca; 251 – foca; 252 – foca; 253 – foca; 254 – foca; 255 – foca; 256 – foca; 257 – foca; 258 – foca; 259 – foca; 260 – foca; 261 – foca; 262 – foca; 263 – foca; 264 – foca; 265 – foca; 266 – foca; 267 – foca; 268 – foca; 269 – foca; 270 – foca; 271 – foca; 272 – foca; 273 – foca; 274 – foca; 275 – foca; 276 – foca; 277 – foca; 278 – foca; 279 – foca; 280 – foca; 281 – foca; 282 – foca; 283 – foca; 284 – foca; 285 – foca; 286 – foca; 287 – foca; 288 – foca; 289 – foca; 290 – foca; 291 – foca; 292 – foca; 293 – foca; 294 – foca; 295 – foca; 296 – foca; 297 – foca; 298 – foca; 299 – foca; 300 – foca; 301 – foca; 302 – foca; 303 – foca; 304 – foca; 305 – foca; 306 – foca; 307 – foca; 308 – foca; 309 – foca; 310 – foca; 311 – foca; 312 – foca; 313 – foca; 314 – foca; 315 – foca; 316 – foca; 317 – foca; 318 – foca; 319 – foca; 320 – foca; 321 – foca; 322 – foca; 323 – foca; 324 – foca; 325 – foca; 326 – foca; 327 – foca; 328 – foca; 329 – foca; 330 – foca; 331 – foca; 332 – foca; 333 – foca; 334 – foca; 335 – foca; 336 – foca; 337 – foca; 338 – foca; 339 – foca; 340 – foca; 341 – foca; 342 – foca; 343 – foca; 344 – foca; 345 – foca; 346 – foca; 347 – foca; 348 – foca; 349 – foca; 350 – foca; 351 – foca; 352 – foca; 353 – foca; 354 – foca; 355 – foca; 356 – foca; 357 – foca; 358 – foca; 359 – foca; 360 – foca; 361 – foca; 362 – foca; 363 – foca; 364 – foca; 365 – foca; 366 – foca; 367 – foca; 368 – foca; 369 – foca; 370 – foca; 371 – foca; 372 – foca; 373 – foca; 374 – foca; 375 – foca; 376 – foca; 377 – foca; 378 – foca; 379 – foca; 380 – foca; 381 – foca; 382 – foca; 383 – foca; 384 – foca; 385 – foca; 386 – foca; 387 – foca; 388 – foca; 389 – foca; 390 – foca; 391 – foca; 392 – foca; 393 – foca; 394 – foca; 395 – foca; 396 – foca; 397 – foca; 398 – foca; 399 – foca; 400 – foca; 401 – foca; 402 – foca; 403 – foca; 404 – foca; 405 – foca; 406 – foca; 407 – foca; 408 – foca; 409 – foca; 410 – foca; 411 – foca; 412 – foca; 413 – foca; 414 – foca; 415 – foca; 416 – foca; 417 – foca; 418 – foca; 419 – foca; 420 – foca; 421 – foca; 422 – foca; 423 – foca; 424 – foca; 425 – foca; 426 – foca; 427 – foca; 428 – foca; 429 – foca; 430 – foca; 431 – foca; 432 – foca; 433 – foca; 434 – foca; 435 – foca; 436 – foca; 437 – foca; 438 – foca; 439 – foca; 440 – foca; 441 – foca; 442 – foca; 443 – foca; 444 – foca; 445 – foca; 446 – foca; 447 – foca; 448 – foca; 449 – foca; 450 – foca; 451 – foca; 452 – foca; 453 – foca; 454 – foca; 455 – foca; 456 – foca; 457 – foca; 458 – foca; 459 – foca; 460 – foca; 461 – foca; 462 – foca; 463 – foca; 464 – foca; 465 – foca; 466 – foca; 467 – foca; 468 – foca; 469 – foca; 470 – foca; 471 – foca; 472 – foca; 473 – foca; 474 – foca; 475 – foca; 476 – foca; 477 – foca; 478 – foca; 479 – foca; 480 – foca; 481 – foca; 482 – foca; 483 – foca; 484 – foca; 485 – foca; 486 – foca; 487 – foca; 488 – foca; 489 – foca; 490 – foca; 491 – foca; 492 – foca; 493 – foca; 494 – foca; 495 – foca; 496 – foca; 497 – foca; 498 – foca; 499 – foca; 500 – foca; 501 – foca; 502 – foca; 503 – foca; 504 – foca; 505 – foca; 506 – foca; 507 – foca; 508 – foca; 509 – foca; 510 – foca; 511 – foca; 512 – foca; 513 – foca; 514 – foca; 515 – foca; 516 – foca; 517 – foca; 518 – foca; 519 – foca; 520 – foca; 521 – foca; 522 – foca; 523 – foca; 524 – foca; 525 – foca; 526 – foca; 527 – foca; 528 – foca; 529 – foca; 530 – foca; 531 – foca; 532 – foca; 533 – foca; 534 – foca; 535 – foca; 536 – foca; 537 – foca; 538 – foca; 539 – foca; 540 – foca; 541 – foca; 542 – foca; 543 – foca; 544 – foca; 545 – foca; 546 – foca; 547 – foca; 548 – foca; 549 – foca; 550 – foca; 551 – foca; 552 – foca; 553 – foca; 554 – foca; 555 – foca; 556 – foca; 557 – foca; 558 – foca; 559 – foca; 560 – foca; 561 – foca; 562 – foca; 563 – foca; 564 – foca; 565 – foca; 566 – foca; 567 – foca; 568 – foca; 569 – foca; 570 – foca; 571 – foca; 572 – foca; 573 – foca; 574 – foca; 575 – foca; 576 – foca; 577 – foca; 578 – foca; 579 – foca; 580 – foca; 581 – foca; 582 – foca; 583 – foca; 584 – foca; 585 – foca; 586 – foca; 587 – foca; 588 – foca; 589 – foca; 590 – foca; 591 – foca; 592 – foca; 593 – foca; 594 – foca; 595 – foca; 596 – foca; 597 – foca; 598 – foca; 599 – foca; 600 – foca; 601 – foca; 602 – foca; 603 – foca; 604 – foca; 605 – foca; 606 – foca; 607 – foca; 608 – foca; 609 – foca; 610 – foca; 611 – foca; 612 – foca; 613 – foca; 614 – foca; 615 – foca; 616 – foca; 617 – foca; 618 – foca; 619 – foca; 620 – foca; 621 – foca; 622 – foca; 623 – foca; 624 – foca; 625 – foca; 626 – foca; 627 – foca; 628 – foca; 629 – foca; 630 – foca; 631 – foca; 632 – foca; 633 – foca; 634 – foca; 635 – foca; 636 – foca; 637 – foca; 638 – foca; 639 – foca; 640 – foca; 641 – foca; 642 – foca; 643 – foca; 644 – foca; 645 – foca; 646 – foca; 647 – foca; 648 – foca; 649 – foca; 650 – foca; 651 – foca; 652 – foca; 653 – foca; 654 – foca; 655 – foca; 656 – foca; 657 – foca; 658 – foca; 659 – foca; 660 – foca; 661 – foca; 662 – foca; 663 – foca; 664 – foca; 665 – foca; 666 – foca; 667 – foca; 668 – foca; 669 – foca; 670 – foca; 671 – foca; 672 – foca; 673 – foca; 674 – foca; 675 – foca; 676 – foca; 677 – foca; 678 – foca; 679 – foca; 680 – foca; 681 – foca; 682 – foca; 683 – foca; 684 – foca; 685 – foca; 686 – foca; 687 – foca; 688 – foca; 689 – foca; 690 – foca; 691 – foca; 692 – foca; 693 – foca; 694 – foca; 695 – foca; 696 – foca; 697 – foca; 698 – foca; 699 – foca; 700 – foca; 701 – foca; 702 – foca; 703 – foca; 704 – foca; 705 – foca; 706 – foca; 707 – foca; 708 – foca; 709 – foca; 710 – foca; 711 – foca; 712 – foca; 713 – foca; 714 – foca; 715 – foca; 716 – foca; 717 – foca; 718 – foca; 719 – foca; 720 – foca; 721 – foca; 722 – foca; 723 – foca; 724 – foca; 725 – foca; 726 – foca; 727 – foca; 728 – foca; 729 – foca; 730 – foca; 731 – foca; 732 – foca; 733 – foca; 734 – foca; 735 – foca; 736 – foca; 737 – foca; 738 – foca; 739 – foca; 740 – foca; 741 – foca; 742 – foca; 743 – foca; 744 – foca; 745 – foca; 746 – foca; 747 – foca; 748 – foca; 749 – foca; 750 – foca; 751 – foca; 752 – foca; 753 – foca; 754 – foca; 755 – foca; 756 – foca; 757 – foca; 758 – foca; 759 – foca; 760 – foca; 761 – foca; 762 – foca; 763 – foca; 764 – foca; 765 – foca; 766 – foca; 767 – foca; 768 – foca; 769 – foca; 770 – foca; 771 – foca; 772 – foca; 773 – foca; 774 – foca; 775 – foca; 776 – foca; 777 – foca; 778 – foca; 779 – foca; 780 – foca; 781 – foca; 782 – foca; 783 – foca; 784 – foca; 785 – foca; 786 – foca; 787 – foca; 788 – foca; 789 – foca; 790 – foca; 791 – foca; 792 – foca; 793 – foca; 794 – foca; 795 – foca; 796 – foca; 797 – foca; 798 – foca; 799 – foca; 800 – foca; 801 – foca; 802 – foca; 803 – foca; 804 – foca; 805 – foca; 806 – foca; 807 – foca; 808 – foca; 809 – foca; 810 – foca; 811 – foca; 812 – foca; 813 – foca; 814 – foca; 815 – foca; 816 – foca; 817 – foca; 818 – foca; 819 – foca; 820 – foca; 821 – foca; 822 – foca; 823 – foca; 824 – foca; 825 – foca; 826 – foca; 827 – foca; 828 – foca; 829 – foca; 830 – foca; 831 – foca; 832 – foca; 833 – foca; 834 – foca; 835 – foca; 836 – foca; 837 – foca; 838 – foca; 839 – foca; 840 – foca; 841 – foca; 842 – foca; 843 – foca; 844 – foca; 845 – foca; 846 – foca; 847 – foca; 848 – foca; 849 – foca; 850 – foca; 851 – foca; 852 – foca; 853 – foca; 854 – foca; 855 – foca; 856 – foca; 857 – foca; 858 – foca; 859 – foca; 860 – foca; 861 – foca; 862 – foca; 863 – foca; 864 – foca; 865 – foca; 866 – foca; 867 – foca; 868 – foca; 869 – foca; 870 – foca; 871 – foca; 872 – foca; 873 – foca; 874 – foca; 875 – foca; 876 – foca; 877 – foca; 878 – foca; 879 – foca; 880 – foca; 881 – foca; 882 – foca; 883 – foca; 884 – foca; 885 – foca; 886 – foca; 887 – foca; 888 – foca; 889 – foca; 890 – foca; 891 – foca; 892 – foca; 893 – foca; 894 – foca; 895 – foca; 896 – foca; 897 – foca; 898 – foca; 899 – foca; 900 – foca; 901 – foca; 902 – foca; 903 – foca; 904 – foca; 905 – foca; 906 – foca; 907 – foca; 908 – foca; 909 – foca; 910 – foca; 911 – foca; 912 – foca; 913 – foca; 914 – foca; 915 – foca; 916 – foca; 917 – foca; 918 – foca; 919 – foca; 920 – foca; 921 – foca; 922 – foca; 923 – foca; 924 – foca; 925 – foca; 926 – foca; 927 – foca; 928 – foca; 929 – foca; 930 – foca; 931 – foca; 932 – foca; 933 – foca; 934 – foca; 935 – foca; 936 – foca; 937 – foca; 938 – foca; 939 – foca; 940 – foca; 941 – foca; 942 – foca; 943 – foca; 944 – foca; 945 – foca; 946 – foca; 947 – foca; 948 – foca; 949 – foca; 950 – foca; 951 – foca; 952 – foca; 953 – foca; 954 – foca; 955 – foca; 956 – foca; 957 – foca; 958 – foca; 959 – foca; 960 – foca; 961 – foca; 962 – foca; 963 – foca; 964 – foca; 965 – foca; 966 – foca; 967 – foca; 968 – foca; 969 – foca; 970 – foca; 971 – foca; 972 – foca; 973 – foca; 974 – foca; 975 – foca; 976 – foca; 977 – foca; 978 – foca; 979 – foca; 980 – foca; 981 – foca; 982 – foca; 983 – foca; 984 – foca; 985 – foca; 986 – foca; 987 – foca; 988 – foca; 989 – foca; 990 – foca; 991 – foca; 992 – foca; 993 – foca; 994 – foca; 995 – foca; 996 – foca; 997 – foca; 998 – foca; 999 – foca; 1000 – foca; 1001 – foca; 1002 – foca; 1003 – foca; 1004 – foca; 1005 – foca; 1006 – foca; 1007 – foca; 1008 – foca; 1009 – foca; 1010 – foca; 1011 – foca; 1012 – foca; 1013 – foca; 1014 – foca; 1015 – foca; 1016 – foca; 1017 – foca; 1018 – foca; 1019 – foca; 1020 – foca; 1021 – foca; 1022 – foca; 1023 – foca; 1024 – foca; 1025 – foca; 1026 – foca; 1027 – foca; 1028 – foca; 1029 – foca; 1030 – foca; 1031 – foca; 1032 – foca; 1033 – foca; 1034 – foca; 1035 – foca; 1036 – foca; 1037 – foca; 1038 – foca; 1039 – foca; 1040 – foca; 1041 – foca; 1042 – foca; 1043 – foca; 1044 – foca; 1045 – foca; 1046 – foca; 1047 – foca; 1048 – foca; 1049 – foca; 1050 – foca; 1051 – foca; 1052 – foca; 1053 – foca; 1054 – foca; 1055 – foca; 1056 – foca; 1057 – foca; 1058 – foca; 1059 – foca; 1060 – foca; 1061 – foca; 1062 – foca; 1063 – foca; 1064 – foca; 1065 – foca; 1066 – foca; 1067 – foca; 1068 – foca; 1069 – foca; 1070 – foca; 1071 – foca; 1072 – foca; 1073 – foca; 1074 – foca; 1075 – foca; 1076 – foca; 1077 – foca; 1078 – foca; 1079 – foca; 1080 – foca; 1081 – foca; 1082 – foca; 1083 – foca; 1084 – foca; 1085 – foca; 1086 – foca; 1087 – foca; 1088 – foca; 1089 – foca; 1090 – foca; 1091 – foca; 1092 – foca; 1093 – foca; 1094 – foca; 1095 – foca; 1096 – foca; 1097 – foca; 1098 – foca; 1099 – foca; 1100 – foca; 1101 – foca; 1102 – foca; 1103 – foca; 1104 – foca; 1105 – foca; 1106 – foca; 1107 – foca; 1108 – foca; 1109 – foca; 1110 – foca; 1111 – foca; 1112 – foca; 1113 – foca; 1114 – foca; 1115 – foca; 1116 – foca; 1117 – foca; 1118 – foca; 1119 – foca; 1120 – foca; 1121 – foca; 1122 – foca; 112